

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

**CONHECENDO O MUNICÍPIO DE BONITO/MS ATRAVÉS DO OLHAR
DE SEUS HABITANTES: PAISAGENS, LUGARES E A
VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.**

KARINA BASÍLIO CERDOURA

AQUIDAUANA

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

KARINA BASÍLIO CERDOURA

**CONHECENDO O MUNICÍPIO DE BONITO/MS ATRAVÉS DO OLHAR DE
SEUS HABITANTES: PAISAGENS, LUGARES E A VALORIZAÇÃO DA
EXPERIÊNCIA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Geografia, sob a orientação da Professora Dra. Cleonice Gardin.

AQUIDAUANA

2008

COMISSÃO JULGADORA:

Orientadora Profa. Dra. Cleonice Gardin

Profa. Dra. Icléia Albuquerque de Vargas

Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani

A todos que, generosamente, abriram as portas de suas casas, me receberam e comigo compartilharam suas lembranças e desejos.

A cada um de meus entrevistados, dedico.

AGRADECIMENTOS

Considero a conclusão desta pesquisa uma vitória.

Ela torna concreto todo um processo de amadurecimento e descobertas, muitas vezes difícil e solitário, mas, principalmente, feliz.

Muitas foram as pessoas que me ajudaram a percorrer esse caminho. A elas, agradeço do fundo do coração.

À oportunidade inestimável de fazer parte deste programa de mestrado que, a despeito das dificuldades, me levou por um novo caminho do conhecimento, além de ter possibilitado grandes encontros, com pessoas que se tornaram muito especiais.

À querida professora Cleonice Gardin, minha orientadora, que, sempre paciente com minhas hesitações e dificuldades, me guiou por esse caminho. Aprendi com ela que as pessoas verdadeiramente grandes são, também, generosas. Agradeço por nosso encontro.

À Bolsa CAPES, Programa de Demanda Social.

Aos bons professores que conheci, por sua preocupação genuína com nossa formação.

Aos colegas de mestrado, de todas as turmas com as quais tive a oportunidade de conviver, que tornaram, cada um a seu modo, esse caminho muito mais colorido. Em especial à Flávia, amiga e parceira de viagem.

Às “bárbaras” companheiras de república, Arlinda, Silvania, Samira e Pollianna, com quem compartilhei descobertas, dificuldades, muitas alegrias e a imensa saudade que se sente quando se está longe de casa.

Aos queridos Elionete e Ricardo, amigos para toda a vida.

À Dani e à Cida, por sua imprescindível ajuda ao organizar as questões práticas de nossa vida de estudantes.

Aos professores membros da banca no exame de qualificação, Icléia e Milton, por sua generosidade e entusiasmo em relação ao trabalho.

A todos em Bonito que colaboraram com a execução desta pesquisa. Destaco a ajuda de Ivan Salzo, que traduziu o resumo; Ana Cristina Trevelin; Erondina Peralta; Patrícia Gressler; Maria Aparecida Sanches Xavier e de Antonio Carlos Silveira Soares, o Tó.

À família e aos velhos amigos, responsáveis por tudo aquilo que temos de bom em nós. Sempre presentes, apesar das distâncias. Mãe, Ká, Cris e Lu, aqui tem um pouquinho de vocês!

Ao meu amor, que mais uma vez cuidou de mim e me acompanhou em um momento tão importante.

Por fim, àqueles que concordaram em compartilhar suas experiências comigo, nas ruas de Bonito ou no aconchego de suas casas.

Valeu a pena!

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido (...)

Merleau-Ponty

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	i
LISTA DE TABELAS.....	ii
LISTA DE APÊNDICES.....	iii
LISTA DE ANEXOS.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	06
<u>CAPÍTULO I – O MUNICÍPIO DE BONITO</u>.....	17
1. Contexto regional: o Estado de Mato Grosso do Sul e a microrregião geográfica da Bodoquena.....	18
1.1. Breve panorama histórico do estado de Mato Grosso do Sul.....	18
1.2. A microrregião geográfica da Bodoquena.....	27
2. Bonito: características e contexto histórico.....	33
<u>CAPÍTULO II – O MUNICÍPIO DE BONITO E O TURISMO</u>.....	46
1. A atividade turística.....	47
2. Desenvolvimento e consolidação do turismo em Bonito.....	51
<u>CAPÍTULO III – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>.....	62
1. Fenomenologia: compreendendo o método.....	63
2. A construção do saber geográfico e a influência da Fenomenologia.....	67
3. A influência da Fenomenologia sobre as categorias de análise da Geografia.....	80
3.1. Espaço vivido e lugar.....	81
3.2. A paisagem.....	86
3.3. O território.....	89
3.4. A região.....	92

CAPÍTULO IV – BONITO: ESPAÇO VIVIDO E PERCEBIDO PELO MORADOR	95
1. Os Festivais.....	97
1.1. O festival de Inverno.....	99
1.1.1. Caracterização dos entrevistados.....	102
1.1.2. Opiniões.....	104
1.2. O Festival da Guavira.....	110
1.2.1. Caracterização dos entrevistados.....	112
1.2.2. Opiniões.....	114
2. Paisagens e lugares.....	121
2.1. Mudanças na paisagem ao longo do tempo.....	121
2.2. Desenvolvimento e consolidação do turismo em Bonito: a visão dos moradores....	145
2.3. O lugar.....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	170
APÊNDICES	176
ANEXOS	189

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mesorregiões Geográficas do estado de Mato Grosso do Sul.....	26
FIGURA 2 - Localização da Microrregião Geográfica da Bodoquena e seus municípios....	28
FIGURA 3 - Localização do município de Bonito.....	34
FIGURA 4 - Divisão do perímetro urbano de Bonito em setores, de acordo com o plano diretor do município.....	38
FIGURA 5 - Localização dos principais atrativos turísticos do município de Bonito.....	54
FIGURA 6 - Praça da Liberdade e Monumento às Piraputangas (2007).....	99
FIGURA 7 - Inauguração do Monumento às Piraputangas e noite de abertura do 8º Festival de Inverno de Bonito (01/08/2007).....	101
FIGURA 8 - Tempo de residência em Bonito, para os entrevistados nascidos em outras localidades.....	103
FIGURA 9 - Entrevistados de acordo com as faixas etárias.....	103
FIGURA 10 - Festival da Guavira de Bonito. No palco da Praça da Liberdade, apresentação musical com um grupo de crianças do município (24/11/2007).....	112
FIGURA 11 - Tempo de residência no município de Bonito, para os entrevistados nascidos em outras localidades.....	113
FIGURA 12 - Entrevistados agrupados de acordo com as faixas etárias.....	113
FIGURA 13 - Músicos que visitavam as casas, arrecadando prendas para a festa de São Pedro.....	126
FIGURA 14 - Avenida Cel. Pilad Rebuá. Próximo ao carro de boi, terreno cercado onde hoje é a Praça da Liberdade e, ao fundo a igreja da Sagrada Família.....	129
FIGURA 15 - Avenida Pilad Rebuá, à direita vê-se parte do terreno onde hoje é a Praça da Liberdade.....	130
FIGURA 16 - As cruces de madeira que ficam dentro da capela do Senhorzinho (12/10/2007).....	141
FIGURA 17 - Vista geral do público presente à missa, ao fundo a capelinha, casa onde viveu o Senhorzinho, hoje reformada (12/10/2007).....	142
FIGURA 18 - Fiéis entram na capelinha, após o término da missa. Ao fundo, a imagem de Nossa Senhora Aparecida (12/10/2007).....	142
FIGURA 19 - Vista da missa campal e bênção aos cavaleiros (12/10/ 2007).....	143
FIGURA 20 - Um dos cavaleiros mais conhecidos de Bonito, Marcondes de Assis, tradicionalmente trajado, assiste à missa campal (12/10/2007).....	144

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - População residente e situação de domicílio nos municípios que integram a Microrregião Geográfica da Bodoquena, em valores absolutos, para o ano de 2000.....	28
TABELA 2 - Mudanças que o Festival de Inverno trás para a cidade, segundo os entrevistados.....	104
TABELA 3 - Preferência dos entrevistados, quanto às atividades oferecidas durante o Festival de Inverno.....	105
TABELA 4 - Opções de lazer citadas pelos entrevistados.....	106
TABELA 5 - Mudanças que o Festival da Guavira trás para a cidade, segundo os entrevistados.....	114
TABELA 6 - Preferência pelas atividades oferecidas durante o Festival da Guavira, segundo os entrevistados.....	115
TABELA 7 - Opções de lazer citadas pelos entrevistados.....	115
TABELA 8 - Diferenças do Festival de Inverno de Bonito, em relação ao Festival da Guavira.....	118
TABELA 9 - Diferenças do Festival da Guavira de Bonito, em relação ao Festival de Inverno.....	118

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE I - Roteiros das entrevistas realizadas durante o Festival de Inverno de Bonito, em agosto de 2007.....	176
APÊNDICE II - Roteiros das entrevistas realizadas durante o Festival da Guavira de Bonito, em novembro de 2007.....	178
APÊNDICE III - Roteiros das entrevistas complementares às informações sobre o Festival de Inverno e o Festival da Guavira, realizadas em 2008.....	180
APÊNDICE IV - Roteiros das entrevistas realizadas junto a representantes do poder público, em 2008.....	183
APÊNDICE V - Temas abordados durante as entrevistas abertas e identificação dos entrevistados.....	186

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Material de divulgação do 8º Festival de Inverno de Bonito, realizado em 2007.....	189
ANEXO II - Material de divulgação do VI Festival da Guavira de Bonito, realizado em 2007.....	191
ANEXO III - Carta Aberta pela Cultura de Bonito, produzida durante a 1ª Conferência Municipal de Cultura de Bonito, realizada em novembro de 2007.....	193

RESUMO

A presente dissertação é fruto de trabalho de pesquisa empreendido junto ao Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Seu objetivo principal foi o de conhecer o município de Bonito através do olhar de seus habitantes. A partir do resgate de suas experiências, idéias e expectativas, entramos em contato com a realidade tal qual é experimentada e interpretada por eles e, assim, apresentamos uma descrição desta realidade. Para atingir tais objetivos, partimos de uma perspectiva fenomenológica da ciência e das categorias de análise da Geografia, através da qual podemos considerar os lugares e paisagens como fenômenos experienciados do espaço. Compreendemos que é por intermédio da vivência e da experiência que são engendrados os sentimentos, idéias e lembranças de um determinado grupo sobre o ambiente que o cerca, de forma que, ao investigar tais experiências, nos aproximamos da própria realidade deste grupo. A fim de obter os relatos das experiências dos moradores de Bonito, optamos pela realização de 50 entrevistas semi-estruturadas durante dois importantes festivais culturais do município, além de entrevistas abertas, gravadas e conduzidas pela pesquisadora, que visaram o resgate de lembranças, do cotidiano, das mudanças observadas ao longo do tempo, e das expectativas. No município de Bonito a atividade turística se impõe como um importante vetor de mudanças sócio-espaciais, trazendo consigo novos hábitos e valores, que se convertem em novas perspectivas e questionamentos para a população local, e este cenário agrega grande complexidade ao objeto estudado. Se para o turista, Bonito é paisagem a ser descoberta, para os que vivem no município e têm ali sua família e amigos - aqueles que ali cresceram ou que ali chegaram em busca de tranquilidade ou trabalho - Bonito é seu lugar: sua porção do espaço dotada de extremo significado e valor, repleta de elementos conhecidos e reconhecíveis, que o tornam seguro, e fazem dele o seu refúgio. Apresentamos, então, como resultados, descrições de Bonito reveladas pelos moradores entrevistados: o município a partir de meados do século XX; as mudanças ocorridas na paisagem ao longo dos anos; o surgimento e consolidação da atividade turística e os motivos que fazem desta porção do espaço, um lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Bonito – percepção dos moradores – fenomenologia – lugar

ABSTRACT

The current dissertation is the result of research work endeavoured at Geography Master's Degree Program at Mato Grosso do Sul Federal University. Its main goal was to cognize Bonito municipality through their inhabitants' view. By rescuing their experiences, ideas, and expectations, we got in touch with reality just like they experiment and interpret it; therefore, we present a description of this reality. To attain such goals, we departed from a phenomenological perspective of science and analysis' categories of Geography, through which we could consider places and landscapes as experienced phenomena of space. We understand that by means of life and experience the feelings, ideas and memories of a particular group on the surrounding environment arise, in a way that when investigating such experiences, we get closer to this group's own reality. To obtain the reports of Bonito inhabitants' experiences, we chose to make 50 semi-structured interviews during two important cultural festivals of the municipality, besides open, recorded, author-guided interviews aiming to rescue memories, quotidian, changes noted along time, and expectations. In Bonito municipality, tourism arises as an important vector of social-spatial changes, introducing new habits and values, which are converted to new questions and perspectives to the local population, and this scenario aggregates great complexity to the studied subject. If for the tourist Bonito is a landscape to be discovered, for those who live in the municipality and have their friends and families there – those who have grown up or migrated to there in search of peace or work – Bonito is their place: their piece of space provided with extreme mean and value, full of known and recognizable elements, that turn Bonito safe, making it a refuge. Then, we present, as results, depictions of Bonito revealed by the interviewed residents: the municipality since the mid XX century; the changes made to the landscape along the years; the emergence and consolidation of tourism and the reasons that make this part of space, a place.

KEY-WORDS: Bonito – inhabitants' view - phenomenology – place

APRESENTAÇÃO

A importância dos estudos que, a partir da investigação da experiência dos indivíduos, buscam a compreensão da realidade, já havia sido demonstrada para mim durante o curso de graduação em Ecologia, na Universidade Estadual Paulista, em Rio Claro/SP.

Tive a oportunidade de investigar algo que a mim era muito caro naquele momento: as relações existentes entre os moradores da área de entorno e o Horto Florestal de Rio Claro.

Através dessa pesquisa travei contato, ainda que superficialmente, com a obra de Yi-fu Tuan, Lucrécia Ferrara e Lívia de Oliveira (mesmo desconhecendo, então, sua importância no meio acadêmico). Dessa forma, temas como percepção e lugar se tornaram “confortáveis” para mim, especialmente pela ajuda da professora Solange de Lima Guimarães, geógrafa.

Entretanto, embora conhecesse um pouco da obra de Tuan e tivesse me envolvido com o mundo vivido de meus entrevistados, saí desse processo desconhecendo vários aspectos importantes do método.

Não sabia, por exemplo, que o tipo de pesquisa que tinha desenvolvido tornou-se possível a partir de uma mudança de paradigmas pela qual passaram as ciências, a partir da década de 1960, especialmente no que se refere às influências da fenomenologia sobre a Geografia, valorizando a experiência, o mundo-vivido e a subjetividade.

A partir do momento em que iniciei o curso de mestrado em Geografia, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, um novo mundo de idéias e saberes passou a fazer parte da minha vida. Fui apresentada à multiplicidade e complexidade na análise do objeto, a qual nunca perde de vista a atuação do homem sobre o espaço.

A dificuldade em compreender a proposta de cada uma das subdivisões da Geografia, suas diferentes bases teóricas, categorias de análise e proposições metodológicas foi incrível. Afinal, o que a Geografia espera de mim enquanto pesquisadora?

Com o passar do tempo, percebi que essa dificuldade de compreensão tinha sua justificativa: os caminhos que a ciência geográfica percorreu ao longo do século XX foram realmente sinuosos. Perpassando por diferentes inclinações filosóficas; diferentes momentos históricos; diferentes configurações sociais e econômicas do mundo e, a cada momento, procurando compreender e absorver tais mudanças, incorporando-as ao seio da disciplina. Assim, considero a Geografia uma ciência que apresenta uma ampla gama de possibilidades ao pesquisador que assume a tarefa de compreender a ação dos homens sobre o espaço.

Ao buscar soluções para minhas dúvidas, me deparei com a necessidade de compreender o que era afinal a Geografia Humanista; em que momento histórico e social foi insuflada nas mentes dos pesquisadores, quais fundamentos filosóficos a embasaram? Enfim, era a Geografia Humanista uma resposta a quê? Quais aspectos do mundo a Geografia de cunho lógico-positivista, deixava de considerar ou objetivar?

Descobri, a partir deste processo inicial de aprendizado que os embates conceituais ocorridos no seio da Geografia revelaram resultados muito positivos, tanto para a ciência como para nós, pesquisadores. Cada vez mais permitimo-nos investigar o mundo em toda a sua multiplicidade: não importa se nos aproximamos deste mundo através da análise de sua forma, função e estrutura; ou nele vemos, além dos indivíduos, classes, movidas pela desigualdade social. Podemos também interpretá-lo a partir das alterações ambientais impostas pelas ações humanas; ou então investigar de que forma esse mesmo homem compreende o espaço em que vive, de que forma seus laços afetivos com esse espaço se traduzem em paisagens.

Ao mesmo tempo em que buscava compreender esses aspectos da Geografia, tive (através da disciplina Turismo com Base Local) meu primeiro contato com a análise do turismo enquanto fenômeno econômico que, como tal, imprime suas conseqüências no espaço e me deparava com a tarefa de buscar um interesse de pesquisa e investigação num ambiente, então, desconhecido: Bonito.

Confesso que nunca fui atraída pelas propagandas de divulgação de Bonito, como destino “eco turístico” e, portanto, nunca fui turista em Bonito. Cheguei até a cidade por motivos outros que não profissionais ou turísticos e nessa cidade morava há um ano quando fui aprovada na seleção do programa de mestrado.

Para mim, neste momento inicial, tão assustador quanto descobrir a diferença entre um pesquisador dialético e um sistêmico era saber: o que pesquisar, qual afinal é a minha pergunta central, o que me motiva em relação a Bonito?

Busquei, então, amparo nos assuntos que desde a graduação me eram pertinentes e gratificantes: o olhar das pessoas sobre seu espaço, suas memórias, anseios e experiências.

A construção desta pesquisa percorreu um longo caminho e não considero que o trabalho, ora finalizado, seja o último passo desta caminhada. O trabalho de pesquisa, muito mais que respostas e conclusões, trouxe questionamentos e dúvidas e o espaço desta dissertação não é suficiente para elucidá-las.

Inicialmente, minha proposta, conforme apresentada no primeiro projeto de pesquisa, era a de trabalhar com a percepção ambiental dos moradores, com atenção específica à área urbana de Bonito.

Essa idéia, aos poucos foi se modificando.

Tive meu primeiro contato com o assunto fenomenologia, a partir de uma das disciplinas do curso de mestrado (Teoria da Região e Regionalização) e, lentamente, fui compreendendo a relevância que essa corrente filosófica teve na discussão epistemológica empreendida a partir da década de 1960. As vivências dos indivíduos passaram a ser valorizadas como indícios da realidade estudada.

Após o exame de qualificação, em setembro de 2007, compreendi que não deveria reduzir minha análise à cidade, já que no município de Bonito, a linha que delimita rural e urbano é bastante tênue. A cidade apresenta clara dependência do meio rural e vice-versa.

A experiência do morador (ainda que este veja uma distinção mais clara do que os pesquisadores entre a cidade e as fazendas) não se limita à cidade, ela se dá no município como um todo e, por vezes, extrapola os limites do município para a região. Portanto seria limitador investigar a experiência relativa apenas à cidade.

Ainda em decorrência da qualificação, percebi que minha fundamentação teórica estava profundamente envolvida com o tema da valorização da experiência humana, da influência da fenomenologia na Geografia e do sentido de lugar, com destaque para as obras de Edward Relph e Yi-fu Tuan. Assim, decidi não me aprofundar no tema percepção ambiental (ainda que esta decorra desta valorização da experiência), pois considere que, para tanto, teria que me aproximar de outros autores e temas, específicos dessa abordagem.

Percebi ainda, a partir da minha própria vivência nesse lugar, que o morador de Bonito precisa falar de si mesmo e contar sua própria história. Muitas iniciativas têm sido

feitas nesse sentido, como o filme “Entre rios e histórias”¹ e as homenagens às famílias pioneiras² realizadas pelo projeto Na Luz de Bonito.

Considerarei, então, que a razão deste trabalho seria falar sobre Bonito a partir do olhar de seus moradores. Concentrei esforços na valorização de suas experiências em relação ao município, colhidas através de entrevistas e observações.

Espero que tenha acertado.

¹ O curta-metragem “Entre rios e histórias” foi produzido em 2004 pelo cineasta Alexandre Basso e mostra os moradores mais antigos de Bonito contando histórias e expondo suas lembranças.

² O projeto “Na Luz de Bonito” é ligado ao Movimento Brasil de Turismo e Cultura – MBTC (“O Movimento Brasil de Turismo e Cultura é a primeira experiência concreta inspirada nos conceitos e temas do Fórum Mundial de Turismo para Paz e Desenvolvimento Sustentável. É um projeto brasileiro, de ação contínua e âmbito nacional, que prevê a atuação em diversos destinos turísticos no País. Ele conta com o apoio de importantes organizações nacionais e internacionais, como os Ministérios do Turismo, da Cultura, do Meio Ambiente e do Trabalho e Emprego, além de agências da Organização das Nações Unidas – ONU”). Iniciou suas atividades em 2004, com a missão de valorizar, resgatar e promover a diversidade cultural de Bonito. Tem como alvo remanescentes das famílias pioneiras, crianças do ensino básico, acadêmicos e a comunidade em geral. Promove ações relevantes como as reuniões e homenagens às famílias pioneiras e moradores mais antigos, valorizando sua vida e história. Fonte: <http://www.movimentobrasil.org.br>. Acessado em 25 de julho de 2008.

INTRODUÇÃO

Existem traços comuns entre os indivíduos, que transcendem as particularidades culturais ou as características biológicas intrínsecas, e refletem nossa condição humana: o que nos une a todos num só grupo de seres capazes de dotar o espaço de valor e significado.

A partir do significado e do valor atribuídos ao espaço, estabelecem-se os laços de afetividade e pertencimento e isso se dá através da experiência.

Portanto, nos apropriamos do espaço de forma subjetiva, através da vivência e da experiência, e a ele conferimos definição, valor e significado.

O apreendemos inicialmente através do corpo e dos sentidos.

Para Machado (1999), além dos sentidos ditos comuns (visão, audição, tato, paladar e olfato), apreendemos a realidade também através de sentidos especiais, como o sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço e de lugar. E, além dos acontecimentos que chegam a nós por meio dos sentidos, existem outros, que se referem às informações adquiridas de maneira indireta, transmitidos por outras pessoas, por livros, meios de comunicação, entre outros. Esse conjunto de informações é, então, compreendido a partir de nossa capacidade cognitiva, mediada pelo contexto cultural e social do qual fazemos parte.

A idéia que cada indivíduo tem do mundo, ainda que subjetiva, é um importante elemento para a compreensão da realidade. Entretanto, por muito tempo as ciências deixaram de considerar a importância da experiência no contexto de suas análises.

A Geografia desde o início de sua organização como disciplina, no final do século XIX, destacou a importância da ligação entre as pessoas e o ambiente que as cerca,

notando, por exemplo, a estreita reciprocidade entre a Terra e seus habitantes, como evidenciado na obra de Humboldt e Ritter. Ratzel especificou a importância do solo na formação da identidade cultural de determinado grupo. O legado de Vidal de la Blache teve nos gêneros de vida uma forma de compreender os diferentes grupos humanos, suas atividades e usos divergentes do espaço.

Entretanto, fundamentada no positivismo, a Geografia ignorava os aspectos subjetivos, as idéias e significados que os povos atribuíam ao espaço, concentrando-se apenas nos aspectos materiais das culturas. Até então a Geografia, em termos comportamentais, avaliava apenas o homem como elemento condicionado pelo meio, desconsiderando a importância da experiência.

De acordo com Duncan³ (2004), por muito tempo os geógrafos limitaram seus métodos de pesquisa aos estudos de observação e arquivos, como uma garantia de manutenção da objetividade científica. A entrevista, ou outros meios de coleta de dados sobre percepção, raramente eram utilizados, ou seja, buscava-se o significado da paisagem a partir do ponto de vista do pesquisador, imerso em hipóteses pré-estabelecidas da realidade. Os profissionais mantinham-se indiferentes ao desenvolvimento das ciências sociais e das humanidades, permanecendo isolados das disciplinas de auto reflexão da filosofia e da teoria literária.

Segundo Cosgrove (2002, p.97), essa Geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem, pois tende a reduzi-la “a uma impressão impessoal de forças demográficas e econômicas”. No entanto, a Geografia, ao ser tratada como uma humanidade possibilita o estudo das paisagens como “uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados”, o que permite apreender muito deste significado. Para o autor, “os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica” (COSGROVE, 2002, p.108).

No decorrer do século XX o saber geográfico passou por profundas mudanças: seus métodos e pressupostos teóricos foram questionados, o que possibilitou a fundamentação de novas linhas de pensamento.

A partir do amplo contexto de transformações sociais das décadas de 1960 e 1970, impunha-se a necessidade de que as ciências se adequassem e fossem capazes de lançar luz sobre os novos acontecimentos.

Neste sentido, e a partir do âmbito em que foi desenvolvida esta pesquisa, pode-se destacar a influência da Fenomenologia no pensamento geográfico.

³ É importante destacar que, embora disponível em língua portuguesa desde 2004, o texto foi originalmente publicado em 1990, no livro *City as text. The politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press. À época, as entrevistas ou outros meios de coleta de dados sobre percepção, ainda eram raros nos estudos sobre significados das paisagens, de acordo com o autor.

Caracterizada como um método e uma forma de pensar concernentes ao estudo dos fenômenos, a Fenomenologia tem na vivência e na experiência os pontos fundamentais a partir dos quais se dá a compreensão do mundo (LENCIONI, 1999; RELPH, 1979).

Busca-se a essência das coisas: na forma com a qual o objeto aparece na consciência, reside a própria essência do objeto. Surge daí a importância de investigar a interpretação que as pessoas têm do mundo, como forma de se aproximar da essência deste mundo.

Através da adoção dos pressupostos fenomenológicos em seu seio, a Geografia trouxe à cena elementos até então negados pelo positivismo, além de criticar a depreciação que este fazia do mundo vivido em favor do concebido. Negou, ainda, as supostas objetividade e imparcialidade científicas, afirmando que “a consciência diante de qualquer objetivação científica é sempre uma consciência engajada” (LENCIONI, 1999, p.151). Para essa autora, a Geografia de inspiração fenomenológica apresenta uma discussão relevante ao considerar que conhecer a mente dos indivíduos ajuda a compreender como estes se comportam em relação ao espaço.

A incorporação da subjetividade e da dimensão psicológica ao olhar geográfico foi, portanto, inovadora. Passou-se a investigar a postura do homem perante o espaço: seu comportamento, memórias, percepções, além dos valores, representações e significados atribuídos. Assim, o espaço deixava de ser a referência central, dando lugar ao espaço vivido: “aquele que é construído socialmente a partir da percepção das pessoas” (LENCIONI, 1999, p.151).

Claval⁴ (1987, apud Vargas, 2006) considera que os geógrafos de hoje buscam compreender os sentimentos que envolvem os homens e o ambiente. A Geografia, pois, não pode mais ignorar a importância da experiência e do mundo-vivido. Segundo o autor, ao escutar as “sensibilidades”, esta nova abordagem da Geografia “descobre que as realidades regionais que explora existem em primeiro lugar no espírito das pessoas”.

Assumir um novo modo de enxergar os fenômenos geográficos conduziu à adoção de novos procedimentos de estudo e análise. Um novo olhar é lançado sobre as categorias fundamentais da Geografia: espaço, paisagem, território, lugar e região podem ser considerados a partir da perspectiva do indivíduo, do sentimento de pertencimento e identidade em relação ao espaço.

No sistema de relações que se estabelecem entre os homens e suas vizinhanças existem estruturas ou padrões de experiência e, por meio de uma destas estruturas, constitui-se o mundo-vivido geográfico: aquele que se dá a partir da experiência e se concretiza nos espaços, paisagens e lugares. De acordo com Relph (1979, p.7), é o mundo

⁴ CLAVAL, P. **A nova geografia**. Coimbra : Livraria Almedina, 1987.

“experenciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência”.

Isso significa que o espaço, as paisagens e os lugares à medida que são experienciados diretamente como atributos do mundo vivido, constituem as bases fenomenológicas da realidade geográfica (CABRAL e BUSS, 2002).

Fruto desse contato entre a ciência e as filosofias do significado, a Geografia Humanista se atém ao espaço vivido, à medida que considera os sentimentos e idéias que um determinado grupo tem sobre o espaço, formados a partir de sua experiência.

Para o geógrafo chinês Yi-fu Tuan, a Geografia Humanista, através de sua preocupação em estudar as relações do homem com a natureza e investigar seus sentimentos e idéias sobre o espaço, “reflete sobre os fenômenos geográficos a fim de melhor entender o homem e sua condição”.

Ao falarmos do espaço vivido e evocarmos a importância da experiência em sua conceituação, acabamos por nos deparar com outra categoria de análise que envolve os homens e a afetividade em relação ao espaço, o conceito de lugar, tão bem explorado por Tuan, especialmente na obra Espaço e Lugar (1983), fundamental para a realização desta pesquisa.

O lugar é considerado, no âmbito da Geografia Humanista, como a dimensão do espaço à qual conferimos definição, valor e significado. É pausa no movimento que empreendemos no espaço e que nos permite “olhar ao redor” e estabelecer laços. Referem-se ao lugar os sentimentos de pertença e segurança; o conceito de refúgio e a existência/permanência de elementos que tornem essa porção do espaço conhecida e reconhecível.

Ao assumirmos um novo modo de enxergar os fenômenos geográficos, somos conduzidos necessariamente a adoção de outros procedimentos de estudo e análise, que abordem o espaço, as paisagens e o lugar a partir da perspectiva da experiência dos indivíduos. Os estudos realizados na área mostram que já foram alcançados esclarecimentos sobre os fatores que fundamentam a identificação com o espaço:

A interpretação da experiência humana [...] pode ser sistematicamente explorada para esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, no que dizem respeito ao espaço, ao lugar e suas paisagens (Machado, 1999, p.98-99).

Portanto, cada idéia que temos sobre o mundo é composta de experiência pessoal, de aprendizado, imaginação e memória. E, obviamente, a observação pessoal produz impressões diferentes daquela que construímos por meio de lições, figuras, da imaginação.

Para Machado (1999, p.97) isto significa que:

Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e da fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza, de tudo o que o homem constrói e dele próprio. Todos os tipos de experiências, desde os mais estritamente ligados com nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor nosso quadro individual da realidade.

A investigação e descrição destes quadros individuais da realidade nos levam, então, ao conhecimento de parte dessa realidade.

Nas paisagens estão impressas as relações do homem com seu ambiente; o lugar é a instância maior da subjetividade e da atribuição de valor ao espaço. Sendo “o homem quem percebe e vivencia a paisagem, atribuindo a ela significados e valores”, torna-se imprescindível que se considere a vida cotidiana, o contexto que envolve o sujeito e as ações deste sujeito sobre o espaço (MACHADO, 1999, p.98).

Os relatos das vivências estão fundamentados tanto nas experiências diretas como nas conceituais, o que revela a importância do contexto cultural, social e familiar dos sujeitos da pesquisa.

Os sentimentos e idéias da pessoa adulta (alvo desta pesquisa), referentes ao espaço e ao lugar, são extremamente complexos, pois se originam tanto de experiências singulares como das comuns; há também o contínuo acréscimo de sentimento, que se dá ao longo dos anos. A experiência individual é continuamente enriquecida pela atividade perceptiva, de modo que nos apegamos cada vez mais ao lugar e à sua paisagem: o lugar adquire profundo significado para o indivíduo, engendrando o sentimento de topofilia⁵ (MACHADO, 1999, p.104).

Com base nesta fundamentação teórica e nas possibilidades por ela engendradas, foi estabelecido o objetivo principal desta pesquisa: conhecer nossa área de estudo, Bonito, através do olhar de seus habitantes.

Neste sentido, constituem-se como objetivos secundários o resgate das lembranças relativas ao espaço e ao modo de vida, e das mudanças percebidas ao longo dos anos; dos aspectos relacionados ao lazer e ao uso do espaço público e, por fim, das estruturas, reveladas durante as etapas metodológicas, que indiquem os laços de pertencimento e afetividade com o lugar.

⁵ O termo topofilia tem origem na obra do filósofo Gaston Bachelard, “A poética do espaço”, de 1957, significando “o espaço de nossa felicidade”. Foi, posteriormente, bastante utilizado por Tuan, em seu livro **Topofilia**, traduzido para o português em 1980. Para Tuan, a topofilia se refere aos laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, às manifestações específicas do amor humano pelo lugar (MARIN, 2003, p.24 e TUAN, 1980, p.106-107).

Fatores que agreguem complexidade a esta investigação não faltam. Bonito é um pequeno município do interior de Mato Grosso do Sul que assistiu, num curto espaço de tempo, o desenrolar de profundas transformações sócio-espaciais. Pode-se afirmar que tais alterações se deram especialmente em virtude do desenvolvimento e consolidação do turismo no município, há pelo menos quinze anos, atividade que se somou às tradicionais práticas econômicas da região.

Os atrativos explorados pela atividade turística no município encontram-se em propriedades rurais particulares, que deixam de abrigar apenas as práticas próprias à pecuária e à agricultura, e passam a exibir infra-estruturas de atendimento aos turistas como receptivos, piscinas, restaurantes, banheiros. Na cidade são alocados os leitos, restaurantes, bares, lojas e serviços, muitos dos quais não fariam parte do cotidiano do bonitense, caso o turismo em área rural não se desenvolvesse ali.

Portanto, embora não seja o objetivo principal desta pesquisa avaliar as conseqüências e impactos do turismo, torna-se imprescindível a investigação dos mesmos, pois, a partir deles constituem-se algumas questões norteadoras para o desenvolvimento do trabalho: tais alterações espaciais são percebidas pela população local? Quais são as mudanças percebidas? De quê forma afetam o espaço vivido? O que foi perdido? Tais alterações são espontaneamente associadas ao processo de turistificação⁶?

Nesse sentido, impõem-se a necessidade de realizar uma discussão sobre o turismo, atividade econômica que manifesta espacialmente suas conseqüências e contradições, e seus desdobramentos no município.

Assim, são vários os aspectos que devem ser observados, o que tornou a realização desta pesquisa um desafio.

Para atingir esses objetivos, o trabalho foi baseado naquilo que propõe o método fenomenológico: os significados do mundo vivido, embora inerentes a nossa existência, não são óbvios, devem ser descobertos, para tanto procura-se descrever e compreender os fenômenos da experiência, não explicá-los. Esta compreensão pode ser alcançada por meio da adoção de uma grande variedade de perspectivas ou fontes, e da aceitação da complexidade e ambigüidade da realidade (RELPH, 1979).

Optou-se, então, pela utilização de diferentes meios de investigação: pesquisa bibliográfica, observações não estruturadas e relatos orais.

⁶ Turistificação é o processo através do qual os territórios são apropriados pelo turismo. Relaciona-se à existência necessária de três aspectos: o turista (a origem da demanda), o mercado (que concebe o atrativo turístico como produto) e os promotores territoriais (o homem que tem ligação com o lugar, a sociedade autogeradora de imagens). Sobre esse assunto, consultar Knafou (1996).

A etapa inicial consistiu no levantamento, através de fontes secundárias, de informações que ajudassem a construir a contextualização do objeto e suas particularidades.

De acordo com Ferrara (1999, p.67) esta etapa inicial é fundamental para a compreensão da complexidade do objeto de pesquisa. Além disso, por meio da informação já catalogada, “desarticula-se a dificuldade perceptiva” do próprio pesquisador, que passa a ter contato com as “forças estruturantes” da realidade: “a partir desses levantamentos, o pesquisador percorre os lugares atentamente, como se fossem páginas escritas e os lugares se lhes revelam”.

Cosgrove (2002, p.109) nos lembra que os geógrafos sempre reconheceram a importância de um profundo conhecimento da área de estudo, e destaca a importância do trabalho de campo e interpretação de mapas na construção da contextualização do objeto. Ressalta, ainda, a importância de compreender a paisagem como um texto, cuja leitura nos leva a perceber todas as expressões ali contidas.

Nessa etapa, destaca-se, entre outras, a leitura da obra “Bonito: terra prometida”, de autoria de Theodorico de Góes Falcão (escritor e poeta bonitense, falecido no dia 11 de junho de 2008, aos 88 anos), um registro singelo de passagens da história do município de Bonito, contadas pelo próprio autor ou por parentes e amigos. Tal obra permitiu que eu me aproximasse de um passado e de um modo de vida, muito distantes da minha realidade e vivência. Criei, assim, maior afinidade e vínculo com a história deste lugar.

Além da pesquisa bibliográfica sobre o local, diversos momentos, importantes para o município e sua população, mostraram-se profícuos em subsídios para a compreensão da realidade estudada, o que levou à necessidade de realizar observações livres (ou não estruturadas) e registro fotográfico das mesmas. Destacam-se os seguintes eventos observados:

Reinauguração da Praça da Liberdade e inauguração do Monumento às Piraputangas, no dia 01 de agosto de 2007;

Comemoração do aniversário da cidade, que se deu nos dias 29 e 30 de setembro de 2007 (a cidade comemorou 59 anos no dia 02 de outubro de 2007);

Homenagem às famílias pioneiras, em 06 de outubro de 2007;

Dia de Nossa Senhora Aparecida, peregrinação à capela do Senhorzinho e bênção aos cavaleiros, no dia 12 de outubro de 2007;

I Conferência Municipal de Cultura de Bonito, nos dias 24 e 25 de novembro de 2007.

Os três primeiros eventos ocorreram na Praça da Liberdade e sua observação contribuiu sobremaneira para a percepção da importância desta praça como espaço público

de convivência para o bonitense. Durante a I Conferência Municipal de Cultura, pode-se notar que os Festivais de Inverno e da Guavira suscitam divergências (entre os moradores presentes na conferência) quanto aos benefícios que promovem ao município e sua população. Já a visita à capela do Senhorzinho⁷ foi um retrato comovente da ligação da comunidade com seu principal mito, em união com os ritos católicos.

A terceira estratégia metodológica diz respeito aos relatos orais, meio utilizado para resgatar as vivências dos moradores, bem como suas opiniões.

De acordo com Queiroz (1991), através dos séculos, os relatos orais sempre se constituíram como a maior fonte de conservação e difusão do saber, traduzindo a experiência indizível em vocábulos, transmitindo noções tanto de um passado longínquo, como daquele muito recente, a experiência cotidiana.

A entrevista é a forma mais antiga e difundida de coleta de relatos orais e supõe um colóquio entre pesquisador e narrador: é “uma conversação continuada entre informante e pesquisador”, sendo que “o tema ou o acontecimento sobre o que versa foi escolhido por este último, por convir ao seu trabalho” (QUEIROZ, 1991, p.6).

A entrevista, segundo Lüdke e André (1986), é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisas realizados nas Ciências Sociais. Sua grande vantagem sobre outros instrumentos de pesquisa é o fato de permitir a captação imediata e corrente da informação desejada, possibilitando a participação de todo o tipo de informante.

As autoras também reconhecem o caráter de interação que permeia a entrevista: há uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde, o que permite correções e esclarecimentos; a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre entrevistado e entrevistador.

Destacam, também, a importância do respeito pelo entrevistado, por seu contexto cultural e seus valores. Deve-se estimular o fluxo natural de informações, sem forçar o rumo das respostas, garantindo um clima de confiança para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente. Dessa forma, o morador, que é quem vivencia o espaço, se sentirá à vontade para nos dizer como essa experiência se dá para ele; a partir disso poderemos construir, no final, uma visão geral para o conjunto dos habitantes.

Segundo Queiroz (1991, p.6), as entrevistas podem seguir um roteiro previamente estabelecido, ou serem realizadas sem esse recurso. Entretanto, em ambos os casos, é sempre o pesquisador quem dirige a entrevista, que se desenrola “conforme uma sistematização de assuntos” estabelecida por ele.

⁷, O Senhorzinho é uma figura mítica para os moradores do município de Bonito, especialmente os mais idosos. Considerado por muitos como um santo, possuía longos cabelos, usava um manto e andava com o auxílio de um cajado. Chegou a Bonito em 1944 e ali permaneceu por três anos, realizando curas, até desaparecer de forma misteriosa.

Nesse contexto, foram realizadas entrevistas guiadas por roteiros semi-estruturados e entrevistas abertas.

Utilizou-se o recurso das entrevistas semi-estruturadas em quatro momentos:

- Festival de Inverno de Bonito;
- Festival da Guavira de Bonito;
- Entrevistas complementares ao tema dos festivais, realizadas com representantes da comunidade que possuem informações sobre o surgimento dos mesmos, e
- Entrevistas com representantes do poder público (Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio e Secretaria de Meio Ambiente).

A primeira etapa de entrevistas foi realizada durante o 8º Festival de Inverno de Bonito, em 2007. Foram feitas 30 entrevistas (Apêndice I) durante o período de 04 a 05 de agosto (sábado e domingo, nos períodos da tarde e da noite), nos seguintes locais: Praça da Liberdade, ruas próximas à praça e na tradicional feira dos produtores rurais, que normalmente reúne muitos moradores da cidade.

A segunda etapa consistiu na realização de 20 entrevistas (Apêndice II) durante o Festival da Guavira de Bonito, nos dias 24 e 25 de novembro de 2007 (sábado e domingo, nos períodos da tarde e da noite), na Praça da Liberdade.

Em ambos os casos o objetivo foi investigar o envolvimento dos moradores com os festivais (participação, preferências, opiniões, sugestões) e outros aspectos referentes ao lazer.

Caracterizaram-se como possíveis entrevistados para esta pesquisa as pessoas residentes em Bonito (nativos ou não), com idade a partir de 15 anos (já que o lazer é um elemento importante a se considerar no que diz respeito à afetividade dos mais jovens para com a cidade).

Nesse contexto, foram entrevistados dois moradores de Bonito que possuem, de acordo com a própria comunidade, informações a respeito do surgimento de cada um dos festivais, pois participaram ativamente deste processo (ver os roteiros das entrevistas no Apêndice III).

Como representantes do poder público, foram entrevistados membros da Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio e da Secretaria de Meio Ambiente. Estas entrevistas tiveram por objetivo complementar a pesquisa a partir de fontes secundárias, que visa contextualizar o objeto, além de elucidar alguns pontos destacados a partir das demais entrevistas (ver os roteiros no Apêndice IV).

Já as entrevistas abertas foram utilizadas com o objetivo de resgatar memórias, aspectos que indicassem laços com o lugar e a compreensão que o próprio morador tem do município e das alterações da paisagem ao longo do tempo, foram realizadas 09 entrevistas.

Tais entrevistas foram gravadas e, embora permitissem a expressão de quaisquer idéias e lembranças (fazendo com que o tempo de duração das entrevistas variasse entre quarenta e cinco minutos e três horas), foram conduzidos pela entrevistadora através da proposição inicial do tema e de intervenções no decorrer do diálogo. As idéias que nortearam os colóquios e a lista dos moradores entrevistados encontram-se apresentadas, respectivamente, no Apêndice V.

O trabalho encontra-se organizado em quatro capítulos.

O capítulo I destaca, inicialmente, o contexto regional e nacional que influenciou a formação do estado de Mato Grosso do Sul, além das características da microrregião geográfica da Bodoquena, na qual se insere a área de estudo. Passamos, então, à descrição das características e aspectos históricos do município de Bonito.

No capítulo II apresentamos breve discussão sobre a atividade turística e o crescente interesse da Geografia no estudo das manifestações espaciais desse fenômeno, passando à influência e desdobramentos da atividade turística no município, como descrito na literatura pertinente.

A fundamentação teórica é apresentada no capítulo III e, a partir dela, procuramos justificar a escolha do método e, conseqüentemente, da abordagem com a qual se dará a análise do objeto. Buscamos a compreensão da Fenomenologia e de suas influências sobre a Geografia e categorias de análise.

O capítulo IV traz os resultados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas realizadas durante os festivais de Inverno e da Guavira, além da discussão que abrange as mudanças na paisagem ao longo dos anos e o desenvolvimento da atividade turística no município, bem como as referências à ligação dos indivíduos com o lugar, embasada nos resultados obtidos com as entrevistas abertas.

CAPÍTULO I

O MUNICÍPIO DE BONITO

1. CONTEXTO REGIONAL: O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL E A MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DA BODOQUENA

1.1. BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

O estado de Mato Grosso do Sul localiza-se ao sul da região Centro-Oeste do país e possui 357.139,90 Km² o que corresponde, em termos de área, à sexta Unidade da Federação. De acordo com o censo IBGE 2000, possui 2.075.255 habitantes, sendo 84,04% em área urbana e 15,94% em área rural. O território estadual está dividido em 78 municípios, dos quais 44 integram a Faixa de Fronteira Internacional⁸.

Ao longo dos últimos anos, o estado tem passado por profundas transformações sócio-econômicas, explicitadas, segundo Lomba (2004, p.23), pelos resultados positivos apresentados por diversos setores da economia estadual: “os dados referentes à agropecuária, à atividade industrial e a alguns indicadores sociais apontam um Estado com índice de crescimento socioeconômico considerado acima da média nacional”.

⁸ A região da Faixa de Fronteira Internacional caracteriza-se geograficamente como uma faixa de 150 km de largura ao longo de 15.719 km da fronteira brasileira (Lei 6.634/79, regulamentada pelo Decreto 85.064, de 26 de agosto de 1980), que abrange 11 unidades da Federação e 588 municípios e reúne aproximadamente 10 milhões de habitantes (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, disponível em http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/faixa/abrangencia.asp?area=spr_frenteira, acessado em 11 de setembro de 2007).

Entretanto, o autor pondera que, índices não consideram o contexto histórico no qual se deu a ocupação e o desenvolvimento do território: nota-se concentração de renda e a conseqüente perpetuação da desigualdade social.

O processo histórico de ocupação do território deve, portanto, ser resgatado para que possamos compreender a dinâmica territorial do presente. A abordagem regional possibilita esta compreensão.

Vale, inicialmente, lembrar que a formação da identidade do povo sul-mato-grossense remonta ao processo de colonização do Brasil. Segundo Almeida (2005, p.127):

A organização do território sul-mato-grossense é formada por uma trajetória histórica de séculos de convivências e conflitos em que se amalgamaram com a natureza, espanhóis, índios e portugueses e, mais tarde, seus descendentes.

Somam-se a isto as conseqüências da guerra com o Paraguai; os posteriores incentivos do governo à imigração, ao longo do século XX (que tinham como objetivo expandir as fronteiras do país) e os incentivos à modernização da agropecuária, e tem-se um estado cuja organização territorial se deu movida predominantemente por interesses externos.

Em relação à Guerra do Paraguai (1864 a 1870), os motivos que levaram ao conflito, como destaca Vargas (1998), foram muito além das disputas por fronteiras: o capital hegemônico inglês, aliado às burguesias portenha e brasileira, impôs o predomínio do liberalismo econômico e dos capitais estrangeiros em detrimento das relações coloniais.

Assim sendo, com a internacionalização das águas do rio Paraguai até o porto de Corumbá, este último tornou-se um importante entreposto comercial do estado, recebendo influência dos centros portuários platinos - esses, por sua vez, vinculados ao capital financeiro (VARGAS, 1998).

O estado de Mato Grosso, de modo geral, passou por transformações relativas a esse conflito. A área mais afetada pela guerra, entretanto, inclui a região em que hoje se localizam Bonito e seus municípios vizinhos, alguns dos quais tiveram que ser reconstruídos após o término da guerra, entre eles Nioaque e Miranda (VARGAS, 1998).

No decorrer do século XX, a intervenção do Estado levou a mais mudanças no espaço regional do Centro-Oeste brasileiro, dentre as quais se pode destacar a criação de Brasília, na década de 1950; os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs)⁹, durante a década de 1970 e o processo de desmembramento do estado de Mato Grosso, criando o estado de Mato Grosso do Sul, em 1977 (ALMEIDA, 2005).

⁹ Sobre este assunto, consultar ALMEIDA (2005).

Duarte¹⁰ (1989, apud Almeida, 2005), afirma que a territorialidade sul-mato-grossense é resultante destas influências que o território sofreu ao longo do processo de desenvolvimento capitalista do país, ou seja, a estrutura do espaço regional não seria apenas condicionada pelas características naturais ou sociais do território, mas estaria principalmente ligada ao contexto nacional (e esse, ao contexto externo).

Além disso, Mato Grosso sempre apresentou diferenças históricas, geográficas, administrativas e culturais entre as regiões norte e sul, sendo que a parte sul já apresentava, antes mesmo da criação do estado, uma forma de reprodução do capital semelhante à existente em São Paulo (ALMEIDA, 2005).

Sobre isso, Oliveira¹¹ (1993, apud Almeida, 2005, p.122) considera que:

[...] a divisão regional do trabalho que evidenciava para o sul a utilização de terras aos moldes modernos do capitalismo avançado, é comparativamente diferente das formas de tipo feudal existente ao norte, até então.

São muitos os fatores que levaram a esta diferenciação de características entre norte e sul.

Segundo Abreu (2001, p.47), logo após a Guerra do Paraguai o espaço mato-grossense já apresentava distinções internas que se configuravam “em ‘ilhas’ de atividades econômicas”: ao norte destacava-se a exploração da borracha; na região de Cáceres, a noroeste, a exploração da ‘mata ipecacuanha’¹²; no Pantanal e ao norte, mantiveram-se os latifúndios tradicionais e, ao sul, surgiam grandes estabelecimentos de pecuária bovina.

A autora ressalta que tais atividades não contribuíram muito para a integração do estado, já que se voltavam especialmente para a exportação.

No início do século XX, foram inaugurados os eixos ferroviários para os estados de Mato Grosso e Goiás, a partir do estado de São Paulo. A ferrovia já se apresentava de forma marcante no restante do país, desde as últimas décadas do século XIX, um “símbolo do mundo moderno que se instaurava com o desenvolvimento industrial” (GARDIN, 1999¹³, apud GARDIN, 2002, p. 293).

Segundo Abreu (2001), tal iniciativa havia sido engendrada a partir da necessidade de integração do mercado nacional e do interesse em uma ligação comercial entre a região Centro-Oeste e o estado de São Paulo.

A ferrovia complementou com eficiência o transporte hidroviário, barateando o custo da produção.

¹⁰ DUARTE, A. C. Estruturação do espaço regional. In: IBGE, **Geografia do Brasil: região Centro-Oeste**, 1989, p. 243.

¹¹ OLIVEIRA, T. C. M. **Agroindústria e reprodução do espaço**: o caso soja no Mato Grosso do Sul, 1993, p. 23.

¹² A poaia, ipeca ou ipecacuanha é uma planta medicinal da família das rubiáceas, muito utilizada na época para a produção de remédios na Europa (VARGAS, 1998; ABREU, 2001).

¹³ Gardin, C. **Campo Grande** - entre o sagrado e o profano. Campo Grande : Ed. UFMS, 1999.

Em decorrência da maior mobilidade propiciada pelo transporte ferroviário e do conseqüente acesso aos mercados consumidores, o sistema tradicional de pecuária extensiva do estado foi bastante afetado, o que se apresentava de forma evidente na região sul do estado. Áreas nas quais predominava a vegetação de cerrado e campo limpo, tradicionalmente aproveitadas pelos criadores como pasto natural, passaram a sofrer adequações com a seleção de pastagens e as técnicas de subdivisão de pastos; iniciaram-se os cruzamentos de espécies bovinas, para o “apuro do plantel” e a construção de currais para a separação do gado destinado à cria, recria e engorda (ABREU, 2001, p. 52). A política de melhoramento da pecuária tinha como objetivo alcançar o padrão de qualidade exigido pelos frigoríficos paulistas, e levou ao enfraquecimento das redes de charqueadas¹⁴ da região (VARGAS, 1998).

Neste momento, observou-se um intenso fluxo migratório, proveniente especialmente da região Sul do país. Assim, já na década de 1920, a porção sul de Mato Grosso comportava mais da metade da população do estado (VARGAS, 1998; ABREU, 2001). A expansão da ferrovia foi responsável, ainda, pelo reordenamento urbano, já que diversos municípios se estabeleceram ao longo da linha férrea.

Durante a década de 1940, período do Estado Novo do presidente Getúlio Vargas (1937-1945), a migração para este local foi estimulada pelo programa de colonização denominado Marcha para o Oeste¹⁵.

Através desse programa, foi implantada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), em 1948. Essa colônia recebeu “um grande contingente de nordestinos e também de paulistas e mineiros, entre outros” e contribuiu para a expansão da atividade agrícola no estado (que até então era pecuarista-extrativista), através da policultura - plantio de arroz, algodão, amendoim, feijão, café, mandioca e mamona (ABREU, 2001, 58). A CAND continuou a atrair migrantes até o final da década de 1960 (ALMEIDA, 2005).

Durante a década de 1950, outro fator fortaleceu o processo de incorporação do sul de Mato Grosso à economia do Sudeste, além de intensificar a migração: em virtude do crescimento industrial no estado de São Paulo, os cafezais paulistas foram sendo deslocados cada vez mais para o interior, extrapolando as fronteiras e levando à instalação de colonizadores no extremo sul de Mato Grosso. Seguiu-se a introdução da policultura nos

¹⁴ Segundo Vargas (1998, p.50): “Lugar onde se prepara o charque – a carne de gado bovino, salgada e em mantas – conhecido também por saladeiro”.

¹⁵ A Marcha para o Oeste foi iniciada em 1938 e concretizava um projeto proposto pelo governo, com o objetivo de ocupar e desenvolver o interior do Brasil (GARFIELD, 2000, p.3). Embora fosse um país extenso, a população brasileira se concentrava quase que exclusivamente na região do litoral, fato que propiciava a existência de imensos vazios demográficos. Segundo o presidente Vargas, a Marcha para o Oeste incorporou “o verdadeiro sentido de brasilidade” e seria “uma solução para os infortúnios da nação” (GARFIELD, S. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História**. v. 20, nº 39. São Paulo. 2000. p. 15-42.).

campos e cerrados e o estabelecimento de locais de cria e engorda de bovinos, nas décadas de 1960 e 1970 (ABREU, 2001).

Vargas (1998) ressalta que, neste período, a região esteve voltada eminentemente para a pecuária, sendo observado um significativo aumento do rebanho bovino. Em parte, isto se deve a fatos ocorridos ainda na década de 1950: o deslocamento dos rebanhos da planície para as bordas do Pantanal e sua conseqüente proliferação; e a queda brusca no preço do café o que obrigou os cafeicultores a se voltarem para a pecuária.

Nesse mesmo período, o desenvolvimento territorial do sul de Mato Grosso passou a contar com a importante contribuição da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí (CIBPU)¹⁶ criada em 1951 (Gardin, 2002):

Em relação à instituição do planejamento governamental em Mato Grosso, tem-se que a CIBPU promoveu por toda a década de 1950 os primeiros estudos e levantamentos acerca dos pontos nevrálgicos de sua economia: transporte e energia; e, na década de 1960, efetivou procedimentos para o desenvolvimento industrial do Estado (p. 308).

A CIBPU é considerada como:

[...] o primeiro organismo de planejamento governamental a considerar especificamente o território mato-grossense. Nesse sentido, orientou a criação das Centrais Elétricas de Mato Grosso/CEMAT, ao mesmo tempo em que incentivou e auxiliou na confecção de um plano de eletrificação para esse Estado (p. 305).

A postura da CIBPU era a de orientar o estado para o aproveitamento de seus recursos hídricos com fins energéticos, adotando um plano integrado de eletrificação a ser administrado pela companhia estadual responsável pelo setor. Destacava-se a importância de um planejamento “previamente concebido para o conjunto do Estado evitando, portanto, ações isoladas nesse campo” (GARDIN, 2002, p.305).

A partir desse alicerce, Mato Grosso pode iniciar a obtenção de infra-estrutura energética “que adveio com a construção das Usinas de Jupíá, Ilha Solteira, Mimoso, das Cascas e outras; bem como da ligação da Usina de Jupíá a Mimoso” (GARDIN, 2002, p. 305).

¹⁶ A Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí (CIBPU), foi constituída durante a I Conferência de Governadores, em 1951, com vistas ao desenvolvimento regional dos Estados pertencentes à Bacia Paraná-Uruguaí. Visava prioritariamente: o incremento do transporte fluvial nos rios Paraná e Uruguaí; a implementação do potencial hidrelétrico em toda a Bacia; o estabelecimento de um zoneamento geo-econômico e a promoção de intercâmbios tecno-científicos, convênios de cooperação e meios de financiamento dos projetos a serem viabilizados. A Comissão foi oficialmente extinta em 1972. Sobre esse assunto consultar Gardin (2002).

A CIBPU produziu, ainda, estudos na área dos transportes, com ênfase para as hidrovias e a criação de um sistema integrado, que uniria as principais bacias hidrográficas do país.

No início da década de 1960, a Comissão criou pólos de desenvolvimento regional, elegendo Campo Grande como a cidade a partir da qual seria impulsionado o crescimento do sul de Mato Grosso. Isso se daria com a criação de um distrito industrial no local, levando a cabo a premissa defendida pela CIBPU “de proporcionar o desenvolvimento de uma região impulsionada por um processo de industrialização”. Assim, dirigindo-se aos centros mais dinâmicos do estado, outros pólos de desenvolvimento foram estabelecidos em cidades do sul de Mato Grosso: Dourados, Corumbá e Três Lagoas (GARDIN, 2002, p. 306).

Com o objetivo de promover a industrialização do estado, a CIBPU realizou, também, estudos para o desenvolvimento de um pólo siderúrgico na região de Corumbá, numa iniciativa do governo mato-grossense.

No âmbito do Projeto de Integração Nacional do governo militar, foi criada em 1967 a Superintendência para o Desenvolvimento do Centro-Oeste - SUDECO¹⁷ (ABREU, 2001).

Através da SUDECO importantes programas especiais de desenvolvimento foram implantados, o que para Abreu (2001) se constituiu numa estratégia para incorporar o território mato-grossense ao conjunto de áreas que receberiam investimentos para substituir a agricultura de subsistência e a policultura em favor da monocultura comercial e da abertura de mercados. Neste sentido, Mato Grosso passa a ter uma participação mais efetiva no contexto do capitalismo mundial, produzindo, com intenso investimento de capital, grãos e carne para exportação. Como conseqüência, nos últimos trinta anos, o estado passou por modificações, relativas à incorporação de novas infra-estruturas e conseqüente rearranjo espacial e alterações na paisagem.

Gardin (2002) pondera que, embora a CIBPU tenha lançado as bases para o planejamento territorial do estado, além da política dos pólos de desenvolvimento, a comissão nunca foi transformada em órgão federal.

O governo federal, entretanto, criou a SUDECO, que se configurou como um organismo de planejamento regional que se sobrepôs à área de atuação da CIBPU, deixando essa à margem do processo. Segundo a autora:

Pelo menos no que se refere ao planejamento do Estado de Mato Grosso, essa marginalização da CIBPU foi tão forte, que, quando a SUDECO estabeleceu o seu primeiro Plano de Desenvolvimento para o Centro-Oeste/PLADESCO, muito embora mantivesse a política dos pólos de

¹⁷ A SUDECO foi extinta em 1990, no contexto político e econômico do governo do presidente Fernando Collor de Mello.

desenvolvimento, nenhuma menção faz a esta herança da CIBPU, como se o planejamento nessa região tivesse sido iniciado consigo (p. 309).

Durante o período de sua vigência, a SUDECO pode implementar três Planos de Desenvolvimento do Centro-Oeste (PLADESCO), além do Plano de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste/PDRCO. Segundo Gardin (2002), esses planos se ajustavam às diretrizes de integração nacional e de ampliação do mercado interno propostas para o país na época.

Durante a década de 1960 observou-se a mobilização no sentido de expandir a fronteira agrícola. Através da ampliação dos eixos viários o escoamento da produção era favorecido: produtos *in natura* chegavam até as indústrias do Sudeste e as exportações eram facilitadas.

O plantio da soja ganhou destaque neste contexto, impulsionado pelo crescente desinteresse pelo plantio de café, uma cultura exigente, suscetível às intempéries e lenta na geração de lucros. (VARGAS, 1998).

A soja, a partir de subsídios federais, substituiu rapidamente outras culturas, avançando, inclusive pelas áreas de pastagem. Levou à modernização do campo, o que, por um lado desencadeou o conflito campestre e, por outro, ajudou a estabelecer uma cadeia industrial para a agricultura (indústrias esmagadoras de grãos, fabricantes de óleo e farelo). Na década de 1970 agricultores das regiões Sul e Sudeste estabeleceram-se no estado (especialmente na região sul) movidos pela valorização do grão no mercado mundial, pelos grandes volumes de terras a preços acessíveis e, finalmente, pelo sistema de crédito fácil oferecido pelo governo da época (VARGAS, 1998).

Em 1977 se deu a criação do estado de Mato Grosso do Sul, movida, como vimos, pelo novo panorama econômico que se descortinava e que tinha na necessidade de descentralização da produção industrial, a mola propulsora para rearranjos territoriais:

A divisão do espaço mato-grossense, em 1977, fez parte da estratégia espacial, frente à política regional proposta para a próxima década, incorporando os conceitos de desconcentração do desenvolvimento e de especialização de funções que passariam a obedecer a escalas estaduais e até municipais [...] ABREU (2001, p.205).

Almeida (2005) destaca que, em virtude destes arranjos territoriais, o estado mantém, hoje, formação e dinâmica sócio-espaciais heterogêneas: nota-se a irregularidade da distribuição populacional, condicionada pela localização desigual das atividades produtivas no território; vêem-se áreas dinâmicas e em desenvolvimento e outras estacionárias ou em depressão, tanto do ponto de vista demográfico, quanto do econômico.

Atualmente, os municípios do estado encontram-se agrupados em quatro mesorregiões geográficas: Pantanaís Sul Mato-grossenses, Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, Leste de Mato Grosso do Sul e Sudoeste de Mato Grosso do Sul (Figura 1).

As mesorregiões, por sua vez, estão subdivididas em onze microrregiões: Alto Taquari, Aquidauana, Baixo Pantanal, Bodoquena, Campo Grande, Cassilândia, Dourados, Iguatemi, Nova Andradina e Três Lagoas. Cabe ressaltar que as microrregiões de Campo Grande e Dourados agregam mais de 50% da população do estado e se destacam quanto ao dinamismo econômico (ALMEIDA, 2005).

A autora citada esclarece que esta subdivisão do Mato Grosso do Sul foi resultado do processo de regionalização proposto pelo IBGE em 1989.

O referido processo define as microrregiões como partes das mesorregiões que apresentam especificidades em relação à organização do espaço. Tais especificidades referem-se à estrutura de produção (agropecuária, industrial, extrativismo mineral ou pesca), sendo que tal estrutura pode ser uma resposta às características ambientais e sociais locais. Assim sendo, analisa-se, a fim de estabelecer a divisão: “[...] a produção propriamente dita, distribuição, troca e consumo, incluindo atividades urbanas e rurais. Desta forma ela expressa a organização do espaço no nível micro ou local” (ALMEIDA, 2005, p.124).

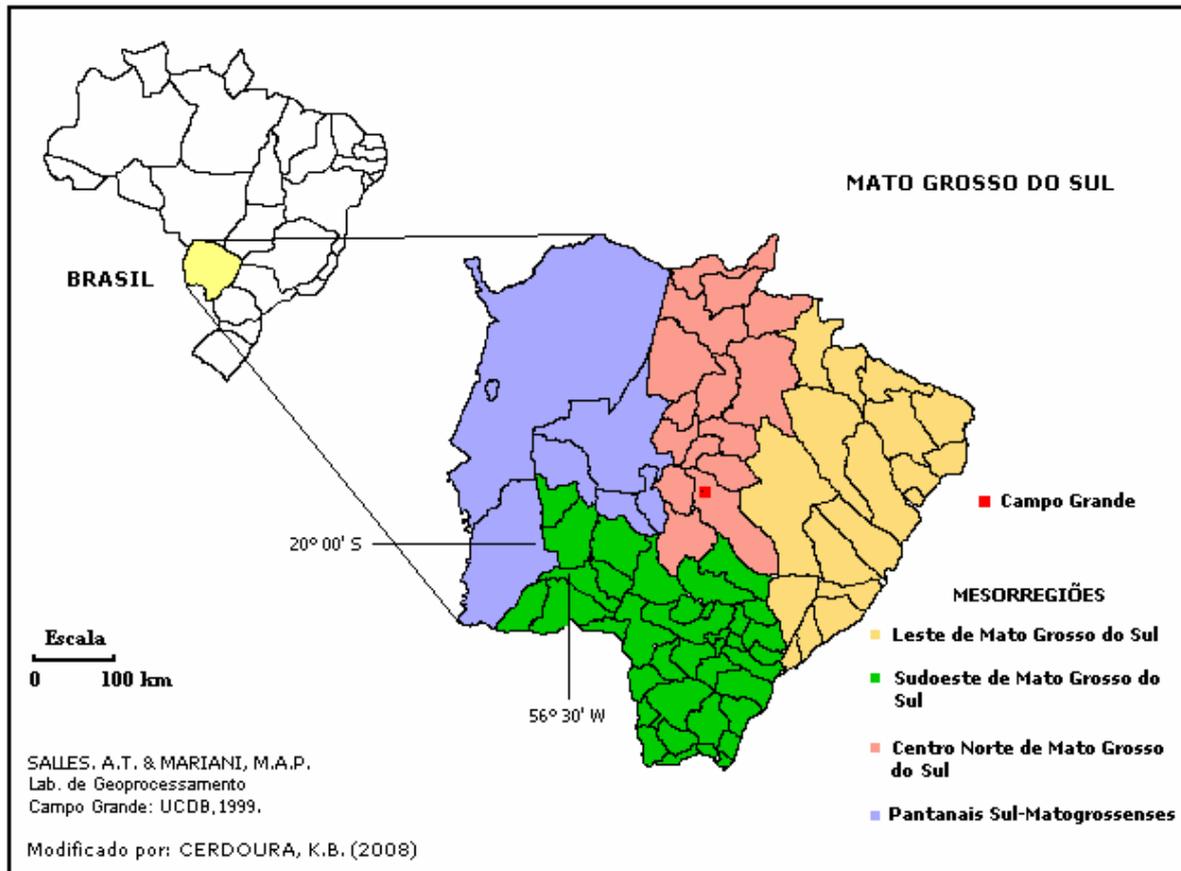


Figura 1: Mesorregiões Geográficas do estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: MARIANI (2000).

1.2. A MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DA BODOQUENA

A Microrregião Geográfica de Bodoquena (MRG-09) está inserida na mesorregião Sudoeste de Mato Grosso do Sul e dela fazem parte os seguintes municípios: Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Nioaque (Figura 2).

É considerada como uma das menos desenvolvidas em termos sócio-econômicos, um indício da disparidade regional do estado e de que o processo capitalista de produção pode atingir o território de diferentes formas. Em relação a isso cabe salientar que durante muito tempo os recursos destinados a investimentos em infra-estrutura foram escassos, dificultando o processo de desenvolvimento econômico do estado. A partir do momento em que tem início o processo mundial de descentralização industrial, no final da década de 1970, acentua-se o processo de industrialização em Mato Grosso do Sul, privilegiando, entretanto, capitais externos (ALMEIDA, 2005).

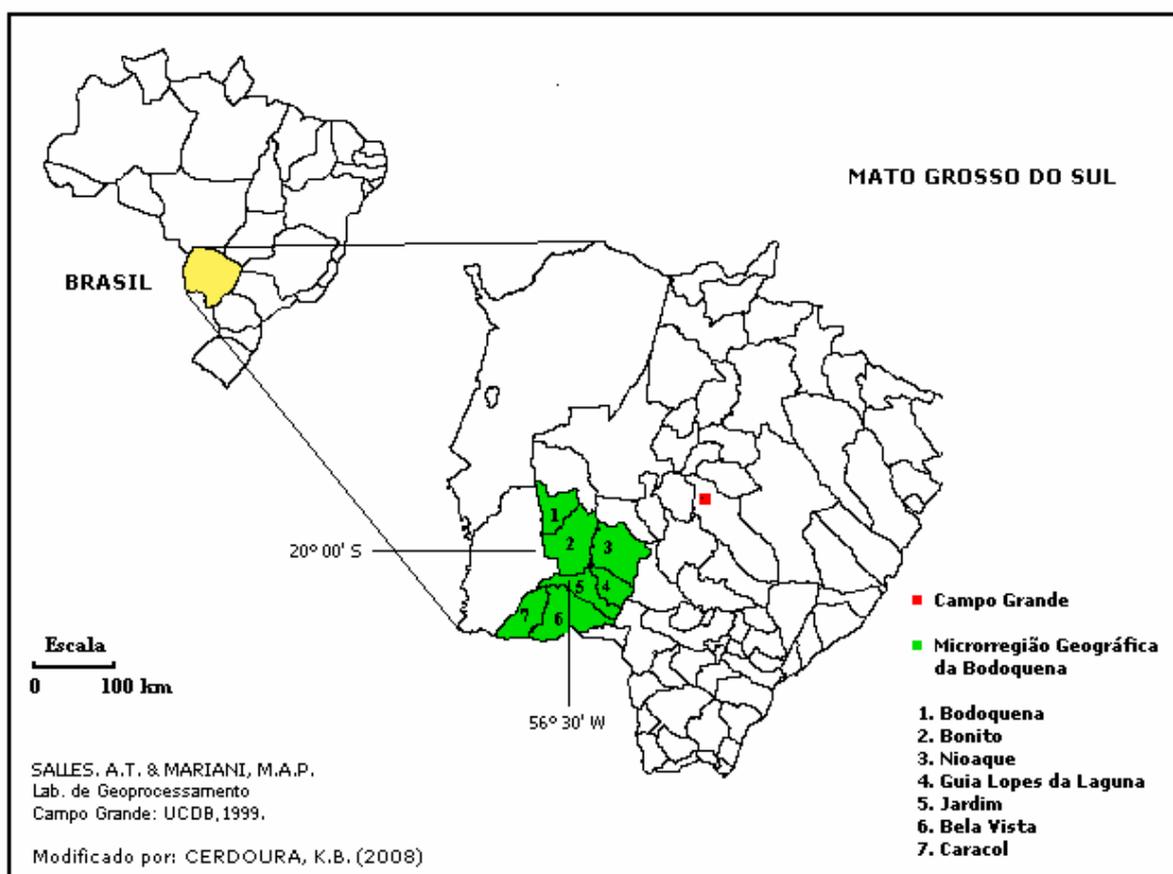


Figura 2: Localização da Microrregião Geográfica da Bodoquena e seus municípios.

Fonte: MARIANI (2000).

Almeida (2005, p.226) organizou dados do IBGE referentes à distribuição espacial da população do estado, produzindo a seguinte tabela:

Tabela 1 - População residente e situação de domicílio nos municípios que integram a Microrregião Geográfica da Bodoquena, em valores absolutos, para o ano de 2000.

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO RESIDENTE	
		URBANA	RURAL
Bela Vista	21.764	18.023	3.741
Bodoquena	8.367	5.223	3.144
Bonito	16.965	12.928	4.028
Caracol	4.592	2.760	1.832
Guia Lopes da Laguna	11.115	9.061	2.054
Jardim	22.542	20.953	1.589
Nioaque	15.086	6.081	9.005
Microrregião Geográfica da Bodoquena	100.074	75.029	25.393
Mato Grosso do Sul	2.078.001	1.747.106	330.895

Em relação às atividades econômicas, pode-se destacar o potencial para atividades tradicionais como pecuária e agricultura, além da mineração e do turismo rural e ecológico. Neste sentido, os municípios apresentam diferenças entre si, como no exemplo de Bodoquena, Bonito e Jardim.

Segundo Almeida (2005), Bodoquena tem colonização mais recente e economia voltada para a exploração mineral do calcário, com destaque para a produção de cimento, pela Camargo Corrêa Industrial S.A. O município de Bonito, por sua vez, tem na atividade turística, reconhecida nacional e internacionalmente, sua principal atividade econômica. Jardim apresenta destaque no setor do comércio, além de constituir-se como o maior centro urbano da região.

Sobre a mineração, é importante mencionar a construção da Fábrica de Cimento Eldorado, pela Camargo Corrêa, no município de Bodoquena, no final década de 1980. Tal evento gerou grande expectativa de emprego e desenvolvimento entre os habitantes da cidade, mas também se destaca no cenário da luta ambientalista. A construção foi paralisada em virtude de solicitação da promotoria pública (acionada por entidades ambientalistas), visto a necessidade de estudos aprofundados, mapeamento e análise de impacto ambiental nas cavidades da região (fato ignorado no Estudo de Impacto Ambiental anterior). Através do novo estudo, a possibilidade de destruição das cavernas em decorrência das futuras detonações foi descartada e as obras retomadas (BOGGIANI, 2001).

No município de Bonito, a instalação da fábrica de cimento também foi cogitada, o que, entretanto, não ocorreu, mostrando-se um fator decisivo na escolha do caminho que levou ao desenvolvimento da atividade turística naquele local (BOGGIANI, 2001).

Embora a fábrica de cimento não tenha se instalado em Bonito, outros tipos de atividades ligadas à extração mineral se assentaram ali, tais como a extração de calcário que correspondia, na década de 1990, a 60% da produção do estado e ainda hoje é uma atividade importante na economia do município (IZUMI, 2005).

As políticas de desenvolvimento para a região têm demonstrado, atualmente, interesse no fomento à atividade turística como melhor opção de diversificação da atividade econômica. Através de intervenções no processo de localização empresarial, a política regional consolida seu objetivo de redistribuição da atividade econômica (ALMEIDA, 2005).

A autora lembra que, entretanto, a produção de novos espaços turísticos e o consumo daí advindo são hegemônicos: um grande volume de capital é investido para a instalação de infra-estrutura e as empresas privadas (hotéis e atrativos) estão focadas na demanda externa e nas classes com maior poder aquisitivo.

A discussão sobre o turismo no estado merece destaque, já que a atividade turística é considerada como importante alternativa econômica, tanto no planalto da Bodoquena

como na planície pantaneira, além de ser um potencial vetor de desenvolvimento regional, se respeitadas as bases territoriais.

Dentre os municípios da Microrregião da Bodoquena, o que merece maior atenção no que se refere à organização da atividade turística é Bonito; a discussão sobre este tema será feita nos itens que se seguem.

Em relação aos aspectos físicos e naturais, a microrregião se destaca por estar inserida no contexto do planalto da Bodoquena, um planalto escarpado a oeste, no sentido da Planície do Pantanal e suavemente inclinado a leste, numa zona de transição para a planície de inundação do Rio Miranda; apresenta feição alongada no sentido norte-sul, com cerca de 300 km de comprimento e largura variando de 20 a 50 km (FUNDAÇÃO NEOTROPICA DO BRASIL¹⁸, 2002).

O clima da região é do tipo tropical quente com duas estações bem definidas (período seco definido), sendo localmente influenciado pelo relevo, que ameniza as temperaturas. As chuvas mais intensas ocorrem no verão e a estação seca perdura por cerca de quatro meses, entre maio e agosto, período em que se observam constantes focos de fogo, que ameaçam tanto a vegetação nativa, como casas, plantações e as áreas urbanas. As temperaturas médias anuais encontram-se entre 20°C e 22°C, mas nota-se grande amplitude entre os meses de verão e inverno, com máximas absolutas próximas dos 40°C e mínimas chegando próximo de 0°C (FUNDAÇÃO NEOTROPICA DO BRASIL, 2002).

A cobertura vegetal é bastante heterogênea, fruto de uma combinação de fatores fisiográficos que permite tal diversidade: encontram-se desde campos limpos até o cerradão, e outras fisionomias mais densas, como a Floresta Tropical Estacional Decidual, cujas árvores perdem as folhas durante a estação seca, propiciando diferenças na paisagem ao longo do ano.

O embasamento geológico do planalto da Bodoquena é constituído por rochas calcárias muito puras e solúveis sob a ação da água, que apresenta, portanto, altas concentrações de bicarbonato de cálcio dissolvido e sabor diferenciado, sendo conhecida como “água dura” (BOGGIANI, 1999).

O desenvolvimento geomorfológico associado a este terreno calcário é conhecido como carste ou fenômeno cárstico, e se caracteriza pela dissolução das rochas calcárias expostas e a conseqüente formação de feições diferenciadas de relevo. Destacam-se as cavernas, abismos, dolinas, condutos subterrâneos, sumidouros e ressurgências, além de surgências ou olhos d’água (ALMEIDA, 2005; BOGGIANI, 1999).

¹⁸ O Plano de ecodesenvolvimento para o entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena é parte integrante do Programa de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (PROBIO/MMA), em convênio com o CNPq e executado pela Fundação Neotrópica do Brasil, em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e o Instituto Estadual de Meio Ambiente Pantanal – IMAP.

Tal conjunto de fatores converge na formação de uma paisagem de imenso valor e apelo cênico, que fundamenta a ocorrência da atividade turística em Bonito.

Boggiani (1999) pondera que o turismo pode causar impactos ambientais negativos, tanto quanto outras atividades econômicas e destaca a importância do disciplinamento da atividade turística na região, com vistas à conservação deste patrimônio.

As mesmas rochas calcárias que originam a bela paisagem do planalto da Bodoquena constituem-se em boa fonte de calcário calcítico e dolomítico, extraído pelas mineradoras anteriormente citadas.

Ao turismo e à mineração, somam-se atividades notoriamente degradantes como a pecuária e a agricultura. Temos, portanto, um quadro preocupante em que se opõem atividades econômicas potencialmente impactantes e a fragilidade do ambiente.

A degradação dos rios da região e córregos urbanos de Bonito (desmatamento, deposição inadequada de resíduos sólidos e esgoto, assoreamento e loteamentos inadvertidos) é mencionada por Boggiani (1999), Mariani (2000), Vargas (1998), Fundação Cândido Rondon (2006), Montanholi-Martins et al (2002) ¹⁹.

Em atenção à necessidade de conservação deste ambiente, às voltas com a constante pressão das atividades econômicas mencionadas, tornou-se notória, ainda na década de 1980 a necessidade da proteção efetiva do mesmo.

Além da mobilização de ambientalistas e pesquisadores, projetos relevantes destacaram a necessidade de proteção da área: o projeto RADAM/BRASIL, de 1982, mostrou a necessidade de proteção da região devido a sua forte suscetibilidade à erosão; o Macrozoneamento Geoambiental de Mato Grosso do Sul, de 1989, e a Reunião Nacional sobre Conservação dos Ecossistemas Naturais da Mata Atlântica, em 1990, reafirmam esta necessidade; os Workshops sobre Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Cerrado e do Pantanal, e da Mata Atlântica e Campos Sulinos, ambos promovidos pelo Ministério do Meio Ambiente em 1999, citam o planalto da Bodoquena como área prioritária para conservação da biodiversidade da região (FUNDAÇÃO NEOTROPICA DO BRASIL, 2002).

A categoria de proteção ambiental considerada adequada à conservação e preservação da área foi a de Parque Nacional, uma unidade de conservação de proteção integral, regulamentada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) ²⁰.

¹⁹ MONTANHOLI-MARTINS, M.C., ALCÂNTARA, M.C., FERREIRA, L. M. Avaliação da qualidade da água do córrego Bonito (Bonito/Ms) por meio das variáveis bióticas e abióticas.
Fonte: http://www.pantanal2002.ucdb.br/eixos/eixo03/e3_10.pdf

²⁰ No Brasil, as áreas naturais protegidas são asseguradas através da lei nº 9.985/2000 que regulamenta o SNUC e define unidade de conservação como: "espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção". O SNUC estabelece dois tipos de unidades de conservação: as de uso sustentável e as de proteção integral. Esta última tem como objetivo preservar os recursos naturais e ecossistemas, sendo admitido

O Parque Nacional da Serra da Bodoquena foi criado em 21 de setembro de 2000, e possui 76.481 hectares (ha) de área total, dividida em dois fragmentos distintos, porém próximos: o fragmento norte, com 27.797 ha engloba parte da bacia do rio Salobra e o sul, com 48.684 ha, parte da bacia do rio Perdido (FUNDAÇÃO NEOTROPICA DO BRASIL, 2002).

A área escolhida para abrigar o parque foi a porção central do planalto da Bodoquena, um maciço rochoso elevado, com altitudes que variam de 450 a 650 m, no qual se mantém um dos últimos remanescentes nacionais da vegetação definida como floresta estacional semi-decidual, cuja cobertura vegetal apresenta-se, ainda, em boas condições de conservação, a partir de onde se infiltram as águas pluviais que abastecem os rios que cortam o planalto (FUNDAÇÃO NEOTROPICA DO BRASIL, 2002). O Parque protege um rico patrimônio ambiental: patrimônio espeleológico e formas de vida associadas; cabeceiras de rios regionalmente importantes, parte dos quais correm para o sul do Pantanal; vários ambientes relacionados às Matas Estacionais Deciduais e fauna associada; alta ocorrência de fósseis.

O Parque Nacional se faz presente nos municípios de Bonito, Jardim, Bodoquena e Porto Murtinho. A cidade de Bonito abriga a sede do parque, agora administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (criado por meio do desmembramento de funções e recursos humanos do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, IBAMA).

O município de Bonito nasceu em meio à beleza cênica das formações calcárias da Serra da Bodoquena e seus rios cristalinos. Assistiu-se ali, a disputa dos homens por parte daquele território e, mais tarde, à luz dos programas de incentivo à migração e modernização agropecuária, intensificou-se seu povoamento. Resultado desse diálogo entre o homem e o ambiente, a peculiar paisagem desperta o interesse dos viajantes, dos ambientalistas, dos turistas, e os olhos do país voltam-se para o pequeno município sul-mato-grossense.

No próximo item, apresentaremos as características e aspectos históricos de Bonito.

2. BONITO: CARACTERÍSTICAS E CONTEXTO HISTÓRICO

Bonito localiza-se na porção sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, a uma distância de 330Km da capital do estado, Campo Grande. Possui, de acordo com o censo do IBGE de 2000, 16.965 habitantes, sendo 12.928 residentes na área urbana e 4.028 na zona rural. Sua área totaliza 4.934 Km² e tem limites territoriais com os municípios de Bodoquena, Anastácio, Nioaque, Guia Lopes da Laguna, Jardim e Porto Murtinho (Figura 3).

O município encontra-se inserido no contexto do planalto da Bodoquena, com suas características paisagísticas peculiares, e da bacia hidrográfica do rio Paraguai, sub-bacia do rio Miranda, tendo como principais rios o Miranda, o rio Formoso e o rio da Prata.

O núcleo urbano de Bonito se desenvolveu próximo à confluência dos córregos Restinga e Bonito, inseridos na sub-bacia do rio Formoso (que possui 1.334 Km², o que corresponde a aproximadamente 27% da área do município), recurso paisagístico de extrema relevância, tanto para os moradores, como para o desenvolvimento da atividade turística.

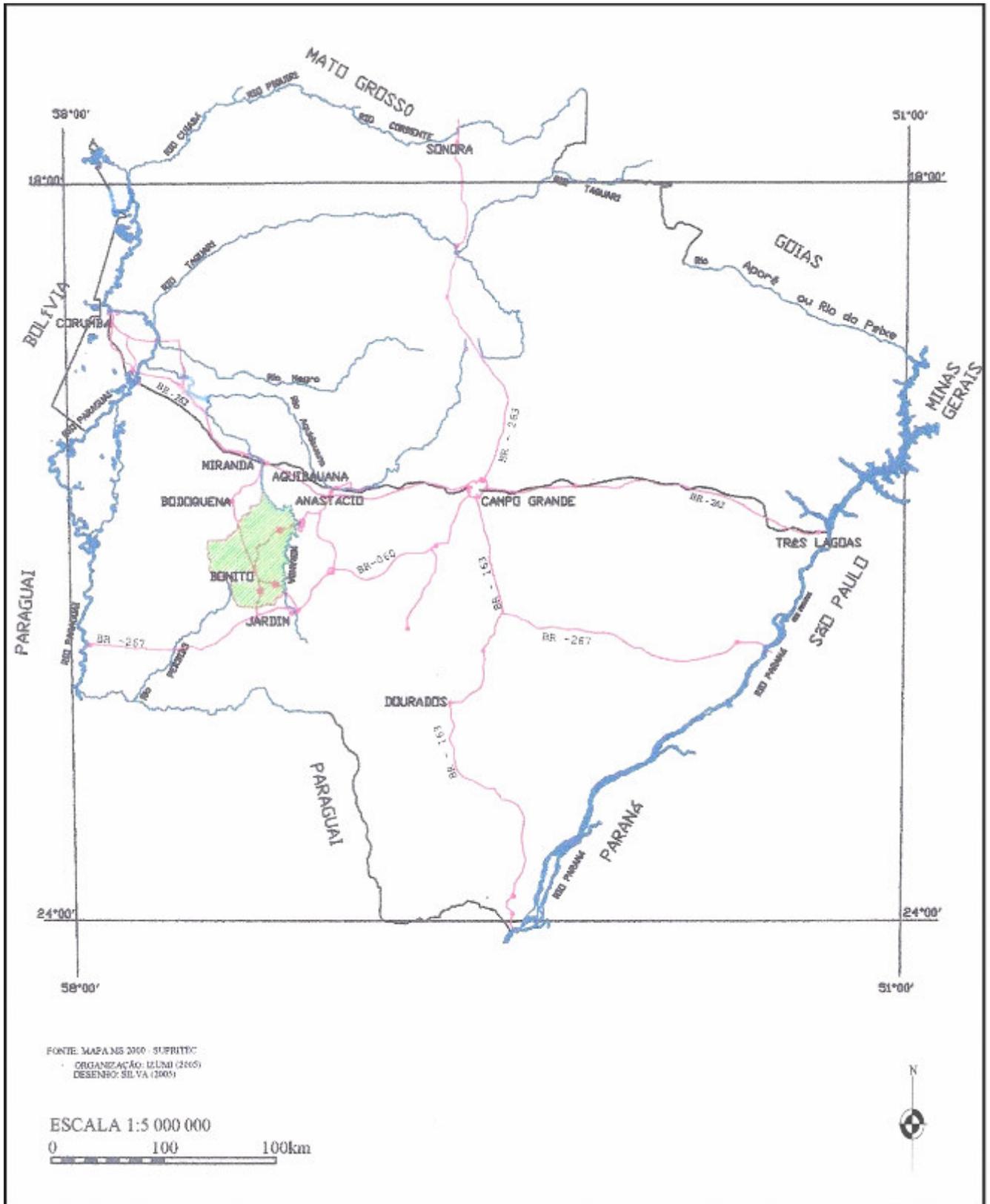


Figura 3: Localização do município de Bonito.

Fonte: IZUMI (2005).

A paisagem urbana é bastante peculiar, se comparada a outros municípios sul-mato-grossenses de mesmo porte. A área central concentra infra-estruturas turísticas como: meios de hospedagem, agências de turismo, bares, restaurantes e lojas de *souvenires*; possui todas as vias asfaltadas e intensa circulação de pessoas em períodos específicos. Destaca-se, ainda, a Praça da Liberdade, com seu recém inaugurado Monumento às Piraputangas, uma grande fonte, ponto obrigatório para as fotografias dos visitantes e os passeios de muitos dos moradores. Caminhando em direção às vilas, nota-se, entretanto, um grande contraste: escassez de equipamentos públicos, como praças e demais áreas de lazer, e a visível diminuição do número de ruas asfaltadas, estabelecimentos comerciais e visitantes; o tempo parece retroceder.

O Plano Diretor do município agrupa os bairros e vilas em setores. Essa divisão foi utilizada por Lomba (2004) para a produção do mapa da área urbana de Bonito, apresentado em sua dissertação. Os setores são os seguintes:

- **Setor 1:** Vila Central; Vila Bela; Vila Cristina; Vila Rodrigues; Vila Santa Consorcia; Vila Roncisvale; Vila Rica.
- **Setor 2:** Vila Donária; Cohab; Jardim Boa Vista; Loteamento Solar dos Lagos.
- **Setor 3:** Vila Castilho; Vila América; Vila Andrade; Vila Sanches; Vila Silveira; Vila Caldeira.
- **Setor 4:** Vila Andréa; Vila Recreio – BNH; Jardim das Flores; Loteamento Rio Formoso; Loteamento Portal do Rio Formoso; Loteamento Tarumã.
- **Setor 5:** Vila Jaraguá; Vila Nossa senhora Aparecida; Vila Planalto; Parque Residencial Marambaia; Vila João de Barro I; Vila João de Barro II; Vila Coração; Vila Maruca; Vila Santo Ângelo; Programa Che Roga Mi; Vila Formosa.
- **Setor 6:** Vila Machado;

A planta urbana foi, aqui, modificada a fim de destacar alguns itens, como: a principal via da cidade, Avenida Coronel Pilad Rebuá; a Praça da Liberdade, a confluência dos principais córregos urbanos, Restinga e Bonito, e a saída para o município de Guia Lopes da Laguna, através da rodovia MS-382 (Figura 4).

Segundo Izumi (2005), a economia do município esteve baseada em atividades rurais, com destaque para a pecuária de corte e a cultura da soja, até o início da década de 1990. A pecuária mantém-se como atividade de destaque, entretanto a agricultura apresentou notável retração:

A pecuária ainda é um forte componente da economia local, entretanto, a agricultura representa hoje, se comparada ao ano de 1984, apenas 20%

das terras plantadas com grãos, ou seja, uma queda no plantio de 75% das terras que eram destinadas principalmente às culturas da soja, milho, arroz e trigo em anos anteriores (p.10).

A autora pondera que, em virtude desse declínio da agricultura, aliado à participação pequena da indústria no montante da economia local e aos poucos postos de trabalho gerados pela pecuária, o turismo se consolidou, apresentando-se como uma das principais atividades econômicas do município e a maior geradora de empregos.

O município apresenta dois importantes festivais culturais ao longo do ano: o Festival de Inverno, que nos três últimos anos tem ocorrido em agosto, e se dá em atenção à baixa demanda turística que se percebe neste período. O Festival da Guavira ocorre em novembro e possui um aspecto de valorização dos aspectos regionais mais acentuado.

Em relação aos serviços públicos, a gestão dos resíduos sólidos urbanos de Bonito é de responsabilidade da Prefeitura Municipal, sendo atualmente geradas 19 toneladas por dia de resíduos. Os serviços de limpeza das vias públicas e dos bueiros das galerias de águas pluviais são executados por equipes da própria prefeitura. No centro da cidade, a frequência de coleta dos resíduos é diária. Nos bairros próximos ao centro é de três vezes na semana, e nos mais afastados, de duas vezes por semana (FUNDAÇÃO CÂNDIDO RONDON, 2006).

Segundo o atual secretário municipal de meio ambiente, o município possui um aterro sanitário controlado “que funciona desta forma desde fevereiro de 2005, e que ainda não foi licenciado pela não aceitação desta modalidade de aterro pelo órgão ambiental Estadual”. Sobre a coleta seletiva de resíduos sólidos, esta é administrada pela “Secretaria Municipal de Meio Ambiente e realizada pela associação Recicla Bonito, que é legalmente constituída. Atualmente a associação comercializa cerca de 20 toneladas de recicláveis por mês”, sendo que a população deve levar os materiais recicláveis a postos de coleta.

A Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul (SANESUL) administra os serviços de tratamento de água e coleta e tratamento de esgotos domésticos em Bonito. De acordo com o secretário, a área urbana é 100% servida com água tratada, e possui 100% de rede física de esgotos implantada e cerca de 85% dos domicílios ligados à rede, a qual possui uma Estação de Tratamento de Esgoto “moderna, com capacidade de atender a demanda do Município até 2025”.

A Fundação Cândido Rondon (2006) aponta que a micro-bacia do rio Formoso apresenta inúmeras formações de tufas calcárias ao longo de sua drenagem, elementos frágeis que, além do seu valor paisagístico, são de grande interesse científico por permitirem o estudo de variações climáticas pretéritas. Tal recurso ambiental tem sido degradado devido ao aumento acelerado da atividade turística e à degradação das matas ciliares, que acarreta o assoreamento dos rios e o aumento da turbidez da água.

Mariani (2000) afirma que as margens dos córregos urbanos de Bonito, encontram-se bem degradadas, devido à retirada da mata ciliar, despejo de esgoto a céu aberto, lixo e entulhos. Em alguns pontos estudados pelo referido autor, notou-se a presença de sulcos e ravinas, que tendiam a aumentar, se não houvesse uma medida mitigadora eficiente.

Sobre esse assunto, o Secretário de Meio Ambiente pondera:

Os córregos urbanos são um caso a parte, a urbanização avançou sobre os mesmos e o remanescente de vegetação ciliar é uma “piada”. Apenas um processo adequado de urbanização que leve em conta estes córregos, prevendo, inclusive, sua canalização, onde necessário, poderá solucionar o problema que hoje se apresenta.

O problema vai muito além da retirada das matas ciliares, se considerarmos que as áreas de inundação dos rios passam a ser totalmente construídas, encapadas por edifícios e asfaltos, impermeabilizando desta forma os solos marginais ao rio e prejudicando o escoamento das águas, o qual se avoluma na proporção direta do tamanho de suas várzeas (informação verbal) ²¹.

O procedimento de ocupação dessas áreas é comum, pelo menos às cidades brasileiras, o que, apesar de ser um fato muito conhecido, não se consegue barrar na estruturação das cidades: o processo de apropriação dessas áreas em face da especulação fundiária que se implanta sempre com muita força, até mesmo modificando leis que visam a atender seus interesses (informação verbal) ²².

²¹ Anotações de discussões com a orientadora, em 17 de novembro de 2007.

²² Anotações de discussões com a orientadora, em 17 de novembro de 2007.

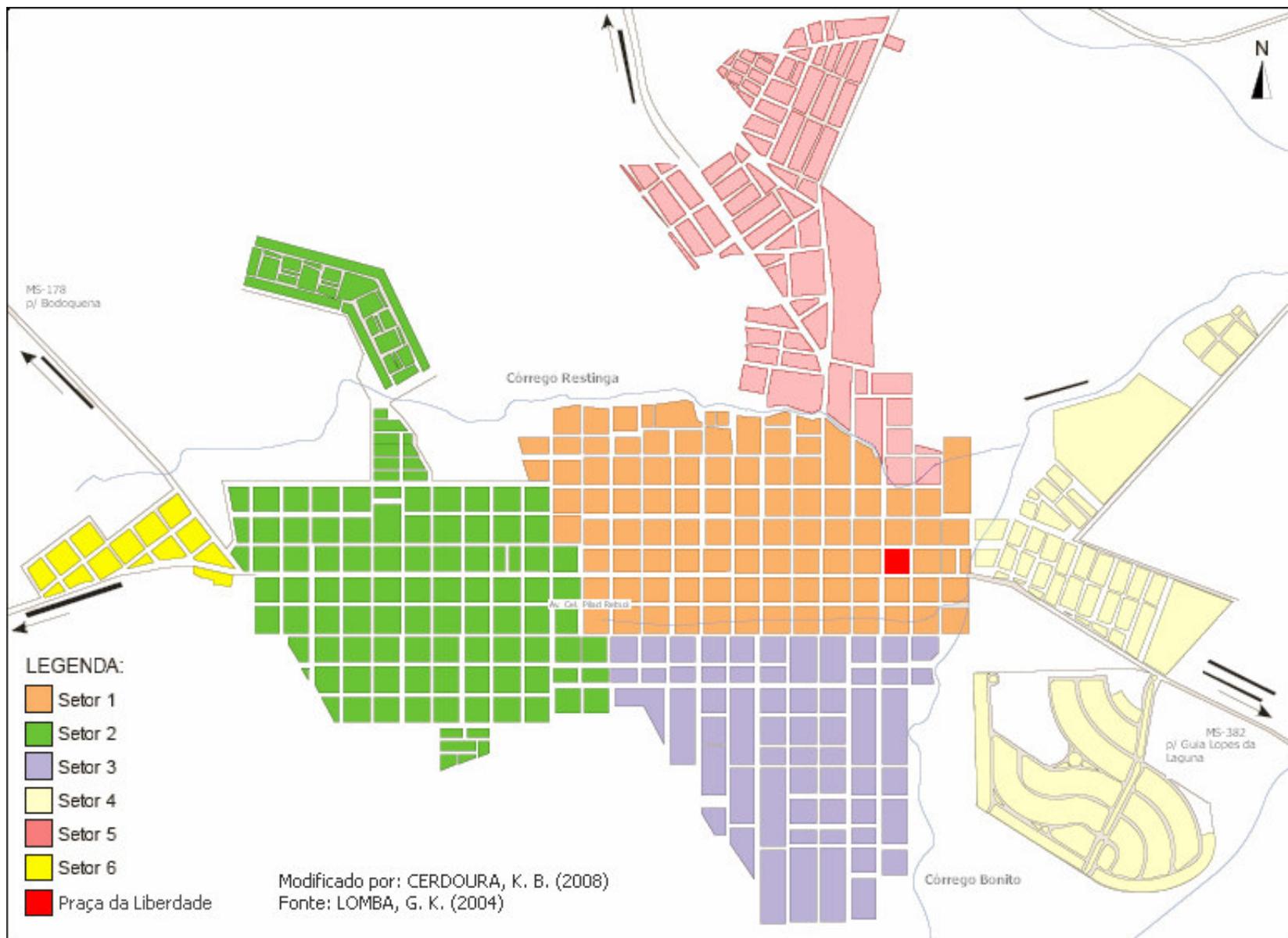


Figura 4: Divisão do perímetro urbano de Bonito em setores, de acordo com o plano diretor do município.

Em relação às influências culturais que contribuíram para a formação da população local, destacam-se a kadiwéu, a paraguaia, a guarani e a européia (portugueses, espanhóis e seus descendentes). Devemos lembrar também dos fluxos migratórios do século XX que trouxeram para Mato Grosso do Sul brasileiros oriundos de outros contextos culturais, como os migrantes mineiros, nordestinos, paulistas e, especialmente, os sulistas.

O contexto histórico que permeou esta organização territorial e culminou com a criação do município, tem início ainda no período colonial: Vargas (1998) e Mariani (2000) nos lembram das disputas empreendidas entre espanhóis e portugueses pelo domínio do território e definição de fronteiras entre impérios.

A ânsia pela conquista deste espaço era movida pelo mito do Eldorado, que no imaginário dos europeus seria um local repleto de metais preciosos. Dessa forma, o processo de colonização se deu de forma intensa e violenta, traduzida num processo de extermínio étnico (VARGAS, 1998).

Inicialmente ocupada por espanhóis, “que subordinaram o povo Guarani utilizando a catequização, via missões jesuíticas”, a região passou ao poder da Coroa Portuguesa no final do século XVII, através das incursões dos bandeirantes paulistas, expandindo o domínio do império para além do Tratado de Tordesilhas (VARGAS, 1998, p.63).

O território Guarani era, entretanto, pobre em minérios, restando aos colonos a mão de obra indígena como riqueza. As terras, por sua abundância, não eram compradas e sim doadas pela metrópole, e o estabelecimento do colono espanhol caracterizou-se, portanto, pela captura de índios e permanência no local, considerado estratégico como “porta de entrada para o Peru” (VARGAS, 1998, p.39).

Nesta localização estratégica, a sudoeste do atual estado de Mato Grosso do Sul, estabeleceu-se a Província Jesuítica do Itatim, fundada por espanhóis para a captura e catequização de índios, perdurando por quarenta anos, entre 1608 e 1648. Parte desta província constitui hoje o território do município de Bonito (VARGAS, 1998).

As províncias jesuíticas, sem o apoio do governo espanhol, sofreram sucessivos ataques por parte dos paulistas. O território Guarani ficou, portanto, à mercê das disputas entre portugueses e espanhóis entre o final do século XVI e meados do século XVII, o que levou à abertura de “imensas clareiras demográficas, promovendo o esfacelamento do universo guarani” (VARGAS, 1998, p.42).

Isto propiciou o avanço de tribos indígenas provenientes do chaco, que atravessaram o rio Paraguai e se estabeleceram na região sul do Pantanal. O principal grupo, formado por “caçadores-coletores extremamente belicosos”, era denominado Guaicuru.

Segundo Martins²³ (1992, apud Vargas, 1998, p.42-43), o cavalo é um elemento importante a se lembrar quando falamos sobre os índios Guaicuru. Introduzidos na região por colonos espanhóis, multiplicaram-se com rapidez devido à boa qualidade das pastagens naturais, tornando-se elementos totalmente inseridos à paisagem. Os índios Guaicuru aprenderam rapidamente a domesticação dos cavalos e já em 1650 os animais estavam de tal forma inseridos no modo de vida dos índios, que estes passaram a ser conhecidos como “índios cavaleiros”, os “indomáveis Guaicuru”.

Eles se tornaram senhores absolutos da região, subjugando outras tribos, constituindo-se, também, como “uma das maiores barreiras indígenas para a colonização da América” (VARGAS, 1998, p.43).

A autora destaca a importância de mencionar as circunstâncias que levaram os Guaicuru a ocupar a região, pois estes são ascendentes dos índios kadiwéu que vivem hoje em uma reserva federal, conhecida informalmente como Campo dos Índios, localizada na encosta oeste da Serra da Bodoquena. Sua cerâmica, com motivos característicos, é um dos elementos mais conhecidos de sua cultura, sendo bastante procurada pelos turistas que visitam o município de Bonito.

Segundo Vargas (1998), o século XVIII não foi mais tranqüilo que os períodos anteriores: a descoberta de ouro em Cuiabá atraiu atenções e medidas de defesa para todo o território mostraram-se necessárias. A autora descreve este fato²⁴, pois, a partir dele, foi realizada a construção do forte de Miranda e este, garantiu a permanência de Bonito como parte do território brasileiro, mediante o amparo de poderio militar.

O núcleo habitacional que originou a cidade de Bonito iniciou-se a partir da Fazenda Rincão Bonito de propriedade de Luiz da Costa Leite Falcão, “que chegou à região em 1869, tendo sido seu primeiro escrivão e atualmente considerado o desbravador de Bonito”. Nos anos anteriores a região foi palco da guerra com o Paraguai, sendo os índios Guaicuru e a população local convocados para lutar ao lado da Tríplice Aliança (VARGAS, 1998, p.65).

Os militares que se destacaram durante a guerra foram recompensados pelo imperador D. Pedro II com glebas de terra (cada uma com área de 54.000 ha) e, dentre eles, o Capitão Luiz da Costa Leite Falcão (VARGAS, 1998).

De acordo com o diagnóstico publicado pela Fundação Cândido Rondon (2006):

O início do povoamento da região de Bonito contou com as primeiras famílias provenientes das províncias de São Paulo e Minas Gerais, que requeriam terras devolutas do Governo Federal. Posteriormente, vieram muitas famílias em caravanas de cidades do Rio Grande do Sul, como as famílias Vargas, Trelha, Nogueira, Monteiro, entre outras. Muitos paraguaios também passaram a ocupar a região, fugidos da Revolução

²³ MARTINS, G. R. **Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS/FNDE, 1992.

²⁴Para esta discussão, Vargas (1998, p.65) se baseia na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Vol. XXXV. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. p.95.

Liberal no começo do século XX. Estes paraguaios então, passaram a servir como mão-de-obra para as fazendas.

Na década de 1920 construiu-se a Escola Mista, iniciando o processo de criação de um perímetro urbano, pois os fazendeiros passaram a construir casas em torno da Escola para facilitar o acesso dos filhos (p. 14).

O pequeno povoado, pertencente ao município de Miranda, foi oficialmente instituído como Distrito de Paz através da Lei estadual nº 693 de 11 de junho de 1915, mantendo-se administrativamente subordinado a Miranda (VARGAS, 1998).

Apenas em 24 de fevereiro de 1927, entretanto, a sede do Distrito de Paz de Bonito foi fundada. Segundo VARGAS (1998):

Em 24 de fevereiro de 1927, com a colaboração do Coronel Pilad Rebuá – então prefeito de Miranda – o Capitão Manoel Ignácio de Farias, genro do Capitão Luiz Falcão, fundou o Distrito de Paz de Bonito, vinculado ao município de Miranda. Em troca, foi doada ao Sr. Luiz da Costa Leite Falcão uma área de terras no cerrado (p. 65).

A obra “Bonito: terra prometida”²⁵, escrita por Theodorico de Góes Falcão, descreve alguns detalhes da história do município que merecem atenção, já que são fruto de experiências diretas vividas pelo autor ou fatos contados por familiares e amigos, além de resultado de seu trabalho de pesquisa. Theodorico (ou “Seu Bijo”, como era chamado), era conhecido por todos no município. Poeta, escreveu outros três livros e ocupa a cadeira de número 14 do Instituto Internacional da Poesia de Porto Alegre, RS.

No preâmbulo do livro, o autor destaca a escassez de obras que tratassem, à época, da história do município:

Esta obra foi produzida parcialmente manual, num verdadeiro trabalho de artesanato, com uma tiragem de (300) trezentos exemplares, mas o seu conteúdo sobre a criação de Bonito é o mais rico publicado até hoje, indispensável, principalmente, aos alunos que não encontram nas brochuras oficiais a história da cidade onde vivem (FALCÃO, 199?, p.1).

Sobre o dia da fundação do Distrito de Paz, Theodorico escreveu:

Fundada em 24 de fevereiro de 1927, por Manoel Ignácio de Farias, a cidade de Bonito era uma fazenda que se chamava rincão Bonito. Na ocasião estiveram presentes, entre outros, as seguintes pessoas que já moravam na região: Luis da Costa Leite, Vicente Flores, Arthur Leite Falcão, Bonifácio Gomes, Otávio Nogueira, Durvalina Teixeira, Manoel

²⁵ Uma fotocópia do livro “Bonito: terra prometida” está disponível na Biblioteca Municipal de Bonito, mas, muito manuseada, não nos permite visualizar a data de publicação, embora possamos deduzir que tenha se dado em meados da década de 1990, em virtude de certos fatos descritos. Theodorico de Góes Falcão faleceu no último dia 11 de junho e será homenageado através de nova edição de suas obras.

Jacques, José Cirioca de Oliveira, Pedro Nolasco, Liberato Ovando, Catarino dos Santos, João Valêncio, Julio L. Sanches.

Bonifácio P. Gomes foi o primeiro comerciante, Augusto Teixeira o primeiro juiz de Paz, Dr. Conrado, foi o primeiro médico; Aldo Bongiovani o primeiro farmacêutico; Luis da Costa Leite Falcão foi o primeiro tabelião e escrivão; Dna. Durvalina Teixeira foi a primeira professora.

Além de Manoel Ignácio de Farias, Bonito teve a colaboração do Cel. Pilad Rebuá, que na época era prefeito de Miranda, cujo município pertencia a fazenda Rincão Bonito (FALCÃO, 199?, p. 14).

O autor destaca que no dia de fundação do Distrito de Paz, foi inaugurada a primeira escola de Bonito, a Escola Mista, já citada, sendo uma das 99 crianças matriculadas na primeira turma:

Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro²⁶ do ano de 1927, no Distrito de Bonito, no edifício da Escola Mixta, às 11:00 horas do dia presente, o Sr. intendente do município, Pilad Rebuá, o presidente da Câmara, Sr. Raphael Candia, o Sr. Ângelo Rebuá, membro do diretório de Miranda, o Sr. subdelegado de polícia Julião Soares (...) e demais autoridades, Srs, Sras, e senhoritas e cavalheiros, o Sr. intendente convidou Dona Dorvalina Dorneles Teixeira, professora nomeada para tomar assento a mesa, ladeada pelas autoridades citadas (...) usando a palavra o Sr. Cel. Intendente lembrou a data da promulgação da constituição, que hoje se comemora e declarou que ficava inaugurada a sede do distrito, com a instalação da escola alicerce da prosperidade de um povo (FALCÃO, 199?, p.12).

[...] sendo todos os oradores muito aplaudidos, ao som da banda musical, ninguém mais usando a palavra, o Sr. intendente declarou instalada a escola e inaugurado o patrimônio de Bonito (...). Após o ato foi tirada uma fotografia da ocorrência, servindo churrasco e cerveja debaixo da maior cordialidade e entusiasmo, e nada mais havendo a tratar, lavrou-se a ata presente [...] (FALCÃO, 199?, p.12).

Falcão (199?) conta que ainda no final da década de 1920 os primeiros automóveis passaram por Bonito, fato que levou à “idéia brilhante” da construção do primeiro mata-burros da região. Lembra, ainda, de uma grande enchente que deixou o povo de Bonito ilhado por três meses, além da primeira aterrissagem de avião, no final da década de 1930, fato que causou grande comoção entre os presentes:

Os primeiros veículos que entraram em Bonito, foi no ano de 1928, sendo em número de 19 carros, tipo automóveis, contando com uma jardineira da marca Ford que partiu de Miranda, MS passando pelo patrimônio de Bonito de regresso a Bela Vista. Fato este que sucedeu, foi por causa da inauguração da estrada, que foi feita a serviço braçal, ligando Miranda, passando por Bonito, indo até Bela Vista (p. 34).

Todos ficaram abismados em vê-los, por que nessa época somente existia carros mineiros, carreta de boi, boi de sela e cavalo de montaria. Embora o

²⁶ Nota-se discordância entre as datas de fundação do Distrito de Paz. Assumimos o dia 24 de fevereiro como a data correta, de acordo com Vargas (1998) e outros meios que divulgam a história do município de Bonito.

método antiquado, mas, porém de grande valor, pois eram esses os meios de transporte que muito auxiliavam na venda e compra de mercadorias (p.34).

O interessante é que naquela época, nem se ouvia dizer de mata-burros, e muito menos em ponte, pois, para servir de acesso sobre os córregos e rios, usavam duas bicas ou cochos feitos de madeira denominada 'aroeira', para poderem cruzar os automóveis. Mas nesse ínterim, surgiu idéia brilhante de dois meros carpinteiros, que muito vale citar os nomes: Sr. João Sanches e Sr. Salvador Castilho, que gradearam, fazendo o primeiro mata-burros da região (p. 34).

Nessa época de 1930 a 1932 nós ficamos três meses ilhados pelos rios e córregos que provocaram enchentes. Não dando acesso algum, para o povo sair do patrimônio, para fazer suas costumeiras compras no município de Miranda e Aquidauana, em consequência desse fato ocorrido, ficamos sem víveres, sem fósforo e sem sal. Sendo que o fósforo, tivemos que imitar um isqueiro muito rudimentar, mas porém produzia bom efeito, que era feito de pedra de fogo e uma lima (...). A referida pedra porém era encontrada na praia do Rio Miranda, que ficou intitulada como fósforo de Getúlio Vargas, pois o mesmo governava o país na época (p. 34-35).

Sobre o primeiro avião a ser avistado pela população, Theodorico conta que o fato se deu em virtude de uma aterrissagem forçada em um brejo, sendo os ocupantes militares que tinham como missão “desarmar a campanha e malfeitores da região, por ordem do ministro da guerra”:

O primeiro avião que aterrissou no município de Bonito foi um aparelho denominado 'teco-teco', cor vermelho, mas porém causou grande admiração ao povo, mas também teve uma senhora que desmaiou com um ataque, pensando que era ser de outro planeta, o mesmo aterrissou às 8:00 horas do dia 8 de dezembro de 1938 (p. 35).

Esses trechos da história de Bonito, contados por Theodorico Falcão e passados durante as décadas de 1920 e 1930, têm a propriedade de nos remeter a esses tempos em que a paisagem do pequeno Distrito de Paz era dominada pelos carros-de-boi, homens à cavalo e as inúmeras dificuldades em se viver com recursos escassos num ambiente por vezes hostil. Leva-nos a conhecer as relações que se davam entre os povoados da região, e a dependência que havia entre eles, como, por exemplo, a dos víveres encontrados apenas em Miranda e Aquidauana. Percebemos, ainda, a constante ameaça que assolava o povo, caracterizada pela passagem dos bandoleiros pela região.

Tal retrato não é útil apenas para caracterizar este período. As mudanças se deram muito lentamente ao longo dos anos e o núcleo urbano se manteve semelhante até meados dos anos de 1970.

Os moradores mais antigos entrevistados lembram-se que a cidade, ainda nos anos de 1950, 1960 e 1970, possuía apenas a avenida principal, Pilad Rebuá. Por esta via de terra passavam cavaleiros, deslocando-se entre fazendas. Três ou quatro estabelecimentos

comerciais abasteciam a população que, para obter o restante dos mantimentos, precisava viajar. As viagens a Miranda e Aquidauana eram “muito sofridas”. Não havia rede elétrica, apenas um gerador que funcionava entre as seis horas da tarde e as dez horas da noite, quando, então todos se recolhiam para dentro de suas casas.

O Distrito de Paz foi alçado à categoria de Município em 02 de outubro de 1948, através da lei Estadual nº 145, mantendo o mesmo nome e tendo como sede de município a cidade de Bonito (FALCÃO, 1997; VARGAS, 1998).

Segundo Vargas (1998, p. 66) questões regionais, aliadas à expansão industrial do país provocaram “uma dinamização em toda a borda meridional da Bacia do Alto Paraguai, que se traduziu na gênese de vários municípios, entre eles o de Bonito”.

O crescimento da população urbana do município se deu acompanhando a tendência apresentada em todo o território nacional: esvaziamento do campo, intensificado pelo processo de modernização agrícola que se deu a partir dos anos 60.

Em 1950, a população total do município era de 4.360 habitantes, sendo 483 em área urbana e 3.877 em área rural (88,92% do total). Ao longo de duas décadas, ambas as populações aumentaram, mas em 1980 registrou-se um expressivo aumento da população urbana, acompanhado do primeiro registro de queda da população rural, padrão que se manteve desde então. Em 1996 a população rural representava apenas 27% do total de habitantes do município (VARGAS, 1998). Comparado aos dados do censo demográfico de 1.991, isto mostra uma redução de 9,84% da população rural. Tal tendência leva à intensificação da ocupação do solo urbano e, se somada ao aporte sazonal de turistas (atividade de destaque no município), exerce grande pressão sobre este espaço.

Como discutimos anteriormente, nas décadas de 1960 e 1970 assistiu-se à modernização da pecuária e da agricultura, em atenção aos mercados externos. Os efeitos daí advindos alcançaram a região na qual se insere o município de Bonito, explicando em parte esta dinâmica populacional.

Segundo Vargas (2001), é a partir da década de 1970 que o modelo de modernização do campo passa a influenciar o município de Bonito, através de incentivos e financiamentos que objetivavam o revigoramento da cultura cafeeira. Entre 1979 e 1980 a procura por esse financiamento cai, provavelmente devido à expansão da soja.

A agricultura brasileira tem seu ápice até meados da década de 1980, enquanto era contemplada com os subsídios federais, e começa a entrar em declínio, à medida que vai perdendo tais incentivos.

Essa crise atinge o município de Bonito no início da década de 1990, impondo a necessidade de adoção de novas alternativas econômicas. É neste momento que o turismo desponta como atividade econômica alternativa às tradicionais que estavam em crise.

A discussão referente à relevância do fenômeno turístico para o município de Bonito, e conseqüentes influências, encontra-se no próximo capítulo. Será feita, inicialmente, uma exposição breve sobre o turismo, atividade que desde a década de 1950 vem mobilizando recursos e pessoas de forma massiva em torno do desejo de viajar; da busca por momentos de lazer e descanso e da ânsia por conhecer novos espaços.

CAPÍTULO II

O MUNICÍPIO DE BONITO E O TURISMO

1. A ATIVIDADE TURÍSTICA

O turismo é um dos fenômenos econômicos, políticos, sociais e culturais mais expressivos das sociedades pós-industriais, movimentando um enorme volume de pessoas e de capital, criando e recriando espaços diversificados (RODRIGUES, 1996).

Inicialmente caracterizado pelo deslocamento associado estritamente a motivações ideológicas (como as antigas peregrinações religiosas), hoje o turismo manifesta-se como atividade econômica organizada, integrada ao processo de globalização (GEIGER, 1996). Assim sendo, a atividade turística apresenta inúmeras modalidades, relacionadas às mais diferentes aspirações e anseios humanos, expandindo-se e apropriando-se de diversos territórios.

Geiger (1996) nos lembra que o deslocamento de pessoas em número considerável, com o objetivo de lazer, foi observado a partir do século XIX, quando do aprimoramento dos meios de transporte (navios a vapor e estradas de ferro). Imbuídos de uma ideologia colonial, os viajantes viam nos países periféricos encantos a desvendar; a maior parte dos turistas que visitava países colonizados era proveniente das respectivas metrópoles colonizadoras.

Após a Segunda Guerra Mundial nota-se o desenvolvimento do turismo de massa, que se caracteriza hoje:

[...] pelo elevado número de pessoas, de quase todos os povos, viajando; pela quantidade de pessoas empregadas no setor e pelo movimento financeiro que envolve; pela abrangência geográfica do movimento, o

turismo alcançando todos os lugares da Terra, e pelo envolvimento das administrações públicas no processo (GEIGER, 1996, p.55).

Portanto, como aponta Mariani (2000), o turismo de massa popularizou a viagem, antes uma atividade aristocrática, o que se deu devido às transformações no mundo do trabalho (com o surgimento de férias remuneradas e diminuição da jornada de trabalho), ao processo de urbanização e à evolução no âmbito dos meios de transportes (popularização dos automóveis e consolidação do transporte aéreo).

O desenvolvimento da atividade turística implicou, então, em mudanças sociais; mudanças dos mercados; das possibilidades e meios de deslocamento e da própria concepção que se tinha de distância.

Frente a esta complexidade, Rodrigues²⁷ (1992, apud Mariani, 2000, p.16) pondera que “o turismo deve ser abordado em âmbito multidisciplinar, particularmente pelo conjunto das Ciências Sociais”.

Para Mariani (2002, p.35), as ciências sociais e humanas são especialmente úteis, à medida que oferecem a possibilidade de analisar o turismo sob aspectos e olhares diversos, já que “a relação do turismo com o espaço e o tempo implica em análises das mais diferentes variáveis”. Neste sentido a Geografia merece destaque, pois apresenta ferramentas de análise adequadas a esta complexidade.

A Geografia começou a voltar sua atenção ao turismo na década de 1970 e se ateuve a temas como a distribuição espacial das demandas, o movimento dos fluxos e impactos do turismo, entre outros. Rejowski²⁸ (1996, apud Mariani, 2002, p.35) destaca a importância desta ciência na busca pela compreensão do fenômeno:

[...] a Geografia é uma das poucas disciplinas em que o turismo tem sido reconhecido como área de interesse e, como tal, vem sendo estudado sob a denominação de Geografia do Turismo, Geografia Turística, Geografia da Recreação ou Geografia Recreacional.

Mariani (2002) lembra que a nova organização do território mundial, o dito mundo globalizado, leva a uma crescente valorização da atividade turística (que se expande por um número cada vez maior de territórios), e aí reside a importância de uma ciência como a Geografia se debruçar sobre assuntos relativos a este fenômeno.

Quando afirmamos que o turismo se expande pelos mais diversos territórios, podemos nos remeter a Nicolás (1996, p.44), para quem o turismo “é um consumidor do espaço”.

²⁷ RODRIGUES, A. B. Geografia e turismo – notas introdutórias. In: **Revista do Departamento de Geografia**. n. 6. São Paulo (USP), 1992.

²⁸ REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa científica**. Campinas: Papirus. 1996.

Segundo o autor, o turismo pode criar e recriar o espaço como valor de uso e de troca, mas isso não acarreta necessariamente sua destruição (ainda que esta às vezes ocorra); o espaço é consumido, mas não forçosamente destruído, o que significa dizer que a atividade turística não obedece necessariamente às leis da atividade econômica tradicional (NICOLÁS, 1996).

A atividade turística pode ser, portanto um agente da valorização de espaços que normalmente não teriam valor na lógica de produção, como casarios antigos ou outros elementos que caracterizem uma determinada cultura.

Rodrigues (1997) reforça essa idéia, destacando que o processo de globalização não leva necessariamente à homogeneização dos espaços, já que necessita das diferenças para se perpetuar.

Segundo Maillat (2002), muitos autores consideram que o fenômeno da globalização faz emergir o quadro local e o valoriza, de forma que “o local subentende o global através de um processo de territorialização”, ou seja, através da inserção do global no sistema territorial/local de produção.

Neste momento, em que antigos paradigmas capitalistas estão em cheque, o local, anteriormente desvalorizado, volta à cena como peça fundamental que deixa de ser passiva para trabalhar de forma ativa, reafirmando sua identidade.

Para Rodrigues (1997) é exatamente a partir da valorização das bases locais ou endógenas e do resgate e reafirmação da expressão identitária de uma comunidade que se constroem as bases para o desenvolvimento local. Isso se dá à medida que a própria comunidade tem a oportunidade de identificar e solucionar seus problemas com base em sua própria experiência.

Isto significa, no caso da atividade turística, que as potencialidades e características particulares do local devem ser reconhecidas e ter seu desenvolvimento estimulado, tendo como objetivo a melhoria da qualidade de vida para aqueles que ali vivem e a conservação dos aspectos ambientais e sócio-culturais que caracterizam a paisagem, sem que, para isso, a comunidade se mantenha isolada.

É comum, entretanto, que o desenvolvimento da atividade turística esteja assentado preferencialmente nas demandas exógenas: as especificidades do local são exploradas no sentido estrito de criar um produto a ser comercializado, sem a devida participação da população local no processo decisório.

Para Souza (1997, p.19-20), esse é um assunto complexo, especialmente em se tratando da atividade turística que se dá nos países em desenvolvimento. Neles, as disparidades sócio-espaciais acentuam a heterogeneidade de grupos ou segmentos sociais, cada qual com interesses, necessidades e possibilidades próprios. Há grupos de interesse que podem lucrar com o turismo predatório, como os que exploram o capital imobiliário ou a

prostituição, por exemplo. Há também os grupos que podem ser indiferentes aos impactos negativos gerados por este tipo de turismo, à medida que possuem maior poder aquisitivo e, conseqüentemente, maior mobilidade e possibilidade de realocização. Por fim existem os grupos (e, seguramente, aí se encontra a maioria da população) que são severamente prejudicados, pois têm “suas estratégias de sobrevivência ou seu acesso a recursos vitais seriamente ameaçados”. A assimetria de poder faz com que poucos grupos dentro de uma comunidade tenham autonomia para gerir e disciplinar a atividade turística, estando o restante da população à margem desse processo, o que faz com que o turismo e seus desdobramentos não correspondam, neste caso, às necessidades e expectativas da população local.

2. DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DO TURISMO EM BONITO

Em Mato Grosso do Sul, a atividade turística teve como ponto de partida o grande impulso que a questão ambiental teve no estado, no decorrer da década de 1980.

Essa década, como nos lembra Vargas (1998), foi um período caracterizado pela busca de identidade regional para a nova unidade da federação que, então, se consolidava. Nesse contexto, o aspecto cênico da paisagem sul-mato-grossense ganhou destaque, em especial, no que se refere à planície pantaneira, ambiente peculiar e frágil, ainda pouco transformado pelo capital.

Houve, a partir daí, o surgimento de entidades civis e governamentais destinadas à luta pela conservação deste bioma, pontuando o nascimento da atividade ambientalista no estado.

O movimento ambientalista não era, obviamente, prerrogativa do estado de Mato Grosso do Sul e do Pantanal. No início da década de 1980, o mundo ocidental voltava seus olhos para os desdobramentos das atividades humanas, empreendidas ao longo dos séculos.

Já nas décadas de 1960 e 1970, a ordem social e política vigente era contestada. Observavam-se segmentos sociais que nunca estiveram entre os mais “significativos movimentos de questionamento da ordem instituída”, como mulheres e negros, reivindicando direitos e mudanças. Neste contexto, até mesmo aqueles que requeriam atenção às questões ecológicas, ganhavam força para manifestar-se (GONÇALVES, 2000, p.11).

Segundo Vargas (1998, p.31), a intensificação do modo de produção capitalista, iniciado na Europa e difundido como regra geral, levou-nos a considerar a natureza como fonte inesgotável de recursos, e a moldá-la “em função de critérios de rentabilidade”.

Este modo de produção estava, portanto, em xeque e é aí que residem, segundo Gonçalves (2000), as raízes históricas e culturais do movimento ecológico. Para o autor:

Talvez nenhum outro movimento social tenha levado tão a fundo essa idéia, na verdade essa prática, de questionamento das condições presentes de vida. Sob a chancela do movimento ecológico, veremos o desenvolvimento de lutas em torno de questões as mais diversas: extinção de espécies, desmatamento, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água, contaminação de alimentos, erosão dos solos, diminuição das terras agricultáveis pela construção de grandes barragens, ameaça nuclear, guerra bacteriológica, corrida armamentista, tecnologias que afirmam a concentração de poder, entre outras. Não há, praticamente, setor do agir humano onde ocorram lutas e reivindicações que o movimento ecológico não seja capaz de incorporar (p.12).

O movimento ecológico se vê envolvido com questões tão diferentes em função de seu caráter difuso: não há uma condição social ecológica ou um corpo de indivíduos específico (como no caso dos movimentos feministas ou negros, por exemplo, que, como pondera Vargas (1998), possuem uma existência objetiva, através da qual questionam sua condição social imposta e suas singularidades). Há a proposta de um novo tipo de relação entre a sociedade e a natureza, um novo modo de vida, que pode abarcar quaisquer grupos de indivíduos (GONÇALVES, 2000).

No Brasil, o movimento ambientalista surgiu na década de 1970, no contexto da ditadura militar, em que os homens com poder de decisão optam por um modelo de desenvolvimento que incentiva a industrialização do país, a partir de capitais internacionais. Esse desenvolvimento industrial, o maior da história do Brasil, se deu num país em que as elites produtoras não possuíam “por tradição, respeito, seja pela natureza, seja pelos que trabalham” (GONÇALVES, 2000, p.14).

Ocorre que o cenário mundial da década de 1970, de crescente preocupação com catástrofes ambientais, leva as instituições financeiras internacionais a impor exigências para a realização de investimentos no território brasileiro. O autor destaca que “antes que se houvesse enraizado no país um movimento ecológico, o Estado criou diversas instituições para gerir o meio ambiente, a fim de que os ansiados investimentos pudesse aqui aportar” (p.15). Antes mesmo de compreender o teor das reivindicações ambientalistas, o Brasil passa a lidar com políticas ambientais que têm por finalidade, não a conservação dos recursos, mas a atenção a uma política de atração de investimentos (GONÇALVES, 2000).

Nesse contexto, nos anos de 1980, são fomentadas políticas públicas ambientais para o estado de Mato Grosso do Sul: práticas antigas, até então aceitas, passam a ser questionadas, como a ação dos coureiros; a pesca em período de reprodução; as queimadas, além de assoreamento e contaminação dos rios em virtude das práticas agrícolas. Espécies típicas da região passam a ser consideradas em risco de extinção e ganham destaque na mídia, tornando-se espécies-bandeira, como o jacaré, a arara-azul e o cervo-do-pantanal (VARGAS, 1998).

O turismo na região da serra da Bodoquena, ainda incipiente, também ganhou impulso neste contexto. Segundo Vargas (1998, p.34):

Diante dessa nova postura, necessária ao desenvolvimento econômico-social, a dinâmica capitalista busca alternativas para sua sobrevivência. Para o caso de Bonito, diante dos limites impostos ao crescimento exploratório da terra, em função das singularidades do local, o turismo desponta como uma atividade viável e devidamente recomendada pela cartilha do desenvolvimento sustentável.

Muitos turistas, atraídos pela propaganda relativa ao Pantanal vinham até o estado, passavam pela região da serra da Bodoquena e conheciam seus atrativos (VARGAS, 2001). Até então, os recursos hídricos, elementos de destaque na paisagem local, serviam quase que exclusivamente para o lazer dos habitantes da região, sendo os locais mais visitados, a gruta do Lago Azul e a ilha do Padre (ver na Figura 5, além destes, os demais atrativos turísticos do município de Bonito).

Em 1984, foi realizado o projeto “Grutas de Bonito – diretrizes para um manejo turístico”²⁹, através do qual foram feitos levantamentos sobre o potencial espeleológico da região. Para as cavernas de considerável potencial turístico foram apresentados projetos de infra-estrutura para a visitação, com marcante preocupação ambiental. Tal estudo apontava para a necessidade de planejamento da atividade turística da região, sugerindo o princípio da mínima interferência possível (BOGGIANI, 2001). Segundo o autor:

Nesta época o turismo era restrito a visitas esporádicas à Gruta do Lago Azul, Nossa Senhora Aparecida e à Ilha do Padre, antigamente conhecida como Ilha de Santa Cruz [...] onde havia uma área de acampamento com infra-estrutura muito simples (p. 153).

De fato, até meados da década de 1980 não havia qualquer preocupação com a exploração profissional do turismo, tampouco infra-estrutura para recepção de turistas: eram encontrados poucos hotéis, todos destinados a viajantes comerciais e fazendeiros, sendo

²⁹ Projeto desenvolvido por LINO, C. F. et al. Projeto Grutas de diretrizes para um plano de manejo turístico. Bonito: relatório inédito financiada pela Empresa de Turismo do Mato Grosso do Sul (MS-tur), Sub-secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan) e Fundação Nacional Pró-Memória. Mapas.

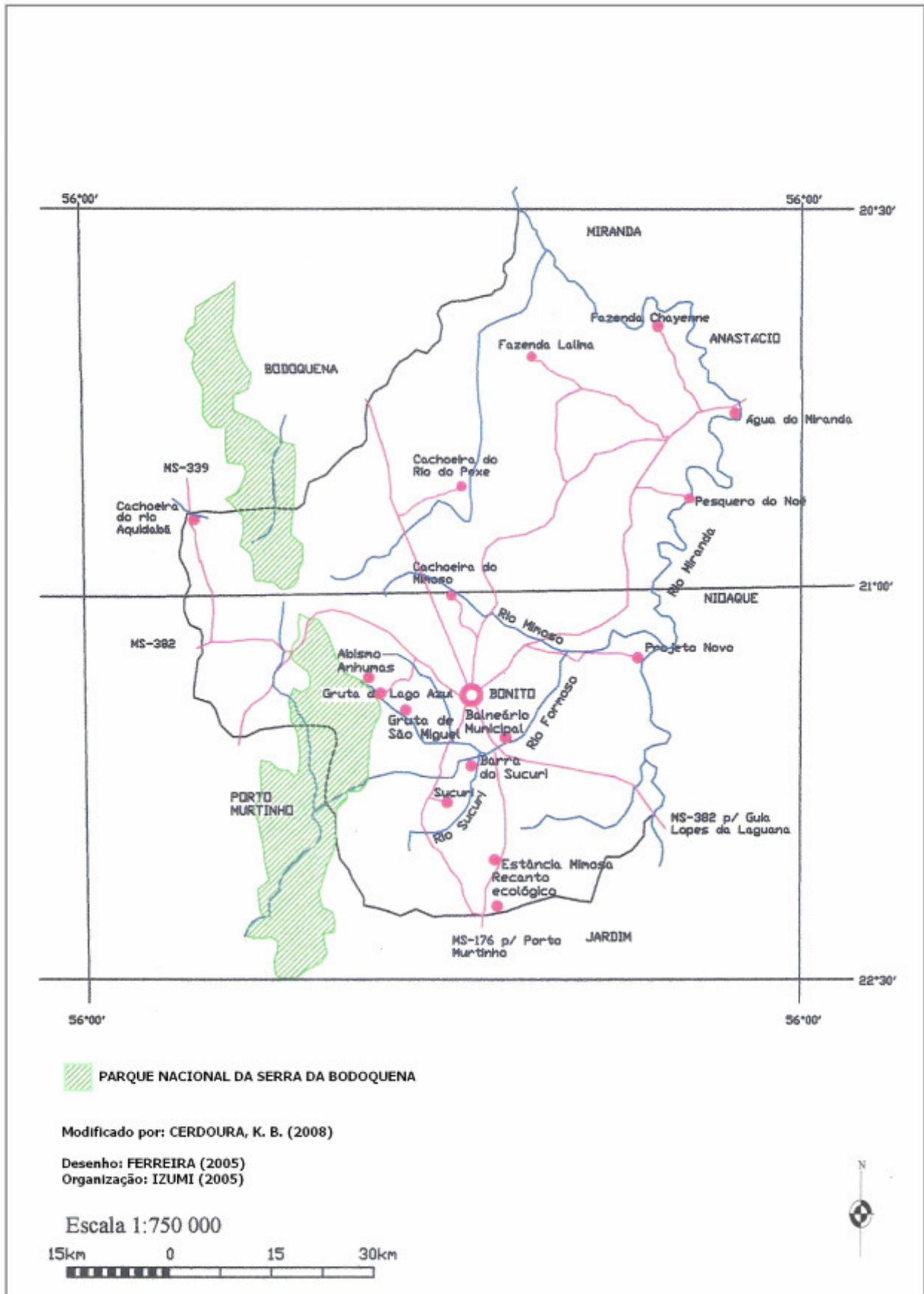


Figura 5: Localização dos principais atrativos turísticos do município de Bonito.
 Fonte: IZUMI (2005).

que os acessos se davam principalmente por estradas de terra (VARGAS, 2001; BOGGIANI, 2001).

Passado o período no qual se cogitava a adoção da atividade mineradora como opção para o município (conforme discutido no capítulo anterior), iniciam-se os primeiros passeios de bote inflável pelo rio Formoso, por iniciativa de empresários que desenvolviam a mesma atividade no estado do Rio de Janeiro. Em função desse passeio, foi criada a primeira agência de turismo do município, que organizava, também, visitas à Baía Bonita e às grutas do Lago Azul e Nossa Senhora Aparecida. A atividade era, ainda, bastante informal e a região da serra da Bodoquena pouco conhecida, exceto por notícias esporádicas em jornais e revistas (BOGGIANI, 2001).

Em 1988 a Prefeitura Municipal desapropriou uma gleba de terras para a construção do Balneário Municipal, com o objetivo de atender prioritariamente à população local (BOGGIANI, 2001).

No início dos anos de 1990, as atividades econômicas tradicionais do município (agricultura e pecuária) entraram em crise, apontando para a necessidade de um “redirecionamento da economia” local. Assim sendo, o turismo ganhou força como alternativa ao tipo de economia vigente, em meio ao fortalecimento do discurso ambientalista no estado (VARGAS, 2001, p.127). Entretanto, essa mudança da matriz econômica não se deu de forma simples:

A indicação da atividade turística como alternativa econômica para a região era então ridicularizada por alguns e colocada em dúvida por outros. Eram poucos naquela época, que vislumbravam o sucesso do turismo; ao mesmo tempo, o incentivo desta atividade inspirava preocupação devido ao risco de ela vir a promover maior rigor da fiscalização ambiental – o que era visto com reservas por uma sociedade até então extrativista (BOGGIANI, 2001, p.156).

A atividade turística ganhou maior impulso a partir de do biênio 1992/1993, como destacam Vargas (2001) e Boggiani (2001).

Para Boggiani (2001), a Expedição Franco-Brasileira Bonito 92 e o primeiro curso de formação de guias são “fatos que podem ser considerados como marcos do início do processo que tirou a região do amadorismo e a colocou no caminho da profissionalização da atividade turística”.

A Expedição Franco-Brasileira Bonito 92 era composta por mergulhadores brasileiros e franceses, e uma teve como objetivo a exploração subaquática das cavernas da região.

Durante a expedição foram encontrados, na Gruta do Lago Azul, fósseis de mamíferos de grande porte já extintos, atraindo o interesse da imprensa e “dando início à

intensa divulgação das belezas da região, o que estimulou o interesse pelo seu potencial turístico” (BOGGIANI, 2001, p.157).

O primeiro curso de formação de guias de Bonito foi realizado em dezembro de 1992, sendo coordenado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e patrocinado pelo SEBRAE (Serviço de Apoio à Pequena e Micro Empresa) e pela Prefeitura Municipal de Bonito (BOGGIANI, 2001; VARGAS, 2001).

A necessidade de capacitar recursos humanos locais (que, inclusive, já atuavam informalmente como guias) se impunha, bem como a grande preocupação, por parte dos ambientalistas, com a conservação do patrimônio natural do município, naquele momento, visivelmente ameaçado.

Antes do início do referido curso, ocorreu um intenso turvamento das águas do rio Formoso, decorrente das práticas agropecuárias de então. Esse fato deixou parte da comunidade receosa sobre o futuro daquele lugar: “as recentes degradações ambientais preocupavam. Parecia que a serra da Bodoquena estava se desmanchando, desfazia-se diante de olhares sensíveis, porém impotentes, frente ao poder do progresso a qualquer custo” (BOGGIANI, 2002, p.156).

A partir disso, algumas pessoas do município, ligadas às questões ambientais, picharam muros da avenida principal da cidade com a frase: “Os agricultores estão acabando com Bonito”. Expressavam, assim, sua revolta “sensibilizados e motivados pelos acontecimentos da Eco-92, ocorrida em julho no Rio de Janeiro” (BOGGIANI, 2001, p. 156).

Ocorreu, então, em 19 de dezembro de 1992, a mesa-redonda “Qualidade das águas do rio Formoso” que congregou, sob a organização da UFMS, autoridades locais e representantes de entidades civis em torno de temas como conservação dos rios da região, melhor planejamento das atividades econômicas existentes e elaboração do plano diretor. Foi produzido um documento com propostas para a conservação da bacia hidrográfica do rio Formoso, sendo que o evento foi divulgado em veículos de comunicação de circulação estadual (VARGAS, 1998; BOGGIANI, 2001).

Ainda no ano de 1992, haviam sido iniciadas as obras de pavimentação da rodovia MS-382, que liga a cidade de Guia Lopes da Laguna a Bonito.

Naquele momento, um dos principais entraves ao crescimento da atividade turística era o acesso viário, especialmente pela falta de pavimentação desta rodovia. As obras de asfaltamento foram iniciadas em 1992; suspensas meses depois por falta de verbas.

Vargas (1998) pondera que, muito além das questões relativas à falta de verbas, se impunha a falta de critério e de atenção às questões ambientais, durante a obra. Através de perícia solicitada pela Promotoria de Justiça de Bonito, com vistas a avaliar as intervenções que vinham sendo feitas, foi relatada a ausência de estudos do solo e dos recursos hídricos da região.

Notou-se, ainda, a ocorrência de desmatamentos na mata ciliar existente entre os rios Formoso e Formosinho, próximo ao Balneário Municipal. Discutia-se, também “[...] o impacto negativo que a ligação asfáltica poderia provocar, com o aumento do fluxo turístico para uma região sem a mínima infra-estrutura urbana e turística” (BOGGIANI, 2001, p. 159).

Tal fato foi amplamente divulgado na mídia e, diante dos fatos apurados, a Promotoria de Justiça de Bonito abriu um inquérito:

[...] que resultou em acordo no qual o Departamento de Estradas de Rodagem de Mato Grosso do Sul (Dersul) firmou compromisso de implementar uma ciclovia na pista no trecho entre Bonito e o Balneário e reflorestar as margens da estrada nesse trecho. Deste acordo, apenas a ciclovia foi implementada, sendo que o reflorestamento compromissado foi realizado sem sucesso, devido à falta dos cuidados necessários com o plantio das mudas (BOGGIANI, 2001, p.159).

A paralisação das obras se deu, entretanto, em virtude da falta de verbas. A pavimentação foi reiniciada em 1999 e, então, concluída.

Os fatos acima descritos foram também mencionados durante as entrevistas realizadas. Os entrevistados destacaram a importância do movimento ambientalista como elemento condicionante para o desenvolvimento do turismo no município. Relembrou ainda a importância do curso de formação de guias, da expedição espeleológica e dos desdobramentos do turvamento do rio Formoso (que levaram a uma cisão entre ambientalistas e muitos dos produtores rurais). Já a pavimentação da rodovia foi abordada a partir do viés do transtorno causado pela paralisação das obras.

Segundo Vargas (2001), grande parte da infra-estrutura turística de Bonito começou a ser implantada em 1993, a partir dos eventos citados. Aos poucos a atividade consolidou-se, especialmente pela organização de certos setores da comunidade, assinalados pela criação do Conselho Municipal de Turismo (Comtur), em 1995 e da Associação dos Proprietários de Áreas de Atrativos Turísticos de Bonito (Atratur), em 1996.

Ainda em 1996, vários setores da sociedade local apontavam a deficiência de infra-estrutura como o principal problema para o bom desenvolvimento do turismo em Bonito. Além da já citada rodovia Guia Lopes-Bonito, destacavam-se também a má conservação das vias internas, o que dificultava o acesso aos atrativos (VARGAS, 2001).

Segundo uma de nossas entrevistadas, (E2), pode-se considerar que a atividade turística de Bonito tornou-se profissional a partir de 1999, quando é iniciada a padronização de práticas: os passeios começam a utilizar equipamentos obrigatórios, como roupas de neoprene, máscaras de mergulho e *snorkel*, o número de turistas por grupo, durante as visitas aos atrativos, passa ser estipulado e controlado.

Hoje, a infra-estrutura para o turismo apresenta-se, como aponta Izumi (2005), consolidada, fruto de iniciativas do poder público local, das organizações sociais e das empresas privadas.

Izumi (2005) realizou um exercício comparativo entre a infra-estrutura turística existente em 1980 e a relatada por Lomba (2004) em sua dissertação. No final da década de 1980, Bonito possuía 05 hotéis, perfazendo 96 leitos. Em 2003, a cidade já contava com 77 hotéis e pousadas, 09 áreas para camping, 43 bares e restaurantes, 29 agências de turismo, 23 lojas de artesanato e 96 guias de turismo credenciados. Em 2005, esses números chegaram a 87 hotéis e pousadas, 43 agências e 110 guias.

Atualmente o turismo é uma das principais atividades econômicas do município, sendo a maior geradora de empregos (IZUMI, 2005; LOMBA, 2004).

O atual secretário municipal de turismo, indústria e comércio, defende a mudança da matriz econômica que ocorreu em Bonito:

Na década de setenta [Bonito] era um município eminentemente de pecuária de corte, e grandes propriedades rurais, latifúndios, improdutivos na sua grande maioria. Na década de oitenta nós tivemos um *boom* da lavoura, principalmente monocultura de soja ou de milho, que deixou um passivo ambiental junto com a pecuária até hoje, com o desmatamento, as áreas de erosão, a derrubada das matas ciliares, das áreas de preservação permanente e que nós estamos hoje consertando. Com a mudança, nesses últimos catorze, quinze anos, para o turismo, [sabemos que ele] não é o maior arrecadador, mas é o maior empregador e também o maior investidor.

Isto se deve, por um lado, ao declínio da agricultura; participação relativamente pequena da indústria no montante da economia local e aos poucos postos de trabalho proporcionados pela pecuária, fato reforçado na fala do secretário:

Você pega o exemplo de um hotel, que tem um investimento de dois milhões de reais, e tem no mínimo, se ele tiver trinta apartamentos, ele tem ao redor de quinze funcionários, e uma propriedade rural no valor de dois milhões de reais, quantos funcionários que ela tem?

Para ele, a comunidade bonitense é inserida no contexto do turismo já que dentre os “mais de quatro mil e quinhentos empregos com carteira assinada, ou seja, formais que nós temos em Bonito, mais da metade deles estão na atividade turística. E a atividade turística gera também mais de dois mil na informalidade”.

Devemos, ainda, mencionar a importância do turismo no adensamento do comércio: a atividade passou a se fortalecer na década de 1990 e hoje corresponde à boa parte dos empregos gerados no município (IZUMI, 2005).

O turismo, como vimos, é uma atividade que impõe transformações ao espaço em que se insere. No caso de Bonito, tanto a área urbana como a rural tem sido afetadas.

Os atrativos explorados pela atividade turística no município encontram-se em propriedades rurais particulares, que deixam de abrigar apenas os equipamentos e práticas concernentes à pecuária ou à agricultura e passam a exibir infra-estruturas de atendimento aos turistas como receptivos, piscinas, restaurantes, escadarias, banheiros e calçamento das margens dos rios. Na cidade são alocados os leitos, restaurantes, bares, lojas e serviços, muitos dos quais não fariam parte do cotidiano do bonitense, caso o turismo em área rural não se desenvolvesse ali.

Em um município turístico, infra-estruturas básicas por vezes se confundem com as infra-estruturas turísticas: vias de acesso e sua conseqüente pavimentação, praças, coleta de lixo e redes de abastecimento de água e coletoras de esgoto, por exemplo, são estruturas urbanas básicas, necessárias à sadia qualidade de vida de uma população. Entretanto, como salienta Izumi (2005), tais estruturas são imprescindíveis, também, ao desenvolvimento do turismo, sendo compartilhadas entre moradores e visitantes.

No caso de Bonito, nota-se a concentração desta infra-estrutura básica na região central da cidade (onde se concentram também os meios de hospedagem, agências de turismo, restaurantes e lojas de *souvenires*), e a carência da mesma nas vilas.

Como indicam as entrevistas realizadas durante os festivais de Inverno e da Guavira, os moradores destacam a falta de equipamentos públicos de lazer localizados próximos à suas casas, especialmente praças e áreas para a prática de esportes. Para eles, a infra-estrutura urbana, que se apresenta concentrada no centro (e exige deslocamento para que seja utilizada) não é suficiente.

Em relação às mudanças sofridas na área rural, Izumi (2005, p.21) destaca o aumento do consumo de energia elétrica no campo, relacionado ao desenvolvimento do turismo:

Os empreendimentos rurais que consomem energia elétrica eram responsáveis em 1987 por 3,62% do consumo de energia do município. Em 2002, estes números representam 16,04% do consumo, uma alta considerável, e que se torna ainda mais representativa quando comparada à média de consumo estadual que estava na ordem de 10,41% em 2002.

Segundo Mariani (2002, p.41) a vida da população de Bonito está sendo modificada pelo “acelerado ritmo de transformações sócio culturais, imposto pelo turismo”. São inseridos novos hábitos de consumo, novas aspirações e novos aspectos culturais e costumes, todos relacionados à presença de turistas e à circulação de mercadorias de alcance nacional e internacional.

Para o autor não houve, até então, uma afirmação dos valores culturais tradicionais da população e de sua identidade. De acordo com sua pesquisa, uma parcela da população local desaprova a consolidação da atividade turística no município, citando como razões o aumento do custo de vida na alta temporada; o desamparo por parte do poder público (especialmente para com os que residem em áreas mais afastadas do centro) e o sentimento de exclusão, já que esta população não se vê como parte integrante do desenvolvimento da atividade turística. Outros, entretanto, que perfazem a maioria, se aprazem das transformações urbanas decorrentes do turismo, tais como comércio e serviços mais abundantes e de melhor qualidade, além do constante fluxo de pessoas novas e maior diversidade de entretenimento, comparando-se a outras cidades do mesmo porte no estado MARIANI (2002).

Esse padrão também foi observado, a partir das entrevistas realizadas durante os festivais. Para a maior parte dos moradores entrevistados, o movimento e a renda advindos da atividade turística são considerados extremamente positivos. O mau comportamento dos turistas durante o carnaval, é mencionado como consequência negativa do turismo.

Vargas (1998, p.117), notou a “alienação da população local em relação ao desenvolvimento turístico”. Segundo a autora, muitos bonitenses afirmam que “as próprias belezas naturais de Bonito são pouco conhecidas pela população local”. No momento de realização de sua pesquisa, notavam-se “intenções de maior empenho na integração da população local” à atividade turística, mas algo ainda incipiente.

Esse distanciamento entre a população local e a atividade turística também foi observado nesta pesquisa. Durante as entrevistas realizadas no período do Festival de Inverno, alguns moradores relataram que se sentem excluídos da possibilidade de freqüentar certos atrativos, destinados à demanda turística e de elevado custo. Dentre as 12 entrevistas gravadas, os dois moradores mais idosos entrevistados, também manifestaram um distanciamento em relação ao turismo: não se sentem excluídos, mas consideram que a atividade concerne apenas aos diretamente envolvidos e não alterou suas vidas de forma significativa.

Nota-se que a atividade turística e seus desdobramentos acarretam mudanças diretas no espaço que é vivenciado pelos moradores (mesmo que nem todos se sintam afetados). Por isso as questões referentes ao turismo em Bonito são consideradas como norteadoras para o desenvolvimento desta pesquisa, já que influenciam profundamente a organização e reorganização deste espaço, que é partilhado por muitos.

Tais alterações podem levar à descaracterização dos elementos que, subjetivamente apropriados por cada indivíduo, possibilitam a construção de definição e significado para o espaço, especialmente para os moradores mais antigos ou idosos. Entretanto, para os mais jovens ou aqueles diretamente ligados ao turismo, essas mudanças são consideradas, em

sua maioria, positivos, como destaque para o maior acesso da população à informação e educação.

O próximo capítulo apresenta a discussão teórica que fundamenta a abordagem desta pesquisa: a adoção da fenomenologia como nova base epistemológica para a Geografia, levando à valorização da experiência dos indivíduos na análise dos objetos.

CAPÍTULO III
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. FENOMENOLOGIA: COMPREENDENDO O MÉTODO

O termo fenomenologia foi inicialmente proposto em 1764, por J. H. Lambert (GOMES³⁰, 1996 apud CORREIA, 2006). Entretanto, foi concebida como corrente filosófica pelo matemático e filósofo Edmund Husserl (1859-1938), e teve seu marco inicial a partir da publicação de seu livro “Idéias para uma fenomenologia pura”, em 1913.

Caracteriza-se como um método e uma forma de pensar concernente ao estudo dos fenômenos e tem na vivência e na experiência os pontos fundamentais a partir dos quais se dá a compreensão fenomenológica do mundo (LENCIONI, 1999; RELPH, 1979).

Os fenômenos seriam então, “fenômenos da experiência” (tais como o comportamento humano, a afeição por determinados espaços e o senso de lugar, por exemplo) e, já que sua compreensão se dá através da vivência, a mera observação e medição dos objetos é insuficiente para compreendê-los como realmente são (RELPH, 1979, p.1).

Lencione (1999 p.150) ressalta que a relação entre os objetos exteriores e nossa consciência (e a forma como esses objetos aparecem em nossa consciência) é considerada chave na fenomenologia, sendo denominada “intencionalidade da consciência”.

³⁰ GOMES, P. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.

Bezzi (2004, p.206) corrobora esta afirmação. Segundo a autora para Husserl a idéia fundamental da fenomenologia é a noção da intencionalidade: “Esta intencionalidade é a da consciência, que sempre está dirigida a um objeto e tende a reconhecer o princípio de que não existe objeto sem sujeito e vice-versa”.

Isto significa que embora a realidade seja composta por “tudo o que se oferece ao olhar do observador”, a interpretação que este faz da realidade é mediada por seus valores e por sua cultura (BEZZI, 2004, p.206). Portanto cada um tem uma visão própria da realidade e “intencionalmente” volta seu olhar para determinados aspectos da mesma.

Na forma com a qual o objeto aparece na consciência, residiria a própria essência do objeto. Segundo Holzer (2001, p.115), na fenomenologia: “As essências só podem ser vistas a partir da experiência do fato e o fato só pode ser tratado considerando-se a visão das essências”. Daí a importância de investigar a interpretação que as pessoas têm do mundo, como forma de se aproximar da essência deste mundo.

Este era exatamente o objetivo de Husserl: fundar uma nova base racional para a ciência e a filosofia, através da qual fosse possível captar a essência das coisas, livre do relativismo e da abstração própria da ciência cartesiana: “[...] afirmando o mundo vivido como possibilidade de viver a experiência sensível e de simultaneamente poder pensá-la de forma racional.” (LENCIONI, 1999, p.150).

Assim sendo, reforça-se a idéia de que é através do vivido que os indivíduos se colocam em contato com o mundo dos objetos exteriores:

Por isso, com a compreensão racional do vivido, com sua dimensão subjetiva, distante do mundo objetivo e abstrato da ciência, é que se alcança a essência dos objetos tal como eles se apresentam na consciência. Portanto, é através do percebido e não do concebido; ou seja, não por idéias prévias, por idéias pré-concebidas ou por conceitos, que o homem se põe em contato com os objetos exteriores. (LENCIONI, 1999, p.150)

O retorno do olhar científico ao mundo vivido através da investigação dos fenômenos da consciência teria grande importância para Husserl. Para ele, a ciência caminhava em direção a um processo de reconstituição do mundo vivido “em termos de suas próprias imagens científicas idealizadas” (RELPH, 1979, p.3).

O próprio Relph concorda com tal assertiva, definindo esse processo como o recobrimento do mundo vivido por um “tecido de idéias” que vêm sendo aceitas como expressões da verdade. Tais idéias reduziriam a realidade às qualidades demonstráveis dos objetos, os significados originais do mundo vivido estariam cedendo lugar aos conceitos científicos:

Através da aceitação crescente de uma visão científica do mundo, os fatos imediatamente experienciados do mundo vivido são vagarosamente transmutados em abstrações – indivíduos e grupos de pessoas tornam-se casos e exemplos, lugares tornam-se localizações (RELPH, 1979, p.3).

Maurice Merleau-Ponty (1971, p.5), também compreende a fenomenologia como o estudo das essências das coisas, à medida que não é possível “compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade”. Para ele a fenomenologia “é também uma filosofia segundo a qual o mundo está sempre ‘aí’ antes da reflexão, como uma presença inalienável”, que se coloca diante do observador e configura o conjunto de objetos que caracterizam seu mundo vivido.

Como método científico, a fenomenologia busca investigar o mundo vivido e seus significados que, embora inerentes a nossa própria existência, não são óbvios nem se apresentam por si mesmos, “devem ser descobertos” (RELPH, 1979, p.4). Para o autor, neste processo de investigação e descoberta há o risco de que se perca a riqueza e a complexidade dos significados dos objetos, sendo que a descrição e interpretação fenomenológicas “oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar essa tarefa”.

Inicialmente o método propõe-se a descrever os fenômenos da experiência, não explicá-los. Para tanto se impõem a necessidade de eliminar as explicações, conceitos e considerações pré-concebidos, esforçando-se o pesquisador para colocar-se no lugar daquele que experiencia o fenômeno (RELPH, 1979).

Segundo Merleau-Ponty (1971, p.5), a fenomenologia,

É a ambição de uma filosofia que pretende ser uma ciência exata, mas é também uma exposição do espaço, do tempo e do mundo vividos. É o ensaio de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração com sua gênese psicológica e com as explicações causais que o sábio, o historiador ou o sociólogo podem fornecer dela [...]

A compreensão do fenômeno que se pretende descrever é feita a partir da adoção de uma grande variedade de perspectivas ou fontes, e da aceitação da complexidade e ambigüidade da realidade que é exposta (RELPH, 1979).

Através dos relatos e descrições disponíveis, buscam-se as “consistências e estruturas” que explicitem significados do fenômeno estudado. Portanto, através da compreensão destas “estruturas de experiência”, pode-se chegar à compreensão do próprio fenômeno. Sobre as estruturas de experiência torna-se oportuno transcrever as palavras de Wild ³¹ (1963) citadas por Relph (1979, p.5):

³¹ WILD, J. **Existence and the world of freedom**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

Se elas são encontradas em toda a parte são claramente importantes. Mas elas não precisam ser universais para ser significantes. Elas podem apenas ser encontradas em um estágio do desenvolvimento humano, ou numa simples cultura, ou numa única pessoa. Mas nesse caso, elas devem trazer significância para todos os homens.

No esforço que se faz para relacionar o método ao objeto desta pesquisa, nota-se que “aqueles que estão experienciando o fenômeno” são os habitantes do município de Bonito, e o fenômeno que se pretende investigar seria o próprio ato de viver e experienciar este espaço. Buscamos descrever tal fenômeno através de entrevistas e observações, das quais, após análise, extraímos as “consistências e estruturas” significantes do mesmo.

Esta breve discussão não tem por finalidade esgotar todas as nuances do tema. Trata-se apenas de uma iniciativa no sentido de expor a complexidade do mesmo.

A busca pela compreensão da fenomenologia como uma nova base racional da ciência suscitou inúmeras discussões no meio acadêmico. Foram particularmente afetados pelas proposições de Husserl, filósofos como Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), e Gaston Bachelard (1884-1962), além de geógrafos como Eric Dardel (1899-1967), Carl Sauer (1889-1975), David Lowenthal, Yi-fu Tuan e o próprio Edward Relph.

Procuramos, portanto, construir uma base teórica para que possamos compreender, mais adiante, de que maneira a Geografia, ciência que sempre caminhou na interface homem-ambiente, foi afetada pela valorização da experiência do indivíduo, na busca pela compreensão da realidade.

2. A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO E A INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA

Antes de nos determos à discussão acerca das influências da fenomenologia no pensamento geográfico, faz-se necessária uma breve explanação sobre a própria história da Geografia.

Tomaremos como base, inicialmente, o artigo do geógrafo George Tatham (1907-1987), A Geografia do século XIX, publicado em 1959.

De acordo com o autor, durante o século XVI, os trabalhos de caráter geográfico se resumiam às compilações de dados (antigos e recentes), que vinham sendo impulsionadas pela expansão marítima iniciada em meados do século XV: os limites do mundo medieval estavam sendo expandidos e impunha-se a necessidade de organizar a “extraordinária quantidade de fatos novos” trazida pelos exploradores (TATHAM 1959, p.201).

Duas obras publicadas no século XVII têm especial importância na transição entre a época medieval e o princípio do período moderno.

Introdução à Geografia Universal do geógrafo e historiador alemão Philippus Cluverius (1580-1623), publicada postumamente em 1626, se destaca pela descrição regional de certos países.

Já Geographia Generalis, de Bernhardus Varenius (1622-1650), também geógrafo alemão, publicada em 1650, foi a primeira obra de caráter geográfico a incluir a, então,

moderna teoria do universo decorrente do pensamento de Copérnico, Kepler e Galileu (relativo à teoria heliocêntrica). Para Tatham (1959, p.201), tal obra se configurou como o “mais extraordinário trabalho publicado antes da época de Ritter”. Bauab (2005, p.15) a menciona como “obra fundamental da Geografia moderna” e “base para a descrição precisa da realidade que poria em alteridade todos os acidentes geográficos, constituindo-os enquanto unidades indivisíveis”.

Durante o século XVIII, observou-se o nascimento da Meteorologia e da Geologia como ciências independentes; o melhoramento das pesquisas fisiográficas e biológicas devido ao avanço dos métodos de representação de relevos nos mapas e às melhorias nos microscópios, respectivamente; além da publicação, em 1735, do artigo *Systema Naturae* de Carolus Linnaeus (1707-1778)³² sobre sistemática e classificação de espécies (TATHAM 1959).

Neste período, destacaram-se, no âmbito da Geografia, os trabalhos do economista e professor Godofred Achenwall (1719-1772) e do matemático Johann Süssmilch (1707-1767), ambos alemães, sobre a estatística aplicada aos estudos demográficos, e os do filósofo francês Montesquieu (1689-1755) e do filósofo alemão Johann Gottfried Herder (1744-1803), sobre os efeitos das condições da natureza sobre a vida dos homens. Cabe ressaltar que uma “expansão de conhecimentos sem precedentes” ocorria na Europa e os avanços das ciências naturais trouxeram algum esclarecimento sobre os fenômenos físicos e biológicos, possibilitando, durante o século XVIII, uma descrição precisa das superfícies da terra (TATHAM 1959, p.202).

Segundo Tatham (1959, p.198), durante o final do século XVIII e todo o século XIX foram lançadas as bases da moderna Geografia científica, através da determinação do âmbito de ação da disciplina, bem como dos métodos de pesquisa, organização e apresentação dos dados, contribuições de proeminentes pesquisadores da época como Immanuel Kant (1724-1804), Johann R. Forster (1729-1798), Alexander von Humboldt (1769-1859), Karl Ritter (1779-1859), Friedrich Ratzel (1844-1904) e Vidal de la Blache (1845-1918), ao pensamento geográfico.

Johann R. Forster merece destaque nesta discussão em virtude de seu método de investigação científica. Baseado na observação, comparação e classificação dos fatos, levava ao estabelecimento de generalizações e à explicação das causas dos fenômenos. É, ainda hoje, considerado um pesquisador brilhante no que diz respeito à sistematização dos

³² O artigo de 11 páginas *Systema Naturae*, escrito pelo médico sueco Carolus Linnaeus, propunha um sistema de classificação dos seres vivos chamado de “divisão e denominação”, baseado na comparação de caracteres morfológicos; na adoção de denominações de espécies através de binômios em latim (idioma culto da época) e na organização dos grupos de seres vivos de forma hierárquica (iniciando-se nos reinos, até chegar aos gêneros e espécies). Este método de organização e classificação foi muito bem aceito, sendo utilizado até hoje nas ciências naturais e, embora tenha sofrido mudanças, especialmente no que concerne à taxonomia vegetal, a classificação hierárquica é ainda base taxonômica mais utilizada.

Fonte: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=4583&bd=2&pg=1&lg=>, pesquisado em 02/04 de 2008.

dados, inclusive no âmbito da Geografia Humana, reconhecendo os laços íntimos que ligavam os homens ao meio. Alexander von Humboldt e Karl Ritter, expoentes da Geografia alemã do século XIX, foram fortemente influenciados pelos trabalhos de Forster e de seu filho Johann G. Forster.

Em relação a Humboldt destaca-se seu trabalho no âmbito da geografia climática e fitogeografia e como autor de estudos regionais “com forte engajamento nos aspectos relevantes da Geografia Humana”. Sua expedição científica pela América, iniciada em 1799 é considerada um evento-chave para a Geografia à medida que seus desdobramentos influenciaram a criação da Geografia regional científica, além de outros ramos da Geografia geral (KOHLHEP, 2006, p.272).

Ritter, por sua vez, compreendia que o mundo era um todo dividido em partes ou regiões, caracterizadas por um conjunto de fatores inter-relacionados (GUIMARÃES, 1963). Para ele, a terra e seus habitantes mantinham-se em estreita reciprocidade, um influenciando o outro:

A Terra e seus habitantes mantêm-se na mais estreita reciprocidade, não podendo um ser representado em todos os seus aspectos sem o outro. Assim, pois, a Geografia e a História devem sempre andar inseparáveis. A terra tem influência sobre os habitantes e estes últimos sobre a terra. (TATHAM, 1959, p.209).

A análise das diferenças entre as partes conduziria à compreensão do todo e, tal concepção, influenciou fortemente a Geografia regional.

Segundo Tatham, ambos, Humboldt e Ritter compartilhavam a visão de unidade da natureza, cabendo à Geografia demonstrar tal unidade e estudar suas partes. E embora o âmbito de seu trabalho se diferenciasse (Humboldt com o estudo sistemático e Ritter com a geografia regional), “juntos, empreenderam um quase completo e moderno programa de geografia” (TATHAM, 1959, p.219).

Tais conceitos influenciaram Friedrich Ratzel, outro importante nome da Geografia tradicional.

Ratzel também compreendia o mundo como um todo, uma unidade interdependente. Entretanto, à luz das teorias darwinianas (contemporâneas a ele), compreendia o homem como produto do meio e finalidade última da evolução (TATHAM, 1959) e procurava compreender as causas da ocorrência de diferentes agrupamentos humanos em diferentes ambientes, analisando as influências do meio sobre a vida dos homens.

Segundo Tatham (1959, p. 223), as teorias evolucionistas realmente influenciaram o trabalho de Ratzel, de modo que adotou a “teoria orgânica do estado e sociedade” (considerava o estado como um organismo parte humano, parte terrestre).

Segundo Silva (2002), Ratzel via o estado como um organismo dependente do solo: não haveria estado sem solo e sem fronteiras. Tal ponto de vista compunha o conceito de território adotado na época. O território era visto como algo bastante concreto, quase um sinônimo do solo, que era apropriado por um determinado grupo e condicionava a formação da identidade do mesmo; tal conceito foi extremamente importante na Geografia política até fins da II Grande Guerra, em 1945.

Nota-se, até este momento, o predomínio de pesquisadores alemães na vanguarda do pensamento geográfico. Entretanto, como lembra Tatham (1959), no final do século XIX escolas similares à alemã estabeleceram-se em outros países europeus e nos Estados Unidos, pontuando o término desta hegemonia.

Na França, o interesse pela Geografia foi despertado através da importante obra de Élisée Reclus (1830-1905), discípulo de Karl Ritter, dentre a qual se destaca, segundo Moreira (1999) “A Terra e o Homem”, redigida entre 1893 e 1903.

Considera-se, entretanto, que a criação da escola francesa tenha se dado em 1898 quando Paul Vidal de la Blache tornou-se professor de Geografia na universidade de Sorbonne. Nos anos que se seguiram, la Blache moldou a geografia francesa através de sua obra (TATHAM, 1959).

La Blache é considerado o principal expoente da escola possibilista da Geografia. Esta escola defendia a idéia de que a sociedade, através de suas técnicas, criava possibilidades de uso e adequação da natureza à suas necessidades. O homem não seria, portanto, um ente passivo, com características e modos de vida apenas determinados pelo ambiente, como propunha a corrente alemã, conhecida como determinista, inspirada em Ratzel (SOUZA e SUERTEGARAY, 2007).

Foi ainda, o grande sistematizador da Geografia regional. Para ele, a região é o locus no qual a interação homem-meio melhor se manifesta, constituindo-se na unidade de análise que expressa a forma como o homem se organiza no território (LIMA e ABREU, 2005).

Segundo Haesbaert (1999b, p.139), Vidal de la Blache é, provavelmente, o geógrafo mais reconhecido dentro e fora da Geografia, devido à sua obra rica e diversa. O autor destaca que boa parte do legado de la Blache continua vivo e cita Gomes (1996)³³ para enaltecer:

[...] sua capacidade em perceber as especificidades, aquilo que hoje denominamos de localismos, a riqueza de sua escritura geográfica, calcada na observação direta e dando conta de relações múltiplas, complexas, entre elas aquela entre sociedade e natureza [...]

³³ GOMES, P. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

O autor nos lembra, ainda, da relevância de seu método próprio, que aliava compreensão e explicação, uma “descrição flexível” bem diversa dos estudos padronizados que o sucederam.

Sua atenção se volta à observação da paisagem e seus elementos, superando o caráter naturalista da análise e privilegiando a investigação do comportamento dos grupos humanos em determinada porção do espaço. Destas concepções emerge o conceito dos gêneros de vida que propõem o estudo dos grupos humanos a partir da observação de suas atividades, correlacionando-as à diversidade terrestre e aos diferentes tipos de paisagem, visando explicar as diferentes formas de organização do espaço.

Percebemos então que, à medida que evoluía, o pensamento geográfico começava a reconhecer na relação dos homens com seu ambiente, laços íntimos e indissociáveis: aos poucos, formava-se o arcabouço teórico e metodológico da Geografia Humana.

O reconhecimento desses laços se deu a partir da valorização da ligação entre os homens e o ambiente, notada nas obras de Forster e Humboldt, e na visão da “estreita reciprocidade” entre a Terra e seus habitantes, proposta por Ritter. Apareceu também na obra de Ratzel, que evidenciava a importância do solo na formação da identidade cultural de determinado grupo; e também no legado lablacheano, que tinha nos gêneros de vida uma forma de compreender os diferentes grupos humanos e suas atividades.

A Geografia Humana desenvolveu-se, portanto, no final do século XIX, tendo como importante objetivo a “diferenciação cultural da terra” (CLAVAL, 1999, p.60).

Entretanto, a Geografia era, como as demais ciências, influenciada pelo ponto de vista positivista, predominante na época. A Geografia Humana, portanto, não estudava as idéias e representações dos povos: “ela destacava os aspectos materiais das culturas, o vestuário, o habitat, os utensílios e as técnicas” (CLAVAL, 1999, p.60).

Profundamente ligada às ciências naturais e a seu método, a Geografia Humana resistiu, de acordo com Claval³⁴ (1999) apud CORREIA (2006), a levar em consideração “certas dimensões da realidade humana”, sendo mais sensível à diversidade das paisagens que à originalidade e iniciativas dos homens.

Duncan (2004) concorda, afirmando que os geógrafos culturais voltaram sua atenção para os artefatos, dedicando-se ao estudo da distribuição regional dos mesmos, o que limitou muito os métodos e o âmbito de suas pesquisas.

Gardin (2007, p. 2) explica que a Geografia Cultural evoluiu, historicamente, “trabalhando campos conceituais que envolviam a compreensão da vida humana em grupo a partir da análise regional [...]”. Esta abordagem dominava o cenário da disciplina desde o final do século XIX, influenciada pela teoria dos ‘gêneros de vida’ de La Blache e pela teoria

³⁴ CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução de: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 1999.

do 'espaço vital' de Ratzel, "culminando com as teorizações da chamada escola de Berkley, nos Estados Unidos, organizada por Carl Sauer no início da década de 1920".

Os geógrafos franceses, portanto, definiam os diferentes gêneros de vida mediante a observação de atividades, técnicas e do emprego do tempo cotidiano. Analisavam os modos de existência dos grupos humanos. Já os geógrafos alemães e norte-americanos assumiram como tema dominante em seus estudos "as marcas que a cultura imprime na paisagem", denominada paisagem cultural (CLAVAL, 1999, p.60).

As correntes do pensamento geográfico aqui explicitadas, caracterizaram a Geografia do final do século XIX até a década de 1950 e são usualmente denominadas, num único escopo, como Geografia tradicional que envolvia, pois, os geógrafos vinculados ao positivismo e ao historicismo: deterministas, possibilistas, culturais e regionais; e estabelecia os conceitos de paisagem e região como seu principal objeto de análise e sua identidade perante as demais ciências sociais. (CORRÊA, 1995).

Foi neste âmbito que se iniciou o desenvolvimento da Geografia no Brasil, sofrendo forte influência do pensamento de La Blache e da escola francesa.

Tanto a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1937, como a implantação da Universidade de São Paulo em 1934, contaram com a colaboração de geógrafos franceses como Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Francis Ruellan, influenciando, dessa forma, a formação dos geógrafos e professores de geografia brasileiros e as diretrizes do IBGE, bem como da pesquisa científica nesse campo (LIMA e ABREU, 2005).

No decorrer do século XX o saber geográfico passou por profundas mudanças: a Geografia tradicional teve seus métodos e pressupostos teóricos questionados, o que possibilitou a fundamentação de novas linhas de pensamento. Inclui-se aí o surgimento da Nova Geografia e, posteriormente, das Geografias Crítica e Humanista.

A partir dos anos de 1950 a Geografia Cultural clássica entrou em declínio (fato que se manteve nas décadas subseqüentes). As razões são explicitadas por Claval (1999, p.61):

Em primeiro lugar notava-se a existência de "falta de crédito" em relação à disciplina, devida à atenção exclusiva dada aos artefatos em detrimento das representações, opiniões e crenças. Ainda em relação aos artefatos e técnicas, sua diversidade tende a diminuir ou desaparecer em virtude do progresso técnico-científico, dessa forma, o estudo dos aspectos técnicos das civilizações despertava cada vez menos interesse. Por fim, nas cidades, os tipos de atividades se diversificam de tal forma que "a descrição dos gêneros de vida perde sua credibilidade".

Na mesma década, como nos lembra Corrêa (1995, p.17), desenvolveu-se a Nova Geografia a partir da chamada "revolução teórico-quantitativa".

Baseada num contexto lógico-positivista, adotava uma visão de “unidade epistemológica da ciência”, calcada no método empregado nas ciências da natureza. Exaltava a teoria e o raciocínio hipotético-dedutivo, além de utilizar-se da modelagem matemática (CORRÊA, 1995, p.20).

Embora tenha desempenhado importante papel nos sistemas de planejamento público e privado, e na sistematização de dados, foi duramente criticada. As críticas recaíram sobre sua visão limitada do espaço, que privilegiava a distância, fato que relegava a segundo plano “as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações” próprios do espaço geográfico (CORRÊA, 1995, p.22).

O surgimento e consolidação das vertentes crítica e humanista da Geografia estão diretamente ligados à revolução social e cultural que ocorreu nas décadas de sessenta e setenta. Naquele momento tomava forma no seio da sociedade a consciência de que todos possuíam o direito de manifestar-se e ter seus pontos de vista considerados. Antigos paradigmas estavam, portanto, ameaçados. De acordo com Gonçalves (2002, p.3):

Os paradigmas são instituídos por sujeitos social, histórica e geograficamente situados e, deste modo, a crise de paradigmas é, também, a crise da sociedade e dos sujeitos que a instituíram. Não nos surpreendamos, portanto, quando vimos emergir novos paradigmas e junto com eles novos sujeitos que reivindicam um lugar no mundo.

Até o início da década de 1960, a ordem social e política vigente era contestada a partir das reivindicações que nasciam no âmbito do movimento operário, cujas matrizes situam-se no século XIX e críticas recaíram sobre o capitalismo, como sistema que produziria todos os males da sociedade.

Observavam-se outros segmentos sociais, além do operário, reivindicando direitos e mudanças, como as mulheres, os negros e, até mesmo, aqueles que se organizavam em torno de questões ecológicas. Entretanto, tais segmentos nunca haviam se constituído como os mais “significativos movimentos de questionamento da ordem instituída”, até por que, suas especificidades viam-se sempre “subordinadas aos interesses da causa maior da emancipação do proletariado” (GONÇALVES, 2000, p.11).

Na primeira metade do século XX, pode-se observar os resultados desta causa:

[...] revoluções que se proclamavam socialistas e que vão tentar pôr em prática outros princípios de organização social. Ao mesmo tempo, no interior dos países capitalistas mais desenvolvidos, os trabalhadores conquistam uma série de direitos cujo atendimento, acreditava-se, seria impossível nos marcos daquela sociedade: jornada de trabalho de oito horas, semana de cinco dias, férias remuneradas de trinta dias, salário desemprego, aposentadoria, assistência médica gratuita, educação pública, entre outros (GONÇALVES, 2000, p.10).

Neste contexto de conquistas trabalhistas, o movimento operário começa a perder sua força, já que nos países capitalistas coube ao Estado gerir e administrar tais conquistas e nos Estados socialistas “os próprios trabalhadores vão perdendo, pouco a pouco, o controle das instituições criadas no período revolucionário, em virtude da crescente centralização e burocratização” (GONÇALVES, 2000, p.11).

A partir disso, os movimentos sociais antes difusos em meio à cultura da causa operária, passam a ganhar autonomia e maior participação política. Seus questionamentos fundamentam-se não apenas no modo de produção capitalista, mas especialmente no modo de vida. A ênfase, antes dada à “missão histórica do proletariado”, que, vencendo a burguesia capitalista, resolveria todos os problemas sociais, passa ao cotidiano, à “situação concreta de vida dos jovens, das mulheres, das ‘minorias’ étnicas, etc., para exigir a mudança dessas condições” (GONÇALVES, 2000, p.12).

Para Lencioni (1999), na década de 1960 era notória a insatisfação dos diversos setores da sociedade com o rumo sócio-econômico que se descortinava: uma reflexão sobre o progresso técnico e científico e sobre o modelo de crescimento econômico adotado, conduziu a severas críticas às disparidades sociais, cada vez mais evidentes, suscitando questionamentos sobre os paradigmas vigentes e sobre o sentido do progresso.

No âmbito da ciência as críticas recaíram sobre o positivismo. A busca por novas fontes teóricas levou ao desenvolvimento de novas correntes do pensamento, inclusive do pensamento geográfico (LENCIONI,1999). A Geografia de inspiração lógico-positivista passou a ser contestada, sendo considerada, segundo Bezzi (2004, p.178) “acrítica, ideológica e conservadora”.

Segundo esta autora:

[...] as modificações trazidas pela Nova Geografia não respondiam às necessidades que se impunham à Geografia em face às transformações ocorridas no mundo. Era necessário buscar caminhos alternativos para explicar os novos fatos que se destacavam, ou seja, as desigualdades, as contradições que eram criadas nos vários quadros regionais. (BEZZI, 2004, p.179)

A Geografia Crítica surge, então, na década de 1970, procurando romper teórica e metodologicamente com as Geografias tradicional e teórico-quantitativa e fundamenta-se no materialismo histórico-dialético (CORRÊA, 1995).

De acordo com Lencioni (1999, p.160):

Ancorada na perspectiva historicista, essa Geografia se preocupou em estudar o passado com o objetivo de entender o presente. Considerou que a perspectiva histórica se constituiu parte integrante da investigação social,

porque a relação do homem com a natureza e com os outros homens é intrinsecamente social e histórica.

Considerada como “propagadora do pensamento crítico”, esta Geografia de inspiração marxista, abalou a concepção estática adotada até então, propondo a investigação dos “interesses sociais envolvidos nos processos relacionados à produção do espaço” (LENCIONI, 1999, 161).

O espaço ganhou destaque como categoria de análise a partir da obra de Henri Lefèbvre (1901-1991), sendo considerado o “locus da reprodução das relações sociais”. Neste contexto, bastante influenciado pelo pensamento de Lefèbvre, Milton Santos (1926-2001) estabelece o conceito de formação sócio-espacial, cujo mérito:

[...] reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz, e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade. (CORRÊA, 1995, p.26)

De acordo com Corrêa (1995, p. 30), no mesmo momento em que a Geografia Crítica desponta no cenário acadêmico da década de 1970, surge a Geografia Humanista. Constituíam-se também numa iniciativa crítica em relação à Geografia de cunho lógico-positivista. Estava, entretanto, calcada nas “filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo”.

Segundo Cosgrove (2004, p.97): emerge entre um grupo de geógrafos humanos, no início da década de 1970, a abordagem da Geografia como uma ‘humanidade’, capaz de interpretar as paisagens como “uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significado”. Esta seria a base que fundamentou o surgimento da chamada Geografia Humanista (humanística ou humanístico-cultural, como denomina Tuan) e o posterior resgate da Geografia Cultural, durante as décadas de 1980 e 1990.

Segundo Lencioni (1999), a influência da fenomenologia no pensamento geográfico concretizou-se ainda em meados da década de sessenta, através do trabalho do geógrafo norte americano Julian Wolpert, cuja análise acerca das migrações incluiu uma investigação sobre os motivos que levaram os indivíduos a migrar, incorporando, portanto, a dimensão subjetiva à análise.

Entretanto, é de 1952 a publicação da obra *L’Homme et la Terre: nature de la réalité géographiqué* do geógrafo Eric Dardel (1899-1967).

O livro de Dardel apresentou um inovador diálogo entre a Geografia e a Fenomenologia e influenciou profundamente geógrafos como Yi-fu Tuan e Edward Relph, figurando entre as principais influências da Geografia Humanista (MARANDOLA Jr. e GRATÃO, 2003). Esse diálogo, para Holzer (2001, p.103), se dá à medida que Dardel se

propõe a fazer “uma análise fenomenológica da relação visceral que o homem mantém com a Terra”.

Segundo Holzer (2001), a obra de Dardel manteve-se esquecida por muito tempo, até que o interesse por ela foi despertado a partir das pesquisas de três jovens professores da Universidade de Toronto, Canadá, entre eles Relph e Tuan.

Relph foi mais claramente influenciado por Dardel, sendo considerado um dos pioneiros na “discussão sobre o uso do método fenomenológico pela geografia”, ainda no início da década de 1970, quando alguns dos temas mais caros a Dardel, passam a figurar em sua obra. Segundo Holzer (2001, p.105), Relph:

Já em 1970 enfatiza a importância do método para renovar a disciplina, apesar de observar o total desconhecimento ou desprezo de seus colegas pelo assunto, com a honrosa exceção de Sauer. Presume-se, portanto que o autor travava conhecimento com o trabalho de Dardel entre 1970 e 1973.

Relph considera a obra de Dardel, embora desconhecida pelos geógrafos até então, como “a mais completa descrição das bases fenomenológicas da Geografia”, à medida que:

[...] combina efetivamente o trabalho de fenomenologistas como Heidegger, Minkonski e Bachelard, com descrições de experiência geográfica feitas por poetas, romancistas e geógrafos como, por exemplo, Shelley, Rilke, Vidal de la Blache e Martonne (RELPH, 1979, p.2).

Até então a Geografia, em termos comportamentais, avaliava apenas o homem como elemento condicionado pelo meio, desconsiderando a importância da experiência. Nos últimos cinquenta anos, entretanto, tem caminhado no sentido de considerar tanto a experiência como a percepção na análise do objeto, “acreditando que é possível estudar o espaço sem reduzi-lo à sua dimensão material, lógica e formal” (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2003, p.5).

A incorporação da subjetividade e da dimensão psicológica ao olhar geográfico foi inovadora. Passou-se a investigar a postura do homem perante o espaço: seu comportamento, percepção, além dos valores, representações e significados atribuídos. Assim, o espaço deixava de ser a referência central, dando lugar ao espaço vivido “aquele que é construído socialmente a partir da percepção das pessoas” (LENCIONI, 1999, p.151).

Segundo Lencioni (1999, p.151), através da adoção dos pressupostos fenomenológicos em seu seio, a Geografia trouxe à cena elementos até então negados pelo positivismo, além de criticar a depreciação que este fazia do mundo vivido em favor do concebido. Negou, ainda, a supostas objetividade e imparcialidade científicas, afirmando que “a consciência diante de qualquer objetivação científica é sempre uma consciência

engajada”. Para a autora, esta Geografia inspirada na fenomenologia apresenta uma discussão relevante ao considerar que conhecer a mente dos homens ajuda a compreender como estes se comportam em relação ao espaço:

A Geografia de inspiração fenomenológica apresentou, no cenário da disciplina, a discussão das representações que os homens fazem do mundo. Isso porque, ao mesmo tempo em que o espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço (LENCIONI, 1999, p.152).

Holzer (2001) destaca a importância dessa discussão para a Geografia: a paixão pela fenomenologia demonstrada por Relph e, mais tarde, Tuan, levou à revalorização do conceito de lugar por parte dos geógrafos. A partir do artigo de Yi-fu Tuan “Space and Place: Humanistic Perspective”, de 1974, “[...] pela primeira vez a geografia humanista é explicitamente tratada como subcampo autônomo que tem como referência epistemológica a fenomenologia” (p.107).

Roberto Lobato Corrêa concorda e define a Geografia Humanista como uma vertente calcada nas filosofias do significado que faz uma severa crítica à Geografia de cunho lógico-positivista. Para ele:

[...] a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real (CORRÊA, 1995, p.30).

De acordo com Lencioni (1999), a Geografia Humanista se desenvolveu inicialmente nos locais aonde a Geografia Teorética não era predominante, como Austrália e Canadá, chegando posteriormente aos Estados Unidos.

Para Marandola Jr. e Gratão (2003, p.10), foi neste país que ela se consolidou, através de um grupo de geógrafos que, utilizando-se das influências da Psicologia, Antropologia, História e Filosofia, buscava “enriquecer a perspectiva geográfica e ampliar o entendimento da condição humana sobre a Terra”.

Segundo Tuan (1982)³⁵ apud Cabral e Buss (2002, p.50), a Geografia Humanista, através de sua preocupação em estudar as relações do homem com a natureza e investigar seus sentimentos e idéias sobre o espaço, “reflete sobre os fenômenos geográficos a fim de melhor entender o homem e sua condição”.

³⁵ TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.

No Brasil, esta abordagem que privilegia o papel da experiência e da percepção nos estudos geográficos foi introduzida ainda na década de setenta e teve na geógrafa Livia de Oliveira sua grande entusiasta.

Profundamente influenciada pela obra de Jean Piaget, via em sua leitura cognitiva e afetiva do aprendizado a única forma possível de “fazer e ensinar geografia”. Foi responsável por difundir o pensamento de Tuan no país, através da tradução das obras *Topofilia* (1980), *Espaço e lugar* (1983) e *Paisagens do medo* (2005).

Em relação à Geografia Cultural, muitos geógrafos acreditaram que, em declínio desde a década de 1950, estaria realmente a ponto de desaparecer. Entretanto, a disciplina acompanhou as mudanças que estavam ocorrendo no mundo, transformou sua abordagem e se modernizou; assistiu-se ao nascimento de uma “nova Geografia Cultural” nas décadas de 1980 e 1990 (CLAVAL, 1999).

Para o autor, a busca de diversos grupos sociais por afirmação, somada ao “trabalho de reflexão epistemológica empreendido pelas ciências sociais e pela Geografia desde o início dos anos 1960”, deixou clara a inconsistência dos pressupostos positivistas, fatos que não poderiam ser ignorados e que levaram a uma revisão do âmbito de atuação da Geografia Cultural (CLAVAL, 1999, p.62).

De acordo com o exposto anteriormente, os trabalhos em Geografia Cultural, antes focados no estudo das técnicas e artefatos, perderam o sentido à medida que tais objetos desapareciam na onda de “padronização dos tipos de vida e dos produtos”, decorrente do progresso técnico científico.

Entretanto, diferentemente do que se imaginou, as populações responderam de maneira forte a esta uniformização. Segundo Claval (1999, p.62): “as pessoas têm o sentimento de que seu ser profundo está ameaçado pela padronização dos tipos de vida e dos produtos. Elas começam a procurar novas fontes de identidade”. Para o autor:

A diversidade das culturas apresenta-se cada vez menos fundamentada sobre seu conteúdo material. Ela está ligada à diversidade dos sistemas de representação e de valores que permitem às pessoas se afirmar, se reconhecer e constituir coletividades (CLAVAL, 1999, p.62).

A cultura, portanto, resistiu à uniformização das técnicas. Não é mais seu conteúdo material que melhor a define, mas sim seu conteúdo intangível, responsável por agregar uma coletividade no âmbito da mesma identidade.

Fica claro que os diferentes grupos humanos e sua relação com o meio são “realidades variáveis”, que se dão em momentos e locais específicos, possuindo, como lembra Claval (1999, p.63), uma natureza material, histórica e geográfica. Esta visão se choca com a positivista, adotada até então, que segundo Duncan (2004, p.94), “[...] se

baseia num empirismo que vê as formas externas e as aparências da superfície de modo não problemático”, e deixa de considerar a concepção contextual do mundo do pesquisador.

A nova Geografia Cultural valoriza este novo entendimento da cultura, baseado nos aspectos da vida não material em sociedade. A cultura deixa de ser compreendida como conceito não problemático, conjunto de práticas aprendidas e transmitidas quase que mecanicamente pelas pessoas (COSGROVE, 2004; GARDIN, 2007).

Segundo Cosgrove (2004, p. 101):

Os críticos chamaram isto de “determinismo cultural” e enfatizaram a necessidade na geografia de uma teoria cultural com mais nuances, particularmente se vamos tratar da paisagem contemporânea e da sofisticada cultura moderna.

Tal abordagem pode ser considerada uma nova maneira de pensar a Geografia, que privilegia as especificidades dos grupos humanos e dos lugares; “restabelece as condições de materialidade, historicidade e geografia de todo fato humano e social”, e busca compreender as ações de homens e sociedades (CLAVAL, 1999, p.94).

3. A INFLUÊNCIA DA FENOMENOLOGIA SOBRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA

A adoção de pressupostos fenomenológicos no âmbito da Geografia levou à valorização da experiência e da subjetividade na análise do objeto.

Para Relph (1979, p.2-3), os fenomenologistas, a começar por Husserl, estudam “aquele mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas, o qual tomamos por muito certo”, o mundo das experiências pessoais concretas, denominado como mundo-vivido.

Husserl identificou dois aspectos básicos do mundo-vivido: o mundo-vivido natural e o social ou cultural (RELPH, 1979).

O primeiro seria um mundo pré-determinado, natural, que já está aí antes de nós; uma realidade que nos é dada, formada por objetos, formas e pessoas de modos variantes “na aparência, no tempo e no espaço”. (RELPH, 1979, p.5).

O mundo-vivido social ou cultural seria aquele que compreende os seres humanos, todas as suas ações e interesses. O mundo-vivido social é definido por Relph como aquele em que temos contato com tudo aquilo que não é meramente pré-determinado, mas sim apropriado e transformado: é o mundo “da intersubjetividade, linguagem comum, contato com outras pessoas, instrumentos, edifícios e obras de arte [...]” (RELPH, 1979, p.6).

Relph, no entanto, reconhece ainda outro aspecto do mundo-vivido, o “mundo-vivido geográfico”.

No sistema de relações que se estabelece entre os homens e suas vizinhanças existem estruturas ou padrões experienciados e, a partir de uma destas estruturas, constitui-se o mundo-vivido geográfico: aquele que se dá a partir da experiência e se concretiza nos espaços, paisagens e lugares. De acordo com o autor, é o mundo “experienciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência” (RELPH, 1979, p.7).

Para Cabral e Buss (2002), isto significa que o espaço, as paisagens e os lugares à medida que são experienciados diretamente como atributos do mundo vivido, constituem as bases fenomenológicas da realidade geográfica.

Entretanto, Relph (1979, p.16) pondera que não existem limites precisos entre espaço, paisagem e lugar como fenômenos da experiência, tampouco a relação entre eles é constante. Segundo o autor, “lugares têm paisagens, e paisagens e espaços têm lugares”. Uma postura que evidencia a patente diferença que há entre esta abordagem fenomenológica e a positivista que dominou o cenário científico até então e preconizava limites rígidos entre as dimensões espaciais.

3.1. ESPAÇO VIVIDO E LUGAR

Tomemos inicialmente o conceito de espaço. Este, a partir de uma perspectiva fenomenológica, não é um vazio ao qual se atribuem qualidades, ou adicionam-se objetos. Ele é o contexto necessário às nossas ações (RELPH, 1979).

Segundo Merleau-Ponty (1971, p. 249):

O espaço não é o meio (real ou lógico) onde se dispõem as coisas, mas o meio pelo qual a disposição das coisas se torna possível. Significa que ao invés de imaginá-lo como uma espécie de éter onde se banham todas as coisas ou de concebê-lo abstratamente como um caráter que lhe seja comum, devemos pensá-lo como a uma força universal de suas conexões.

Relph (1979) cita Matoré³⁶ (1962), para melhor explicar o espaço, sob o ponto de vista fenomenológico, e destacamos o trecho em que ele apresenta o termo *vivido*, para qualificar o espaço:

³⁶ MATORÉ, G. **L'Espace Humain**. Paris: La Colombe. 1962.

Nós não apenas apreendemos o espaço [...] através de nossos sentidos, mas vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. Espaço não é exatamente perceptual, sensorial ou representacional: **ele é vivido** (RELPH, 1979, p. 8, grifo nosso).

Portanto, ao analisar o espaço, a Geografia Humanista se atém ao espaço vivido, à medida que considera os sentimentos e idéias que um determinado grupo tem sobre ele, formados a partir de sua experiência (CORRÊA, 1995).

Segundo Corrêa (1995, p.31), quando falamos sobre espaço vivido, estamos nos referindo à escola francesa e às suas raízes lablacheanas e também à psicologia de Jean Piaget e à psicanálise do espaço de Gaston Bachelard.

De acordo com Holzer³⁷ (1992, apud Corrêa, 1995, p.32): “o espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido [...] que [...] se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário”. É também um campo de representações simbólicas que traduz em sinais visíveis o mais íntimo de uma cultura (ISNARD³⁸, 1982 apud CORRÊA, 1995).

Corrêa (1995), destaca a importância da obra de Jean Gallais³⁹ (1977) para a compreensão do conceito de espaço vivido, cuja concepção, segundo ele, difere entre as sociedades industriais e as sociedades tropicais “primitivas”.

De acordo com Gallais, no âmbito das sociedades industriais o espaço vivido está assentado sobre uma concepção homogênea de distância, objetivada pelo custo e pelo tempo. Esta homogeneidade deve-se a uma identidade cultural que possui uma “métrica regular e monótona de contagem tanto do espaço como do tempo”, aliada à eficiência das técnicas que elimina as especificidades do meio.

Já nas sociedades “primitivas” tropicais estudadas, o autor notou que espaço e tempo são concebidos descontinuamente e que o espaço vivido é fragmentado: quebras bruscas na noção de espaço vivido se dão de acordo com o pertencimento a um mesmo povoado ou tribo, fatos que fornecem as referências básicas para o cotidiano e o sentimento de pertença em relação ao espaço.

Ele também acredita que há uma afetividade maior entre estas sociedades e o espaço vivido, que é valorizado em função do conjunto de crenças do povo, o que lhe confere especificidades:

³⁷ HOLZER, W. **A Geografia Humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFRJ. 1992.

³⁸ ISNARD, H. **O espaço geográfico**. Coimbra: Almedina, 1982.

³⁹ GALLAIS, J. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. **Boletim Geográfico**. 35 (254): 5-13. Rio de Janeiro. 1977.

A afetividade manifesta-se tanto no que diz respeito a gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se exemplifica com os lugares sagrados, objetivamente distantes (CORRÊA, 1995, p.33).

São também capazes de, ao vivenciar o espaço de maneira diferente das sociedades industriais, distinguir nuances ecológicas e paisagísticas mínimas, que mesmo insignificantes aos nossos olhos, acabam por levar à criação de uma vasta terminologia, plena de significados para os habitantes daquela área (CORRÊA, 1995).

Ao falarmos do espaço vivido e evocarmos a importância da experiência em sua conceituação, acabamos por nos deparar com outra categoria de análise que envolve os homens e a afetividade em relação ao espaço. Estamos nos referindo ao conceito de lugar.

Yi-fu Tuan e Edward Relph inovaram ao considerar espaço e lugar como conceitos que definiriam a natureza da Geografia, a partir da referência epistemológica da fenomenologia.

Segundo Holzer (2001, p.105), o livro *Place and Placeness* (1976) de Relph é “certamente um marco da geografia humanista e da renovação do interesse pelo conceito de lugar por parte dos geógrafos”.

O geógrafo chinês Yi-fu Tuan empreendeu grande esforço no sentido de compreender o que é o “lugar” e como é subjetivamente construído pelos indivíduos, além de destacar a importância desta categoria como ferramenta de análise das relações homem-meio, no âmbito da Geografia Humanística. O reflexo deste esforço concretiza-se na obra *Space and Place* de 1977, traduzida como *Espaço e Lugar* em 1983, à qual nos ateremos na discussão desta categoria.

Tuan (1983) procura, inicialmente, diferenciar espaço e lugar. Considera o lugar como algo que evoca segurança, enquanto que o espaço refere-se à liberdade, a algo distante e amplo, que desejamos alcançar: “Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (p.6).

Entretanto, o autor pondera que, sob a perspectiva da experiência, frequentemente ambos os significados se fundem, sendo, espaço e lugar, “idéias que não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983, p.6).

Precisamos, por exemplo, ter a noção de espaço como algo mais abstrato, desconhecido e, portanto, “distante” para que possamos compreender o lugar como algo mais significativa e “próximo” (de nossa realidade):

A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p.6).

O ato de experienciar o espaço pode se dar de forma direta e íntima; ou de forma indireta e conceitual, “mediada por símbolos” (TUAN, 1983, p.7).

Para o autor, “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 1983, p.20).

Ele exemplifica, comparando a experiência íntima que temos com nossa casa e a experiência quase conceitual que temos com a pátria.

Em relação ao lar, o experienciamos de forma total, através de todos os sentidos, atribuindo-lhe, a maior parte das vezes, o status de refúgio.

Já da pátria, por ser demasiado grande, apreendemos somente uma parte e não o todo. É uma experiência que depende de certo grau de abstração, da mente ativa e reflexiva. Entretanto, mesmo sendo indiretamente experienciada, estabelecemos com ela vínculos afetivos, de significado, reconhecimento, orgulho e pertença. Segundo Tuan (1983, p.21):

É uma característica da espécie humana, produtora de símbolos, que seus membros possam apegar-se apaixonadamente a lugares de grande tamanho, como a nação-estado, dos quais ele só pode ter uma experiência direta limitada.

A experiência e a conseqüente atribuição de valor ao espaço, são tão subjetivas, que a partir daí se estabelece uma ampla escala de lugares. Não há apenas a casa ou a pátria.

As pausas, como vimos, permitem que objetos ou localidades se tornem centros de valor e engendrem o sentimento de pertença e conseqüentes lembranças de momentos passados.

Num extremo, podemos considerar como lugar nosso quarto, uma poltrona, uma árvore. Como aponta Tuan (1983, p.153), para uma criança pequena, os pais são seu “lugar primeiro”.

No outro, encontra-se a afeição por toda a Terra e, entre estes extremos, a rua, o bairro, a região e a pátria, como núcleos de valor e sentimento.

Tuan (1983, p.39) nos lembra que a cultura influencia a concepção e significação que se dá ao espaço. Para ele:

Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância.

Entretanto, embora a cultura influencie sobremaneira o comportamento e os valores humanos, ela não é o único fator que explique as formas de apreensão do espaço. Há, segundo Tuan (1983, p.6): “[...] traços comuns, que transcendem as particularidades culturais e, portanto, refletem a condição humana”.

Seu ponto de vista enfatiza esta “condição humana”, através da valorização da análise das aptidões, capacidades e necessidade humanas. Tais características referem-se às de caráter biológico como a localização e funcionamento dos órgãos dos sentidos, a postura ereta de nosso corpo e os estágios de aprendizagem que vencemos a partir do nascimento. Refere-se também àquelas que nos diferenciam dos demais primatas, como a “capacidade excepcionalmente refinada para a criação de símbolos” (TUAN, 1983, p.6).

Faz parte desta condição humana, inclusive, a necessidade da permanência de objetos e pessoas, para que a idéia de lugar se mantenha.

Isto significa que, na ausência da pessoa ou do elemento certos (aqueles que de certo modo foram responsáveis por termos atribuído valor ao lugar, ou contribuíram para isso), os lugares rapidamente perdem seu significado, “de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” (Tuan, 1983, p.155).

O lugar é, portanto, a dimensão do espaço apropriada de forma subjetiva, através da vivência e da experiência, e que confere a este espaço definição, valor e significado. É o espaço apreendido através dos sentidos, do corpo, de nossas características biológicas intrínsecas e cuja compreensão se dá mediada pelo contexto cultural, social, familiar e de gênero no qual estamos inseridos. É, por fim, pausa no movimento que empreendemos no espaço, que nos permite “olhar ao redor” e estabelecer laços.

Se para o turista, Bonito é paisagem a ser descoberta, para os que vivem no município e tem ali sua família e amigos; aqueles que ali cresceram ou que ali chegaram em busca de tranquilidade ou trabalho, Bonito é seu lugar. Sua porção do espaço dotada de extremo significado e valor, repleta de elementos conhecidos e reconhecíveis, que o tornam seguro; seu refúgio.

3.2. A PAISAGEM

No contexto da Geografia Humana, a paisagem sempre esteve ligada à idéia de cultura, de um conjunto de formas visíveis na superfície da terra, sendo que os geógrafos se interessaram por seu estudo desde o início do desenvolvimento da disciplina (COSGROVE, 2004; CLAVAL, 2004).

O termo procurava designar inicialmente uma relação entre os homens e o ambiente, e surgiu durante o Renascimento, momento em que as ciências e as artes passavam por profundas transformações:

A paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, em uma unidade visual. A palavra surgiu no Renascimento para designar uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente (COSGROVE, 2004, p.98).

Uma das inovações deste período foi particularmente importante para a construção do conceito de paisagem: a que se refere ao estabelecimento das leis da perspectiva linear (COSGROVE, 2004; CLAVAL, 2004).

Segundo Cosgrove (2004, p.98), “a perspectiva nos permite reproduzir em duas dimensões a ilusão realista de um espaço composto racionalmente de três dimensões”. O autor enfatiza que neste mesmo período, a pintura das paisagens surge pela primeira vez na Europa como uma expressão popular:

[...] acompanhada por uma arte florescente de incluir a paisagem na poesia, representação teatral, jardins e na concepção de parques. Esta também foi a época quando o espaço terrestre estava sendo mapeado racionalmente nas quadrículas de sofisticadas projeções de mapas, enquanto paisagens humanas racionais estavam sendo construídas nas capitais [da Europa].

Entretanto, até meados do século XVIII, a descrição das paisagens era uma tarefa difícil, já que “faltavam palavras para falar das formas de relevo e das rochas”. O progresso científico experimentado a partir de então foi fundamental para superar este problema:

[...] a linguagem dos naturalistas progrediu de tal forma nos países europeus, que existem palavras para descrever, onde quer que seja, as formas do terreno, a cobertura vegetal e as instalações humanas. Estabelece-se a preocupação descritiva entre os geógrafos [...]. É preciso traduzir a fisionomia, dizem eles (CLAVAL, 2004, p.16).

Como discutimos anteriormente, a geografia foi reavaliada a partir do final do século XIX e ao longo do século XX. O mundo se transformava e na busca pela incorporação de

tais mudanças ao âmbito da disciplina, o conceito de paisagem e os estudos a ela pertinentes também sofreram alterações.

Até meados do século XX a paisagem era um conceito privilegiado dentro da Geografia; a partir da revolução teórico-quantitativa é desconsiderado e, por fim, revalorizado quando do estabelecimento da Geografia Humanista e da nova Geografia Cultural, sobretudo a partir da década de 1980 (CORRÊA, 1995).

De acordo com Cabral e Buss (2002), quando estudamos a paisagem a partir de uma abordagem humanista, devemos deslocar nossa atenção para os fenômenos que ocorrem com os sujeitos que a vivenciam, analisando sua maneira de compartilhar experiências.

Para Eric Dardel o espaço pode ser decomposto em elementos que extrapolam “os níveis de compreensão de uma ciência rigorosamente objetiva”, tais como o espaço telúrico, o aéreo, o aquático e o construído e, além destes, a própria paisagem:

Esta, uma categoria espacial multifacetada, que deve ser considerada em seu conjunto, ‘uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma imprecisão que une todos os elementos’. A paisagem colocaria em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, como preferia o autor, sua geograficidade⁴⁰ original (HOLZER, 2001, p.113).

Claval⁴¹ (1987, apud Vargas, 2006, p.70) considera que os geógrafos de hoje buscam compreender os sentimentos que envolvem os homens e o ambiente. A Geografia não pode mais ignorar a importância da experiência e do mundo-vivido.

Segundo Relph (1979, p.13), quando nos confrontamos com o mundo-vivido nos deparamos constantemente com diferentes combinações de artefatos humanos e elementos naturais: “[...] e se as chamamos ou não de paisagem, elas constituem uma presença que pode estar ligada ou ser estranha a nós, mas que é inevitável”.

Para o autor, as paisagens são condição da qual não se pode fugir ao vivenciar o espaço, pois: “[...] devemos reconhecer que não há experiência ambiental que não seja, em algum sentido e em algum grau, uma experiência de paisagem” (RELPH, 1979, p.13).

As paisagens, como define Relph, são a dimensão palpável do espaço, que possui conteúdo e substância e são “cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais” (RELPH, 1979, p.13).

⁴⁰ Para Dardel, a geograficidade seria o resultado da relação do homem com a Terra: “O conhecimento geográfico teria como objeto decifrar os signos ocultos da Terra, aqueles em que, nas palavras do autor, ‘a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino’. O resultado desta relação do homem com a Terra seria a ‘geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e seu destino’ (...) “A geograficidade refere-se à cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem, que se apresenta à existência humana” (HOLZER, 2001, p.111).

⁴¹ CLAVAL, P. **A nova geografia**. Coimbra : Livraria Almedina, 1987.

Mas Relph (1979, p.14) também percebe na paisagem algo mais do que a propriedade de se apresentar como cenário. Para ele há uma ligação interna, responsável por unir todos os elementos que constituem a paisagem e que faz com que estes se apresentem ao observador simultaneamente, como um conjunto. Esta ligação, para ele, seria a presença humana na paisagem: “[...] incessantemente colorindo e sendo colorida por ela”.

Para Duncan (2004, p.106) este aspecto, em que o homem transforma a paisagem e, ao mesmo tempo, é transformado por ela, seria a “qualidade estruturada e estruturante da paisagem”, a partir da qual um sistema cultural é criado e recriado:

A paisagem, eu afirmaria, é um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado.

Cabral e Buss (2002, p. 47) também destacam esta característica que consideram o movimento dialético que constitui a paisagem, que é “oferecida à nossa percepção e, ao mesmo tempo, produto de nossas experiências pessoais e coletivas”.

Nesse sentido, Berque (2004) considera a paisagem como uma manifestação concreta que exprime as relações entre sociedade, espaço e natureza, atuando como marca e matriz:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza [...]. E assim sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação.

A paisagem pode ser considerada, portanto, como um mosaico composto por elementos naturais e culturais, em constante inter-relação, movimento e transformação. Como dimensão do espaço apreendida pelo olhar, assume diferentes significados, de acordo com o ponto de vista de cada observador, sendo, portanto, de acordo com Cabral e Buss (2002), uma mediação entre o mundo das coisas e o da subjetividade humana.

Dessa forma, observar a paisagem é ao mesmo tempo observar a própria capacidade humana de produzir e reproduzir o espaço (DUNCAN, 2004).

Bonnemaison (2002, p.90) se remete a Gilles Sautter⁴² ao considerar que “entre os homens e suas paisagens existe efetivamente uma convivência secreta”, que vai além do que o método científico tradicional consegue compreender. O espaço vivido tem como

⁴² Sautter, G. Le paysage comme connivence. *Hérodote*, n.16, 1979.

característica central o “olhar do habitante”, sendo a paisagem “o prolongamento e o reflexo de uma sociedade”.

Para Bonnemaïson (2002, p.91): “a correspondência entre o homem e os lugares, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido mais amplo da palavra”.

3.3. O TERRITÓRIO

A concepção de território, fundamentada nas proposições de Ratzel, como um espaço concreto (solo que é apropriado por um grupo) que se constitui na base para a “tomada e manutenção do poder”, perdurou até fins da Segunda Guerra Mundial, quando, então, entrou em declínio. A emergência da Geografia teórico-quantitativa colaborou com este fato, e o território deixou de ser considerado como um conceito-chave da Geografia (SILVA, 2002, p.18).

A partir da década de 1970, o território voltou a ter importância no contexto da Geografia Crítica, mas agora compreendido como o espaço próprio “[...] dos diferentes atores sociais, manifestação do poder de cada um sobre uma área precisa” (BECKER⁴³, 1983 apud SILVA, 2002, p.18).

No âmbito das mudanças paradigmáticas experimentadas pela Geografia, a Geografia Humanista passou a associar o conceito de território ao de lugar, região e espaço vivido (SILVA, 2002) e a Geografia Cultural o adota em suas análises, considerando a apropriação do espaço como “simbólica, afetiva, por identificação” (VARGAS, 2006, p.77).

Essa evolução do conceito, que agregou novas possibilidades à análise do território, fez dele uma categoria geográfica bastante abrangente. Haesbaert⁴⁴ (2004, apud Vargas, 2006, p.50-51) agrupa da seguinte forma as diferentes vertentes: política, a mais difundida, referente às relações de poder e controle; econômica, menos difundida, vê “o território como fonte de recursos ou incorporado no embate entre classes sociais”; por fim a cultural ou simbólico-cultural: “prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”.

⁴³ BECKER, B. K. O uso político do território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In BECKER, B. K. et al. **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

⁴⁴ HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

O autor destaca que, em função desta polissemia, surge a dificuldade em se estabelecer os limites entre as concepções mais difundidas, a política e a cultural. A primeira é considerada “mais sólida no âmbito acadêmico”, e associa o território às formas de controle que se dão a partir dos indivíduos em relação a seu espaço “material de existência”. A cultural aborda o território como espaço dotado de identidade, a identidade territorial. Entretanto, a produção simbólica decorre das relações de poder que se dão no contexto em que se encontra inserida, portanto a identidade territorial estaria também ligada às formas de controle que ocorrem no território (VARGAS, 2006, p.52).

Segundo a autora:

[...] o território pode ser visto como espaço de articulação, de mediação, de conjugação, para onde confluem as ações, para onde convergem as rearticulações, abarcando aspectos objetivos e subjetivos das relações que nele se celebram. Revela-se como objeto complexo, sobre o qual se estabelecem as redes de poder (dominação e submissão), e se materializam as relações sociais, culturais, econômicas, ambientais, enfim, todas as relações sociedade-natureza. O território participa efetivamente na construção histórica da identidade do povo que nele vive, definindo e absorvendo suas características, hospedando o espaço vivido e o espaço a se viver, em movimento simbiótico que se encaminha para a paisagem, e esta, por sua vez, seria a tradução de todo esse processo (VARGAS, 2006, p.77).

Através de suas palavras, notamos o caráter de complementaridade que existe entre as categorias da análise geográfica: as relações se dão no território e o aspecto visível das mesmas (a tradução), está impresso na paisagem.

Percebemos também que à medida que “hospeda o espaço vivido”, o território é palco das significações que os homens, subjetivamente, lhe atribuem. E o ato de atribuir significado ao espaço, constitui-se numa das nuances que formam a identidade de um grupo.

Para Santos⁴⁵ (2003, apud VARGAS, 2006, p.81): “O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi”.

Silva (2002, p. 25-26) em sua discussão também menciona os territórios associados ao cotidiano e ao espaço vivido. Ele se baseia em CARA⁴⁶ (1995) para explicar que:

⁴⁵ SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

⁴⁶ CARA, R. B. Territórios de lo cotidiano (puntos de partida para la reflexión). In: **Territórios do cotidiano, uma introdução a novos olhares e experiências**. MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. Porto Alegre/Santa Catarina do Sul: Ed. Universidade (UFRGS)/Ed. UNSC, 1995.

[...] construímos nossa representação do mundo a partir de lugares. No dia a dia, nós nos identificamos com alguns lugares, que se tornam territórios, delimitados a partir dos nossos limites de relações sociais e conhecimento. Estas relações e estes conhecimentos também são formas de poder, baseadas principalmente na experiência dos lugares, no cotidiano e na identidade territorial.

Portanto, os lugares que são por nós conhecidos (vividos), deles nos apropriamos e passam a constituir territórios, delimitados tacitamente por nossas relações sociais e nossa intimidade com o espaço. Consequentemente, os lugares desconhecidos tornam-se “territórios dos outros, onde não temos poder de atuação” (SILVA, 2002, p.26).

É a partir desta identidade e deste pertencimento que se estabelecem as territorialidades.

Para Silva (2002, p.27), a territorialidade:

[...] pode ser entendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar, ou controlar recursos ou pessoas, por controle de área. Esta estratégia está intimamente ligada ao uso da terra (entendida como área geográfica) pelas pessoas, com a sua organização espacial, e com o significado que o lugar tem para eles.

Cara⁴⁷ (1996), citado por Vargas (2006, p.81) esclarece que a territorialidade é a qualidade subjetiva, do indivíduo ou do grupo, que lhes permite através de “imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida”.

Para Corrêa⁴⁸ (1996, apud Vargas, 2006, p.82), a territorialidade é o conjunto de práticas, expressões materiais e simbólicas, que garantem tanto a apropriação como a permanência do território. Esta apropriação afetiva, que depende da identidade do grupo que a exerce, vincula-se, segundo ele, “a uma geografia que privilegia sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares, conforme a abordagem da geografia humanista”.

Já Bonnemaison (2002), vê na etnia um elemento de fundamental importância na relação dos grupos humanos com o território e, consequentemente, na territorialidade.

Para ele, a etnia é um conceito que vai muito além da consideração de uma origem biológica comum. É uma realidade dinâmica, “o campo de existência e de cultura, vivido de modo coletivo por um determinado número de indivíduos” (BONNEMAISON, 2002, p.93, 96). O estabelecimento de laços afetivos, a significação e a apropriação do território se dariam, então, através da etnia.

⁴⁷ CARA, R. B. Territorialidade e identidade regional no sul da província de Buenos Aires. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. A., SILVEIRA, M. L. (Org). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1996.

⁴⁸ CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M., SOUZA, M. A. A., SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: HUCITEC, 1996.

A própria cultura seria uma forma de territorialidade e, já que, não existe grupo cultural que não tenha se investido física ou culturalmente num território: “é pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica entre a cultura e o espaço” (BONNEMAISON, 2002, p.101-102).

Portanto, o território seria o recorte espacial através do qual se pode observar as múltiplas relações que se dão entre os atores, entre os grupos e destes com o ambiente. Tais relações, ao mesmo tempo em que criam, são frutos das territorialidades. As territorialidades, por sua vez, só existem à medida que os atores ou os grupos sentem-se inclinados por uma opção em detrimento de outra; estão ligados a determinadas aspectos do ambiente e não a outros; manifestam-se de determinada forma, não de outra; ou seja, quando se identificam com aspectos do território (o que de acordo com Bonnemaïson se dá mediado pela etnia do grupo), a ponto de querer defender sua permanência.

3.4. A REGIÃO

Conforme apresentamos no primeiro capítulo desta dissertação, o município de Bonito se insere num contexto regional maior, denominado Microrregião Geográfica da Bodoquena. Neste contexto, partilha similaridades com os municípios vizinhos, especialmente Jardim, Guia Lopes da Laguna e Bodoquena: tanto no que diz respeito aos aspectos cênicos e turísticos (caso de Jardim e Bodoquena) como também em relação ao processo histórico que levou à formação da identidade deste povo (inclui-se aí, além dos já citados, Guia Lopes da Laguna).

Viver em um espaço de grande beleza; usufruir desde a infância dos rios de águas transparentes; rememorar histórias sobre a Guerra do Paraguai e sonhar com os tesouros enterrados; aguardar ansiosamente pelas festas do Clube do Laço ou reunir-se com amigos em uma roda de tereré num domingo à tarde. Todas estas são características, experiências e imagens compartilhadas por aqueles que vivem nestes municípios, o que trás à tona a existência de uma identidade regional forte.

Por isso, vimos a necessidade de discutir neste item sobre o conceito de região e sobre as influências da valorização da experiência e da subjetividade na análise geográfica, o que levou os estudos regionais ao âmbito da compreensão da identidade e dos laços afetivos estabelecidos entre o homem e o espaço vivido.

A região deixou, pois, de ser encarada apenas como realidade objetiva e “concebida” a partir do exterior (como no caso da criação de regiões administrativas, realizada por

peças que não vivem no lugar). Passou a ser considerada como uma construção mental, individual e ao mesmo tempo “submetida à subjetividade coletiva de um grupo social” (o que possibilita a construção de recortes regionais diferentes dos administrativos), diretamente ligada ao sentimento de pertencimento a uma “rede de lugares” (LENCIONI, 1999, p.156).

A Geografia regional, conseqüentemente, passou a ver na “identidade dos homens com a região” um problema central da disciplina (LENCIONI, 1999, p.154).

Para esta autora:

[...] a análise regional, na perspectiva fenomenológica, não se restringe à investigação geográfica da dinâmica econômica ou de estrutura social. O procedimento de investigação procura ultrapassar o nível sócio econômico, buscando compreender como o homem se coloca em relação à região e, a partir disso, procura analisar os aspectos estrutural, funcional e subjetivo da região (LENCIONI, 1999, p.156).

Bezzi (2004, p.207), descreve de que forma a visão fenomenológica influenciou a construção do conceito de região, que passou a ser vista como uma “construção mental”. A autora nos lembra que a realidade objetiva é formada por uma série de elementos e que esses se unem através de uma base comum de subjetividade. Portanto uma visão subjetiva, seletiva (ou intencional) da realidade leva a uma construção mental desta realidade:

Há diferenças individuais nessa escolha e interpretação da realidade, mas que estão, em sua maior parte, submetidas a uma subjetividade que ultrapassa o pessoal e encontra coerência e força no coletivo. Dessa forma, a cultura é a chave necessária para interpretar esse espaço intersubjetivo. (BEZZI, 2004, p.207)

Portanto, a região passa a ser compreendida através da perspectiva da identidade cultural, algo intersubjetivo, que encontra no coletivo força para manifestar-se. Segundo Claval (1987, apud Vargas, 2006, p.70), ao escutar as “sensibilidades”, esta nova abordagem da Geografia “descobre que as realidades regionais que explora existem em primeiro lugar no espírito das pessoas”.

Neste contexto destaca-se a obra de Armand Frémont, “La région, espace vécu” de 1976, traduzida em 1980 como “A região, espaço vivido”. A obra é considerada um clássico do estudo geográfico da região através da perspectiva humanista (LENCIONI, 1999; BEZZI, 2004).

Para o autor, a região possui uma estrutura própria baseada na junção de espaços vividos e espaços sociais, sendo que tal estrutura se mostra distinta nas representações dos

habitantes e dos “estranhos”. Portanto existe uma divisão do espaço que é exterior às pessoas e outra que se configura em espaço vivido (LENCIONI, 1999; BEZZI, 2004).

Para Frémont, à medida que a região é um espaço vivido, construído individualmente de acordo com a percepção de cada um, torna-se impossível atribuir-lhe uma única definição. Para ele as regiões são múltiplas, o que o leva a classificá-las em três tipos: fluidas, enraizadas e funcionais (BEZZI, 2004).

As regiões fluidas se referem àquelas em que não há vínculos fortes estabelecidos entre os homens e o espaço que ocupam; dizem respeito à figura do nômade, daquele que está sempre a migrar, sem fixar raízes e estabelecer laços profundos com o lugar:

[...] a fluidez regional é estabelecida entre os homens e os lugares. E as relações que entre eles se estabelecem, são flexíveis, mutáveis e pertencem a um passado próximo, estando sujeitas a mudanças. (BEZZI, 2004, p.209)

As regiões enraizadas, ao contrário, são aquelas em que se estabelecem elos fortes entre os homens e seu espaço. Para Frémont são especialmente exemplificadas pelas “civilizações camponesas”, nas quais o autor nota um sentido de pertencimento entre os homens e os lugares e vice-versa (BEZZI, 2004, p.210).

Por fim, as regiões funcionais são aquelas transformadas pela estandardização e funcionalização características da sociedade industrial moderna. Neste sentido, o autor considera que: “[...] a sociedade industrial dispõe de meios técnicos de uma potência tal que pode transformar o espaço como nunca se imaginaria. Hoje, o avanço técnico sobrepõe-se de todas as formas à natureza” (BEZZI, 2004, p.210).

Tendo apresentado o método que fundamenta a execução desta pesquisa e discutido suas influências no pensamento geográfico e em suas categorias de análise, passamos, no próximo capítulo, à discussão dos dados obtidos através das etapas metodológicas.

CAPÍTULO IV

BONITO: ESPAÇO VIVIDO E PERCEBIDO PELO MORADOR

O caminho percorrido durante a realização desta pesquisa nos apresentou diversos modos de ver o município de Bonito.

Opiniões, lembranças, desejos para si e para o lugar: através das entrevistas e observações muito foi dito sobre aquilo que é vivido e percebido.

Diante disso, optou-se por concentrar os esforços desta discussão nos seguintes aspectos: opiniões colhidas durante os festivais de Inverno e da Guavira; percepção de mudanças na paisagem do município ao longo dos anos; o olhar do morador sobre o desenvolvimento da atividade turística e, por fim, a ligação dos indivíduos com o lugar.

Para construir o texto de forma mais organizada, a apresentação dos dados será dividida em temas.

Assim, a exposição será iniciada a partir das opiniões referentes aos festivais de Inverno e da Guavira, tema que suscita debates entre os que defendem a preservação das manifestações culturais locais e aqueles que defendem a manutenção dos eventos em atenção à demanda turística. Estas entrevistas explicitaram, ainda, as necessidades dos moradores em relação ao espaço público.

Em seguida, apresentaremos a descrição das mudanças que ocorreram na paisagem ao longo dos anos e o processo de desenvolvimento e consolidação do turismo no município, assim como relatado pelos entrevistados, bem como os padrões que indiquem os laços afetivos entre o morador e o lugar.

1. OS FESTIVAIS

O Festival de Inverno e o Festival da Guavira estão entre os principais eventos culturais de Bonito (podemos destacar, ainda, o Clube do Laço). Estão consolidados como grandes acontecimentos do município, tanto para a maior parte da comunidade, como para o calendário turístico.

Entre a comunidade bonitense, há os que aguardam o momento dos festivais para sua diversão e entretenimento. Há, também, aqueles que dependem dos recursos financeiros trazidos pelos visitantes (especialmente em relação ao Festival de Inverno): proprietários dos pequenos estabelecimentos comerciais, restaurantes e lanchonetes; homens e mulheres que trabalham nos hotéis e lavanderias através do sistema de diárias; guias de turismo, que intensificam suas atividades; moradores que alugam suas casas ou cômodos para os turistas.

O Festival de Inverno é um evento de maior porte, especialmente no que diz respeito à estrutura necessária (instalada na Praça da Liberdade e imediações, com destaque para a Grande Tenda, montada em um espaço livre que há próximo ao córrego Bonito) e ao aporte de turistas, que nos principais dias da festividade (quintas-feiras, sextas-feiras e sábados) ocupam todos os leitos disponíveis na cidade.

O Festival da Guavira, por sua vez, é um evento que tem como principal característica a valorização de aspectos da cultura regional. Tem como elemento agregador dessa valorização a guavira, fruto de um arbusto típico dos cerrados, muito apreciado pelos

moradores da região. A festa ocorre sempre na última semana do mês de novembro, quando a guavira madura já foi colhida por membros da própria comunidade, que vendem grande parte dos frutos aos restaurantes e lanchonetes da cidade.

Participar das atividades oferecidas durante os festivais de Inverno e da Guavira foi muito importante, pois promoveu uma grande aproximação entre mim e a realidade dos demais moradores de Bonito. Compartilhamos, naqueles dias, as mesmas experiências.

Destaco a oportunidade que tive de observar os moradores no dia da reinauguração da Praça da Liberdade, quando também foi inaugurada a nova fonte, denominada “Monumento às Piraputangas” (Figura 6). A piraputanga é um peixe extremamente abundante nas águas transparentes do rio Formoso e, por isso mesmo, é avistado com muita facilidade e fartamente alimentado pelos turistas. Foi, portanto, escolhido pelo poder público como o elemento ao qual se daria destaque na reforma da praça e na reconstrução da fonte.

Considero o advento da “nova” praça como um elemento muito importante na construção deste trabalho e na minha aproximação da realidade estudada. Pode-se notar que a praça, antes subutilizada, passou a ser local de usufruto das famílias, crianças, adolescentes, idosos, além dos turistas que, via de regra, fotografam o Monumento às Piraputangas. À parte a discussão sobre a participação popular na decisão da reforma, a praça tornou-se um local iluminado e mais agradável que agregou os moradores em torno do bom uso do espaço público, antes ocioso.

Menciono a Praça da Liberdade também pelo fato de que a maior parte das atividades promovidas pelos festivais (shows e concursos musicais; apresentações teatrais e artísticas diversas e área de alimentação) ocorreu em suas imediações. Além disso, devido à grande confluência de moradores na praça, naqueles dias, pude realizar ali a maior parte das entrevistas semi-estruturadas.

Para contextualizar a apresentação dos dados, foi elaborado um pequeno histórico sobre cada festival.

É necessário salientar que, para a constituição de cada um desses textos, optamos por entrevistar dois moradores de Bonito que são apontados pela própria comunidade como conhecedores dos temas.

Obviamente, um histórico completo dos festivais de Bonito demandaria mais entrevistas com outros atores envolvidos no processo de organização dos festivais, sendo um excelente objeto para novas pesquisas.



Figura 6: Praça da Liberdade e Monumento às Piraputangas (2007).

Acervo: Foto Wadin⁴⁹

1.1. O FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO

O Festival de Inverno de Bonito é um grande evento que ocorre há nove anos no município, sendo responsável por grande afluxo de turistas, shows musicais de grande porte e apresentações culturais diversas.

A fim de apresentar um pequeno histórico do Festival de Inverno, entrevistamos Afonso R. Rodrigues Jr., proprietário do La Paloma Residence e do atrativo turístico Ybirá Pe-Canopy Tour Brasil.

Segundo Afonso, a idéia inicial do festival foi apresentada por ele a Nilson Rodrigues (produtor cultural), numa reunião em março de 2000, em Bonito. Ali, decidiram apresentar o projeto ao governo do estado “em função da dimensão do mesmo”.

⁴⁹ Foto Wadin é um estabelecimento que faz fotografias e revelações fotográficas e possui um acervo de imagens de Bonito, recentes e antigas.

O projeto foi, então, apresentado a Ângela Costa, presidente da Fundação de Turismo do estado na época, e posteriormente levado a conhecimento do governador do estado, “que o aprovou imediatamente”:

Assim sendo, em abril de 2000 começamos a montar a equipe e elaborar a programação do festival. Em maio o governo nos deu a aprovação final do orçamento pretendido e em julho de 2000 lançamos a 1^a. Edição do Festival de Inverno de Bonito.

Para Afonso, a motivação para a criação de um festival em Bonito, se deu a partir da concepção de que o município poderia ser um centro das expressões culturais do estado de Mato Grosso do Sul, além de pólo turístico: “tinha plena convicção da integração do turismo com as manifestações culturais, como vários festivais existentes no Brasil e no exterior”.

A recepção da população e do *trade* a este primeiro evento foi “a melhor possível”, sendo que houve, à época, algumas sugestões quanto à adoção de uma programação mais popular.

O festival mudou ao longo de suas edições, quanto à duração (diminuindo de dez para quatro dias) e atividades propostas, sendo que a equipe inicial, não faz mais parte da organização do evento.

Há três anos o evento acontece entre o final das férias escolares e o início do mês de agosto. Atualmente sua realização é compartilhada entre o governo do estado e a prefeitura municipal de Bonito, que terceirizam a organização.

Entre os dias 01 e 05 de agosto de 2007, realizou-se o 8^o Festival de Inverno de Bonito, com atrações concentradas na recém reformada Praça de Liberdade (figura 7) e imediações (ver no anexo I, material de divulgação do evento).

Foram realizadas 30 entrevistas semi-estruturadas com moradores do município, durante os dias 04 e 05 de agosto de 2007 (sábado e domingo, nos períodos da tarde e da noite), nos seguintes locais: Praça da Liberdade, ruas próximas à praça e na tradicional feira dos produtores rurais, que normalmente reúne muitos moradores da cidade.

Os dados encontram-se descritos no texto e representados sob a forma de histogramas e tabelas, que apresentam as freqüências absolutas das respostas.



Figura 7: Inauguração do Monumento às Piraputangas e noite de abertura do 8º Festival de Inverno de Bonito (01/08/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.

1.1.1. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A primeira parte da entrevista, composta por cinco questões, tinha como objetivo caracterizar os sujeitos em relação ao tempo de residência em Bonito, idade, gênero e bairro de origem.

Dentre os 30 entrevistados, 16 homens e 14 mulheres, 15 nasceram em Bonito e os demais em outras localidades. Destes, 08 são sul-mato-grossenses (03 da microrregião da Bodoquena – Jardim e Guia Lopes da Laguna), e os outros 07 são provenientes dos seguintes estados: Rio Grande do Sul (03), Paraná (02), Mato Grosso (01) e São Paulo (01).

Àqueles nascidos em outras localidades, perguntamos sobre o tempo de residência em Bonito. As respostas foram agrupadas em categorias, indicadas na Figura 8. Um dos entrevistados mora na cidade há menos de um ano e, provavelmente não tem informações suficientes para avaliar as questões sobre o lazer na cidade, ou estabelecer comparações entre este e os festivais anteriores.

Quanto à faixa etária, observou-se o predomínio de adultos mais jovens (entre 19 e 30 anos) e de adultos com mais de 56 anos (Figura 9).

A maior parte dos entrevistados (40%) mora nas imediações do centro da cidade, próximo do núcleo de atividades do festival (praça da Liberdade, feira de artesanato e a grande tenda, onde se realizaram os shows principais). Os demais residem em bairros um pouco mais afastados, como Vila América e outros mais distantes, a exemplo dos moradores da Vila Donária, Vila Machado e Vila Marambaia.

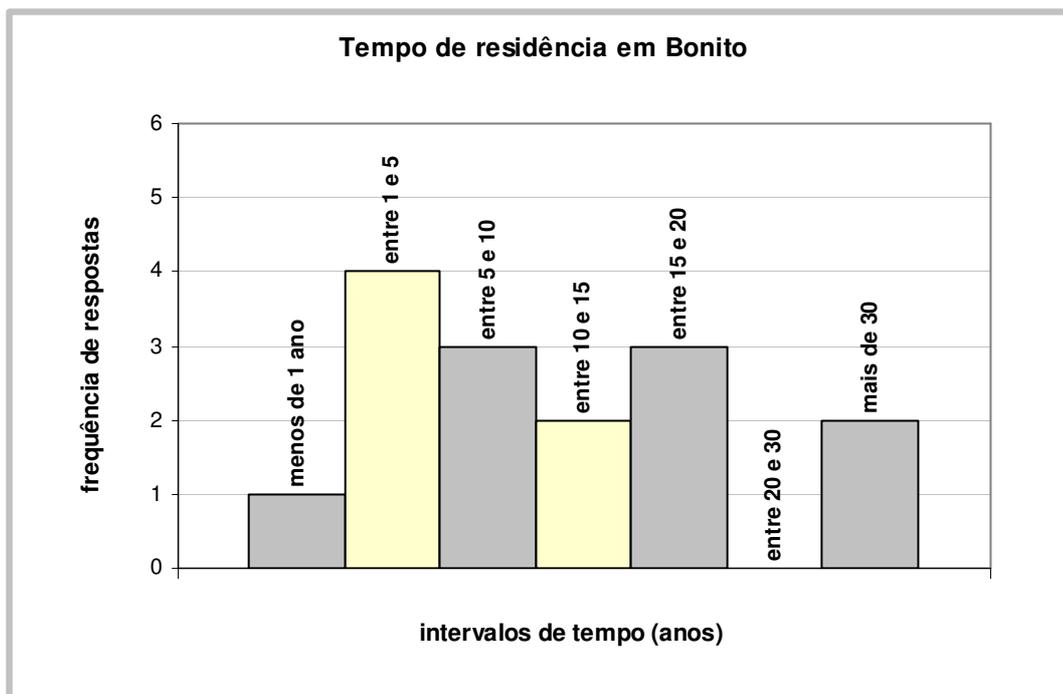


Figura 8: Tempo de residência em Bonito, para os entrevistados nascidos em outras localidades.

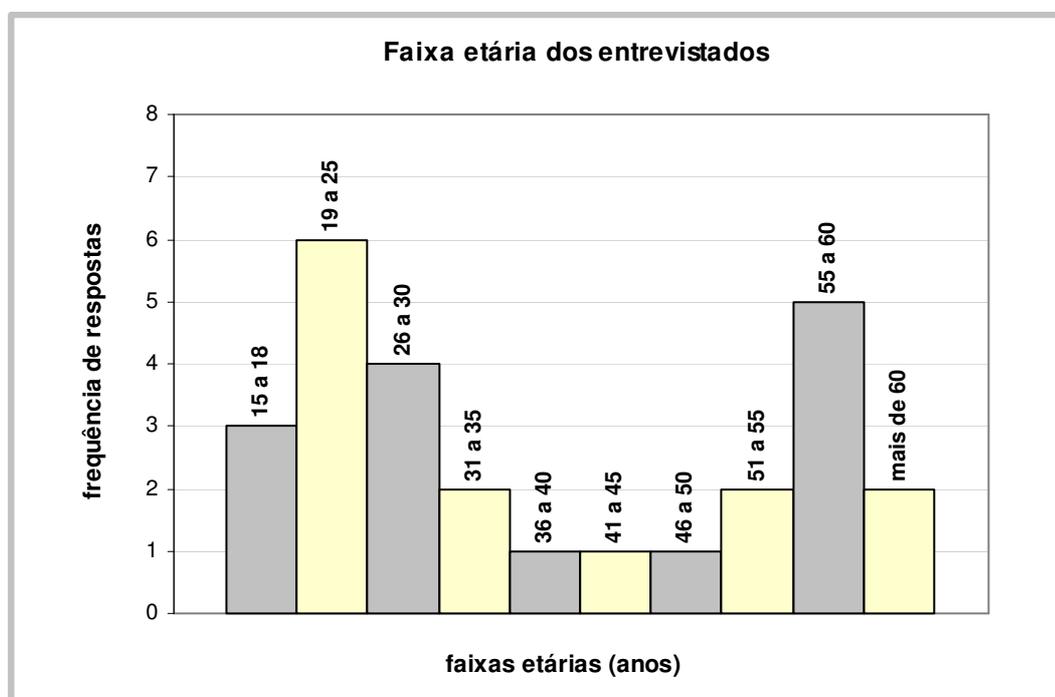


Figura 9: Entrevistados de acordo com as faixas etárias.

1.1.2. OPINIÕES

A segunda parte da entrevista teve como objetivo conhecer as opiniões dos moradores de Bonito sobre o Festival de Inverno e suas conseqüências para a cidade, bem como sobre o lazer, de forma geral. As questões eram abertas, portanto cada informante poderia elencar várias justificativas para suas opiniões.

Dentre os entrevistados, 100% acreditam que a realização do Festival de Inverno trás mudanças para a cidade. Destes, 93,3% consideram essas mudanças positivas, os demais 6,7% (2 informantes), consideram-se indiferentes a tais mudanças.

As mais citadas foram as seguintes:

Tabela 2: Mudanças que o Festival de Inverno trás para a cidade, segundo os entrevistados.

Mudanças promovidas na cidade pelo Festival de Inverno	Freqüências das respostas
Bom para a economia/comércio da cidade	13
Movimento de pessoas	12
Turistas/pessoas de fora	11
Proporciona mais “cultura” para os moradores	04
Melhora/alegra a cidade	02
Mostra a cultura local	01
Total de citações	43

Entre esses 13 entrevistados que citaram os benefícios do festival para a economia e o comércio local, 09 associaram espontaneamente este fato ao aporte de turistas.

Em uma das entrevistas, o informante citou como principal mudança a grande movimentação de pessoas pelas ruas da cidade, e complementou sua resposta observando que os que vêm a Bonito durante o festival caracterizam-se como um público muito diferente daquele que é atraído durante o carnaval.

Quando questionados sobre os possíveis transtornos decorrentes do festival, 97,7% afirmam que não há nenhum problema nos dias em que transcorrem os eventos e atividades; 02 entrevistados (6,7%) consideram que a cidade sofre com o vandalismo e com a produção de lixo, sendo que ambos ponderam que tais problemas se dão em pequena escala, se comparados aos dias de carnaval.

Todos concordam que Bonito se modifica quando acaba o festival e adjetivos como “parada”, “muito parada”, “calma”, “tranqüila” e “pacata” buscam traduzir o aspecto que a cidade tem para seus moradores durante os dias “normais”.

O carnaval e os feriados prolongados foram lembrados, pela maior parte dos entrevistados, como os outros momentos do ano em que são observadas as mesmas

mudanças na cidade. Ao todo 24 citaram períodos como “final do ano”, “feriados”, “alta temporada”, além de “carnaval” e “feriados prolongados”, associando estes eventos à geração de renda para o município.

O Festival da Guavira foi mencionado por 07 entrevistados e 02 consideram o Festival de Inverno como o “maior momento” da cidade.

Algumas pessoas lembraram que, embora haja semelhanças quanto aos benefícios econômicos trazidos à cidade nos momentos como o carnaval e a alta temporada, estes trazem conseqüências desagradáveis, diferentemente do que ocorre durante o Festival de Inverno. Tais conseqüências seriam: “sujeira”, “mais bagunça”, “problema quanto ao local adequado para realizar o carnaval”. Um deles destacou:

“Eventos com a mesma qualidade do festival não tem. Mas tem o carnaval e o fim do ano que trazem bastante gente, mas sem as atrações do festival e com pessoas diferentes”.

Os shows musicais destacaram-se como a atividade preferida pelos entrevistados, como apresentado na tabela 3.

Tabela 3: Preferência dos entrevistados, quanto às atividades oferecidas durante o Festival de Inverno.

Atividades	Freqüências das respostas
Shows musicais	12
Tudo	5
Exposição de artesanato	4
Teatro	3
Ver os artistas	3
Atividades na praça	2
Exibição de filmes ao ar livre	2
Palestras	1
Não sabe	1
Total de citações	33

Entre as atividades de lazer preferidas durante os outros momentos do ano, destacam-se as visitas ao balneário municipal, mencionadas por 13 entrevistados, seguidas pela opção por bares/lanchonetes, por 04 pessoas, conforme tabela 4.

Tabela 4: Opções de lazer citadas pelos entrevistados.

Opção de lazer	Frequências das respostas
Balneário Municipal	13
Bares/lanchonetes	4
Não tem lazer	4
Atividades com a família, em chácaras	3
Igreja	2
Casa de amigos	1
Feira aos sábados	1
Clube do laço	1
Passeios (atrativos)	1
Outros balneários	1
Total de citações	31

Para 06 informantes, nada falta em relação ao lazer disponível para o morador. Já 18 pessoas destacaram o que, para elas, poderia ser melhorado neste sentido. Destes, 07 consideram os atrativos turísticos muito caros, o que faz com que não sejam uma opção viável para a população, sendo que muitos sequer conhecem estes passeios:

“Nunca fui aos atrativos. O preço deveria ser mais em conta para os moradores. Não conheço nem a Gruta, nem o Aquário”.

“Os passeios são muito caros para o morador, se não fossem, seriam opção de lazer. Os moradores não conhecem nada”.

Neste sentido devemos salientar as observações de dois moradores que afirmam ser suficientes as opções de lazer, sendo que para “quem corre atrás” é possível conseguir cortesias para usufruir dos passeios gratuitamente:

“Alguns moradores conseguem cortesia, não tem lazer quem não procura”.

“Os atrativos, a maior parte da população não conhece, por desinteresse, pois pode correr atrás”.

Além desta, as outras reivindicações foram:

- 06 entrevistados destacaram a necessidade de construir um novo parquinho infantil (que anteriormente se localizava na Praça da Liberdade, e foi retirado), pois é necessário “incentivo de atividades de lazer para crianças”;

- 01 entrevistado mencionou o desejo de poder ir ao teatro com mais frequência;
- 01 entrevistado afirmou que gostaria que Bonito possuísse um cinema;
- 01 entrevistado gostaria de mais eventos no decorrer do ano: “como Corumbá, que tem um festival atrás do outro”;
- 01 destacou a falta de áreas de lazer e quadras poli-esportivas públicas e, por fim,
- 01 entrevistado mencionou parques e zoológicos.

De um modo geral, pode-se perceber que a renda gerada, tanto pelo movimento de pessoas advindo da realização do festival, como do carnaval e feriados prolongados é vista com bons olhos pelos moradores. Entretanto, alguns salientam as diferenças que existem entre o Festival de Inverno e a alta temporada, no que se refere ao público que visita a cidade e aos conseqüentes problemas.

O lazer relacionado aos rios, exemplificado pela opção pelo balneário municipal e atividades com a família nas chácaras, predomina. Os moradores sentem falta, entretanto, de opções como espaços de lazer distribuídos pelos bairros, opção para as crianças, além de teatro e cinema.

Quanto ao acesso aos atrativos explorados pela atividade turística, as opiniões são antagônicas. De fato os passeios estão fora do alcance da população; ou as cortesias oferecidas e a divulgação das mesmas são suficientes para atender a todos os moradores?

Sobre esse assunto, buscamos a opinião de outros entrevistados.

Em relação à Gruta do Lago Azul (unidade de conservação estadual, tombada pelo IPHAN⁵⁰ cuja visitação é gerida pelo município), o secretário de turismo, indústria e comércio pondera que, a implementação de infra-estrutura e a organização da visitação, levam à cobrança de ingresso em uma área que, anteriormente era de livre acesso ao bonitense.

Entretanto, o valor de vinte e cinco reais cobrado, se refere apenas aos turistas, não aos moradores. Estes pagam apenas cinco reais referentes ao trabalho do guia e ao seguro obrigatório. Ainda sobre esse assunto, o secretário ressalta:

[...] alguns bonitenses, que não tem condições de pagar os cinco reais, nem isso pagam. A Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio conversa com os guias, com a associação de guias de Bonito, e pede para isentar esse valor de quatro reais que é a parte do guia. E muitas vezes nós pagamos um real do bolso, para que eles não sejam privados dessa visitação.

⁵⁰ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Ainda segundo o secretário, as turmas do ensino fundamental das escolas municipais, que cursam a disciplina Noções Básicas de Turismo (integrada à grade curricular em 2007), são contempladas com visitas gratuitas à Gruta do Lago Azul, como atividade de fechamento do curso. Ele finaliza:

Então nós favorecemos, sim, aos moradores para que visitem a Gruta do Lago Azul, e quem quiser visitar a Gruta do Lago Azul, procure a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio, na baixa temporada, e nós encaminharemos para fazer a visitação.

Já em relação aos atrativos localizados em propriedades particulares, o secretário analisa o caso específico citado em nossas entrevistas (o Aquário Natural), mas sua análise pode ser estendida para todos os atrativos relacionados à iniciativa privada:

Com relação ao Aquário, é um atrativo particular, que também há muito tempo estava ali, era de propriedade de Lido Farias e posteriormente do senhor Orestes Flores, e muitos moradores de Bonito iam visitar o Aquário Natural sem pagar nada. Depois foi criada ali também uma estrutura turística comercial e a cobrança de ingressos é da iniciativa privada, sendo regulamentado o número de visitação por dia; claro que dificultou um pouco mais [o acesso]. Mas o bonitense que quiser visitar o Aquário Natural na baixa temporada, procure a Secretaria de Turismo, nós entramos em contato com os proprietários, e eu tenho certeza absoluta, como nunca foi negado a nós, eles vão autorizar a entrada dessas pessoas, pra conhecer essas nossas belezas.

Segundo o secretário de turismo, portanto, a comunidade deve procurar as agências de turismo, os donos dos atrativos ou a própria Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio e solicitar descontos para usufruir dos atrativos. Salienta, entretanto, que isso deve se dar durante o período de baixa temporada.

Para (E4), turismólogo e consultor empresarial, as justificativas para a falta de acesso da população aos atrativos, são semelhante às do secretário, destacando que o morador deve procurar as cortesias durante a baixa temporada, já que nos períodos de fluxo mais intenso de turistas, os empresários lucram:

Eu já ouvi muito essa reclamação também, de que o bonitense não conhece Bonito, que é caro. Mas o bonitense nunca chegou no proprietário de um atrativo ou de uma agência tentando. Na baixa temporada, que isso fique claro, por que a gente ouve muito que chega alta temporada, o bonitense tá recebendo um amigo dele não sei da onde, quer ir na agência e quer ir de graça no passeio, e é a hora das pessoas ganharem dinheiro em Bonito. Então o bonitense quer conhecer, isso eu sempre explico pra quem reclama, vai numa baixa temporada numa agência de turismo, ou conversa com o próprio dono do atrativo e vê o que ele pode fazer pra você mais barato, talvez cobrar só a parte do guia e o seguro.

[...] E se você, numa baixa temporada, conversar com o proprietário e falar sou de Bonito, queria conhecer com a minha família, eu tenho certeza que você vai conseguir um valor diferenciado, você vai pagar só o custo, por que ninguém vai pagar pra você ir. Eu tenho certeza que o bonitense consegue um valor de custo pra conhecer o atrativo. Só que, antes de mais nada, a gente tem que entender a posição do empresário que investiu, que aquilo ali tem um custo pra ele, ele não pode e ele não é obrigado a dar de graça. Sei lá por que meios, ele é dono da área, a partir do momento em que se tornou um negócio, ele auferir renda dali.

Segundo (E6), proprietário de um atrativo turístico, o morador de Bonito nunca paga os passeios, apenas o trabalho do guia e o almoço. Ele afirma que, quem não sabe dessa possibilidade, está mal informado:

Todas as pessoas de Bonito não pagam passeio, nunca uma pessoa de Bonito pagou passeio comigo. Eu já dei passeio pras escolas, todas as escolas [...]. A única coisa que eles pagam é o almoço e o guia. Se ele tiver o guia dele conhecido que não cobrar dele, não tem problema. Mas o almoço, eu não posso dar, se eu for dar almoço, eu vou estar pagando. Agora, qualquer uma pessoa de Bonito que quiser fazer o passeio vai lá, se não vai é por que não quer, não tem carro, sei lá. [...] E eu acredito que nos outros passeios também é assim. Agora, quem falou isso pra você, não deve estar bem informado, ou então pensa que por que o turista paga, ele também vai pagar.

Segundo esses entrevistados, portanto, o morador de Bonito pode conhecer quaisquer atrativos turísticos do município com isenção na cobrança de ingresso, arcando com os custos referentes ao guia turístico, ao seguro obrigatório e à alimentação, caso deseje, durante a baixa temporada.

Entretanto, conforme apresentado, durante as entrevistas 07 pessoas mencionaram espontaneamente a dificuldade de acesso aos atrativos.

Mesmo sendo esse um número que não corresponde à maioria dos entrevistados, e a despeito das justificativas apresentadas, estes moradores sentem-se, de fato, excluídos da atividade turística.

Muitas são as razões que podem ter engendrado tal sentimento e, certamente, esta pesquisa não apresenta uma análise completa a esse respeito. Pode-se inferir apenas que, se os donos de atrativos permitem a entrada dos bonitenses por meio de cortesias, o que também ocorre em relação à Gruta do Lago Azul, essa possibilidade parece não estar sendo divulgada a contento: “Na verdade o bonitense não entende muita coisa, às vezes por falta de informação mesmo” (E4).

Se não há informação, tanto o *trade* turístico como o poder público estão falhando.

Questiono ao secretário de turismo, indústria e comércio se, talvez, parte da população desconheça essa possibilidade de acesso aos atrativos turísticos e, a partir disso,

sinta-se excluída. Ele admite que realmente não existem, ainda, iniciativas de divulgação desse assunto:

Com toda a certeza, o morador de Bonito é mal informado. Analisa bem: não tem o hábito da leitura, não existe essa divulgação, por enquanto, a nível de escolas públicas, não tem essa informação também de utilidade pública nas duas rádios que tem alcance aqui local e regional. Mas isso é uma ação que nós poderemos implantar, para que o morador fique ciente disso. Isso não deixa de ser uma falha do poder público e também da iniciativa privada.

1.2. O FESTIVAL DA GUAVIRA DE BONITO

O Festival da Guavira é um evento que se caracteriza pela busca de valorização para a cultura local e se realiza sempre no mês de novembro, época em que os frutos da guavira estão maduros. Nesse período a comunidade, inclusive crianças, toma conta dos guavirais, colhendo os pequenos frutos, que são utilizados, não apenas durante o festival, mas abastecem a cidade com a polpa da guavira durante todo o ano.

O I Festival da Guavira ocorreu em 2002 e foi resultado da iniciativa de membros da própria comunidade, com destaque para o trabalho de Antonio Carlos Silveira Soares. Bonitense, proprietário do restaurante Tapera e um dos pioneiros da atividade turística no município, ele cedeu uma entrevista sobre o assunto.

Segundo Antonio Carlos, a motivação para criar um novo festival para a cidade veio da necessidade de valorizar a cultura e o morador de Bonito, considerando a guavira (arbusto típico do cerrado), como o elemento que agregaria essa valorização: “A guavira é a coisa mais forte da cultura sul-mato-grossense. Catar a guavira, ir no guaviral, toda a comunidade participa” [...] “Sou um caçador de guavira nato!”.

Assim, de acordo com o entrevistado, a idéia inicial era não apenas a criação de um festival, mas a de um “projeto de desenvolvimento sustentável” para Bonito, embasado em oito premissas que deveriam ser contempladas:

1. Fortalecer a auto-estima do bonitense. Promover o entrosamento da comunidade com todo o processo, levando assim, à valorização dessa comunidade, que é a peça principal do evento.

2. Apresentar durante o Festival a cultura sul-mato-grossense, através de shows de artistas regionais. Sendo Bonito um local de visibilidade nacional, visitado por muitos turistas, esses aspectos regionais passariam a ser divulgados e conhecidos em outros estados.

3. Preservação dos guavirais, para, assim, manter a cultura viva.
4. Manter as pequenas propriedades, pois é ali (devido principalmente às características do solo, “terra de areia e cascalho”) que se formam os guavirais.
5. Criar pequenas cooperativas nas vilas, envolvendo escolas municipais e donas-de-casa, que façam diversos produtos a partir da guavira. Isso fortaleceria o pequeno proprietário que manteria seus guavirais, além de gerar renda para os envolvidos com a cooperativa.
6. Criar um selo de qualidade para os produtos produzidos em Bonito, criando uma identidade para o município.
7. Incrementar a gastronomia, através do regate dos pratos típicos ou feitos a partir da guavira.
8. Contemplar o calendário turístico.

O entrevistado considera que, depois de seis anos, foram conquistados apenas duas dentre as premissas iniciais: a valorização da comunidade, que gosta do festival e se sente parte dele; e a preservação dos guavirais.

No início, o festival contou com o apoio do governo estadual e de pessoas envolvidas com o turismo no município, formando um pequeno grupo que organizou o evento, obteve recursos e cuidou da recepção dos artistas, oferecendo hospedagem e alimentação aos mesmos.

As primeiras edições ocorreram numa área de eventos, denominada Villa Rebuá, localizada na avenida principal da cidade, cedida ao festival pelos proprietários.

O entrevistado participou ativamente das duas primeiras edições do evento, afastando-se a partir da terceira (com a qual ainda colaborou), quando, então, a organização passou à Prefeitura Municipal de Bonito.

Em 2007, ocorreu a sexta edição do Festival da Guavira, promovida pela Prefeitura Municipal, através da Divisão de Cultura, em parceria com as Secretarias de Ação Social e de Turismo, Indústria e Comércio. O festival foi realizado na Praça da Liberdade (Figura 10) e contou com shows musicais, apresentação de projetos sociais da prefeitura municipal, concurso entre cantores regionais, barracas de artesanato, comidas típicas e distribuição gratuita de guavira (ver no anexo II, o material de divulgação do evento).

Foram realizadas 20 entrevistas semi-estruturadas durante o VI Festival da Guavira de Bonito, nos dias 24 e 25 de novembro de 2007 (sábado e domingo, nos períodos da tarde e da noite), na Praça da Liberdade.

Assim como o roteiro utilizado durante as entrevistas do Festival de Inverno, este apresentava duas partes, a primeira visando a breve caracterização dos entrevistados e a segunda com o objetivo de colher opiniões sobre o festival e o lazer, mantendo-se as

questões abertas para que pudessem ser consideradas todas as respostas e justificativas mencionadas. Entretanto, os roteiros apresentam pequenas diferenças entre si. Neste, as questões relativas à caracterização possuem alternativas, o que facilitou o processo de tabulação. Além disso, foi aberto um espaço para que fossem feitas sugestões à organização do evento e questionamos sobre a percepção das diferenças entre os dois festivais.



Figura 10: Festival da Guavira de Bonito. No palco da Praça da Liberdade, apresentação musical com um grupo de crianças do município (24/11/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.

1.2.1. CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entre os 20 moradores entrevistados, 10 mulheres e 10 homens, 08 são bonitenses e 12 nascidos em outros municípios. Destes, 10 são sul-mato-grossenses (sendo 02 da microrregião da Bodoquena - Jardim e Bela Vista) e 02 vindos de outros estados: Mato Grosso e Minas Gerais.

Aos nascidos em outros municípios, perguntou-se sobre o tempo de residência em Bonito. As respostas foram agrupadas em categorias, indicadas na Figura 11.

Quanto à faixa etária, nota-se, novamente, o predomínio de jovens entre 19 e 25 anos e adultos entre 26 e 35 anos (Figura 12).

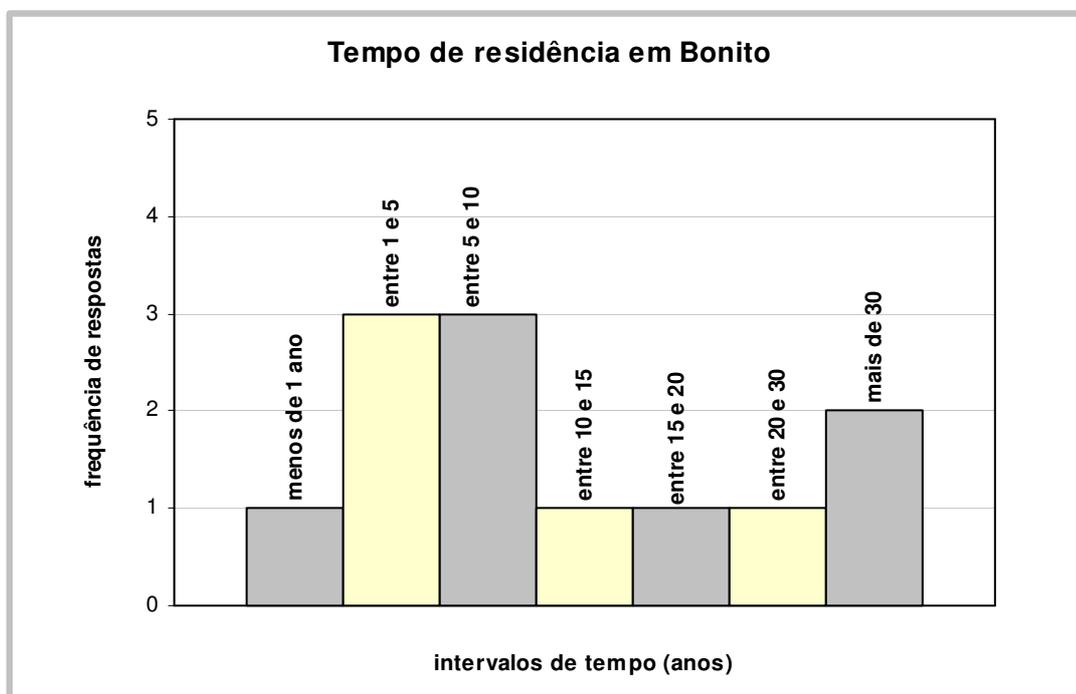


Figura 11: Tempo de residência no município de Bonito, para os entrevistados nascidos em outras localidades.

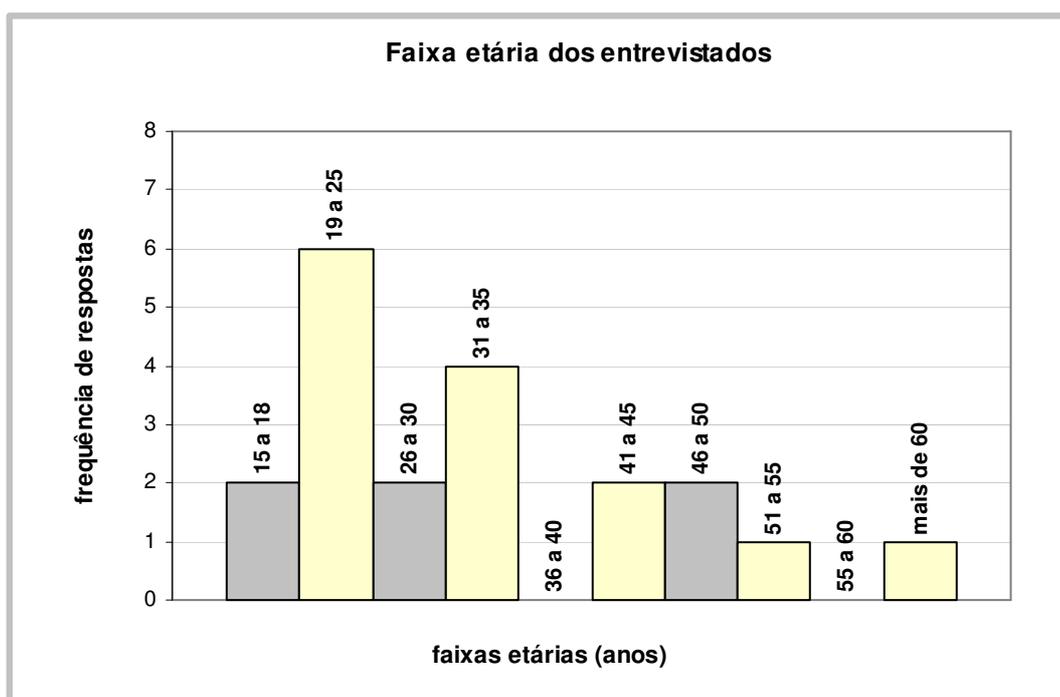


Figura 12: Entrevistados agrupados de acordo com as faixas etárias.

Dentre os entrevistados, 50% moram nas imediações do festival, em bairros como Centro e BNH, os demais residem em locais mais afastados da área central como Vila Donária (05 entrevistados), Vila Marambaia (02 entrevistados), Vila Machado e Jardim Boa Vista (cada uma com 01 entrevistado), além de um entrevistado que mora na zona rural (Fazenda Encontro das Águas), e veio com sua família participar das atividades.

1.2.2. OPINIÕES

Dentre os 20 entrevistados, 04 consideram que o Festival da Guavira não promove mudanças na cidade durante os dias em que ocorre; 16 informantes afirmam que o festival promove, sim, mudanças, e para estes tais mudanças são positivas.

Tabela 5: Mudanças que o Festival da Guavira trás para a cidade, segundo os entrevistados.

Mudanças promovidas na cidade pelo Festival da Guavira	Frequências das respostas
Grande movimento de pessoas	11
Presença de turistas/pessoas de fora	03
Mais participação dos bonitenses nas atividades	03
Bom para a economia/comércio da cidade	02
Melhora/anima a cidade	02
Aglomeração de pessoas na praça	02
Total de citações	23

Nota-se que, diferentemente das entrevistas realizadas durante o Festival de Inverno, nestas os entrevistados não destacaram transtornos, ou mudanças negativas na cidade, durante a ocorrência do festival.

Pode-se apontar, ainda, as 03 citações referentes à maior participação dos bonitenses nas atividades, opinião não mencionada pelos moradores que participavam das atividades do Festival de Inverno.

Conforme os resultados obtidos nas entrevistas realizadas durante o Festival de Inverno, 02 informantes apontaram a importância da Praça da Liberdade como local que abriga as atividades, como no seguinte depoimento: “A população e as famílias se confraternizam na praça. É muito gostoso”.

A preferência dos entrevistados, quanto às atividades oferecidas durante o Festival da Guavira, encontra-se apresentada na tabela 6:

Tabela 6: Preferência pelas atividades oferecidas durante o Festival da Guavira, segundo os entrevistados.

Atividades preferidas	Freqüências das respostas
Shows musicais	10
Competição de cantores/duplas regionais	05
Trabalho solidário do Moto Clube (arrecadação de alimentos)	03
Tudo	01
Teatro	01
Dança	01
Movimento de pessoas	01
Exposição de artesanato	01
Apresentação de projetos da Prefeitura Municipal	01
Total de citações	24

As opções de lazer citadas pelos entrevistados são apresentadas na Tabela 7. Destaca-se a preferência pela realização de atividades esportivas, não mencionadas nas entrevistas do Festival de Inverno. Nota-se, ainda, a importância do Balneário Municipal como fonte de lazer para o bonitense, seguido da opção por bares, restaurantes e lanchonetes.

Tabela 7: Opções de lazer citadas pelos entrevistados.

Opção de lazer	Freqüências das respostas
Esportes	08
Balneário Municipal	06
Bares/restaurantes/lanchonetes	04
Ficar em casa	03
Visitar a praça	03
Viajar	01
Chácara de amigos próximo ao rio	01
Tomar tereré com amigos	01
Andar à noite pela cidade	01
Total de citações	28

Além destas, outras opções de lazer foram lembradas, cada qual com 01 citação: escolhinha de futebol para crianças; cinema; pista para caminhada e corrida ao redor da praça; melhorar a infra-estrutura que já existe.

Entre os 20 entrevistados, 05 consideraram que as opções de lazer oferecidas pelo município sejam suficientes; entretanto, 15 informantes destacaram o quê, para eles, precisa ser melhorado neste sentido. Destes:

- 08 consideram a falta de quadras públicas para a prática de esportes;
- 03 destacam a falta de um parquinho infantil na praça;
- 03 gostariam que houvesse mais centros de lazer ou praças nos bairros;
- 03 sentem falta de clubes com piscina dentro da cidade;
- 02 reivindicam mais espaços públicos para cultura;
- 02 pedem mais festas como esta, pois “une as pessoas” e “movimentam a cidade”.

É interessante observar que, a dificuldade de acesso dos bonitenses aos atrativos turísticos, lembrada por 07 moradores entrevistados durante o Festival de Inverno, não surgiu espontaneamente durante esta etapa de entrevistas.

Para os moradores entrevistados durante o Festival da Guavira, destacou-se a necessidade de espaços públicos, localizados nas vilas, que ofereçam acesso a práticas esportivas, lazer e cultura, próximos de suas casas.

As mudanças efetuadas na Praça da Liberdade parecem ter sido bem aceitas pelos moradores, entretanto, ainda há o que melhorar em relação à infra-estrutura pública de lazer nos locais que distam do centro da cidade, como explicitado nos seguintes depoimentos:

“Falta quadras esportivas, pois a praça não supre tudo”;

“A praça ficou melhor, mas falta um parque para as crianças”;

“Precisamos de centros de lazer e praças nos bairros”;

“Precisamos de espaços públicos para a prática de esportes e manifestações culturais; precisamos de pequenas praças nos bairros”.

Em relação à nona pergunta do roteiro de entrevistas (Percebe diferenças entre o Festival de Inverno e o Festival da Guavira? Quais?), é importante observar que a idéia para tal surgiu durante a participação/observação da I Conferência Municipal de Cultura de

Bonito⁵¹, realizada nos dias 24 e 25 de novembro de 2007, concomitante à realização do Festival da Guavira.

Tive a oportunidade de participar dos dois dias desta conferência, que contou com representantes do Fórum Estadual de Cultura de Mato Grosso do Sul, além de membros da comunidade bonitense, diretamente relacionados com as questões culturais do município: poetas, escritores, músicos e artesãos, além de professoras, entre outros. Notou-se a ausência de representantes de outras secretarias, das ONG's e demais instituições do município.

A partir disso, pude perceber que havia uma cisão entre os participantes. Por um lado, os que defendem a relevância do Festival da Guavira e acreditam que o Festival de Inverno, nos moldes que vêm sendo realizado, exclui a população, voltando-se exclusivamente à demanda turística. A principal queixa dos presentes recaía sobre a organização do evento, terceirizada, que valorizou os artistas “de fora” em detrimento dos artistas locais.

Por outro, havia aqueles que vêem no Festival de Inverno um evento que, além de atrair visitantes para o município, pode ser usufruído também pela população. Estes também concordavam que a empresa organizadora do evento deveria disponibilizar recursos e tratamento iguais a todos os artistas, de renome nacional ou não.

Assim, a nona pergunta foi incluída no roteiro pouco antes da realização das entrevistas, pois consideramos que seria pertinente perguntar à população sua opinião a esse respeito.

Dentre os 20 entrevistados, todos consideram que existem diferenças entre os dois festivais. As particularidades do Festival de Inverno citadas foram:

⁵¹ Como resultado das discussões sobre a valorização da cultura no município e reivindicações dos presentes, foi elaborada por Boni Miranda, diretor de cultura da Fundação de Cultura e Esporte de Bonito, uma carta aberta pela cultura de bonito, posteriormente encaminhada à Câmara de Vereadores do município (anexo III).

Tabela 8: Diferenças do Festival de Inverno de Bonito, em relação ao Festival da Guavira.

Diferenças citadas	Frequências das respostas
Público maior	07
Artistas mais famosos	03
Número maior de visitantes	03
Mais turístico ou voltado para o público de fora	03
Mais conhecido por pessoas de fora	02
Número maior de atrações	02
Público diferente	01
Estrutura maior	01
É mais fechado	01
Total de citações	23

E em relação ao Festival da Guavira:

Tabela 9: Diferenças do Festival da Guavira de Bonito, em relação ao Festival de Inverno.

Opção de lazer	Frequências das respostas
Voltado para a comunidade	03
Mais regional	02
É mais público	01
Movimenta a cidade	01
Presença quase que exclusiva de bonitenses	01
Público menor	01
Menos turistas	01
Tem Guavira	01
Total de citações	11

Esponaneamente, 04 moradores afirmaram preferir o Festival de Inverno; 03 preferem o Festival da Guavira e 02 gostam de ambos. Os demais não se posicionaram a esse respeito.

Os motivos mencionados por aqueles que preferem Festival de Inverno foram os seguintes:

“O Festival de Inverno tem artistas mais famosos, gosto mais. O Festival da Guavira tem mais artistas regionais”.

“O Festival de Inverno é mais amplo, tem mais programação, gosto mais”.

“O Festival de Inverno tem artistas mais conhecidos, de fora. Gosto mais”.

“O Festival de Inverno é melhor, tem mais gente e mais atrações”.

Para aqueles que preferem o Festival da Guavira:

“O Festival da Guavira é mais voltado para os bonitenses e o de Inverno é mais voltado para as outras cidade, dá a oportunidade de conhecerem a nossa cidade. Gosto mais do da Guavira”.

“Gosto mais do Festival da Guavira, mas não é sempre que tenho tempo de vir para a cidade” [morador da zona rural].

“Não participo do Festival de Inverno por que moro longe, mas no da Guavira vale a pena vir” [moradora do Jardim Boa Vista].

Por fim, para os que gostam dos dois eventos, as justificativas são:

“O Festival da Guavira movimenta mais a cidade. Mas o de Inverno também é bom”.

“O Festival da Guavira é mais centrado para pessoas de Bonito, dá o direito das pessoas daqui, platéia e artistas, de participar e eu acho isso bom. No Festival de Inverno tem mais turistas além da população, gosto dos dois”.

Pode-se notar, portanto, que os moradores entrevistados percebem nítidas diferenças entre os festivais, exemplificadas por citações como: público maior, mais visitantes/turistas e artistas de renome nacional, no caso do Festival de Inverno e maior participação da população local e maior destaque às questões regionais, no Festival da

Guavira. Entretanto, não foi averiguada a existência de uma preferência clara em relação a um festival ou outro, por parte dos entrevistados.

A partir destas entrevistas pode-se, ainda, verificar que o Festival da Guavira não é associado aos momentos de alta temporada (como carnaval e demais feriados prolongados) tal qual o Festival de Inverno. O “grande movimento de pessoas” mencionado como principal mudança trazida pelo festival da Guavira, não se refere tanto ao turismo, e sim à participação do próprio bonitense no evento.

Destacam-se, nesse sentido, as citações a respeito da maior participação dos habitantes de Bonito e da confraternização das famílias na praça. Isso pode indicar que os moradores sentem-se mais à vontade ao participar do Festival da Guavira, mas esse é um padrão que merece uma investigação específica para ser corroborado.

Por fim, em relação ao lazer, é importante observar que os entrevistados consideram os equipamentos públicos insuficientes e pedem por áreas de lazer e praças localizadas nas vilas, próximas de suas casas.

Andando pelas ruas de Bonito, ao entardecer e durante os finais de semana, percebe-se que os bonitenses gostam de sentar-se em cadeiras dispostas nas calçadas, reunidos com suas famílias ou amigos, invariavelmente degustando o tereré. As crianças brincam na rua. A preferência por estar ao “ar-livre” salta aos olhos.

Nota-se que, qualquer quarteirão da cidade que for minimamente urbanizado, recebendo manutenção ou calçamento adequado, imediatamente se transforma em lugar de usufruto dos moradores.

Isso foi claramente percebido, por exemplo, após a reforma do terminal rodoviário (reinaugurado em 2007, assim como a praça central): antes um local que afastava as pessoas, hoje um lugar do qual os moradores das imediações se apropriaram, para momentos de lazer: as pessoas caminham, passeiam e as crianças brincam.

Portanto, revela-se a necessidade de que o poder público volte suas ações para aqueles que vivem longe da área central da cidade, nas vilas, sem asfalto e sem a opção de usufruir a contento daquele espaço que, enfim, é deles.

2. PAISAGENS E LUGARES

2.1. MUDANÇAS NA PAISAGEM AO LONGO DO TEMPO

Num fim de tarde como tantos outros, algumas pessoas circulam pela principal das poucas ruas da cidade. Cuidam de seus afazeres, cumprimentam-se. Alguns comentam entre si, como realmente foi milagrosa a passagem de um tal Senhorzinho por lá, homem santo que fora banido há apenas alguns anos. Os três armazéns começam a fechar suas portas; a brisa levanta a poeira das ruas de terra, carros de boi permanecem parados no meio fio. Nesse momento, como que para colorir um fim de tarde igual a tantos outros, surge, no fim da rua, a comitiva. Cavaleiros altivos, embora exaustos, retornam para suas casas e para suas famílias. Desta vez, depois de semanas de viagem, a boiada havia se desgarrado. Foi necessária toda uma noite e uma parte da manhã para uni-la novamente. Um boi foi perdido, muitas histórias pra contar. Os cavaleiros estão felizes, não apenas porque voltam para casa. Aproxima-se a esperada Festa de São Pedro, dez dias de festejos, danças e fogueiras, tão altas quanto é possível de se imaginar. Guardaram dinheiro durante todo o ano, para poder participar e fazer sua contribuição – talvez uma galinha - motivo de orgulho para cada morador. Como é bom chegar em casa.

Esse pode ter sido um dia como muitos outros, no pequeno município de Bonito, nos idos de 1950. Um pequeno lugar no interior de Mato Grosso, então uno. Há apenas dois

anos, em 02 de outubro de 1948, haviam assistido à sua emancipação. Caracterizavam-se como uma comunidade rural, que vivia a vida a partir do ritmo ditado pela pecuária, pelas festas religiosas e pelas longas e cansativas viagens empreendidas em busca de mantimentos. Não havia água encanada, não havia rede elétrica, muito menos telefone. O lampião a querosene iluminava as casas; a partir dos anos sessenta um gerador provia luz elétrica entre as seis e as dez horas da noite.

Essa pequena descrição só pode ser construída a partir das informações reveladas através das entrevistas realizadas com os moradores de Bonito, aqueles que vivenciaram tais acontecimentos.

De acordo com a discussão teórica realizada no capítulo III, observou-se que a consciência dos indivíduos está sempre dirigida intencionalmente a um objeto ou a um determinado conjunto de objetos.

A realidade é composta por “tudo o que se apresenta ao olhar do observador”⁵², sendo que este interpreta a realidade a partir de um ponto de vista íntimo, mediado por seus valores e pelos aspectos culturais nos quais está imerso. Portanto, cada um tem uma visão própria da realidade e intencionalmente volta seu olhar para determinados aspectos da mesma.

Remetemos-nos à fala de Holzer (2001, p.115): na fenomenologia “as essências só podem ser vistas a partir da experiência do fato”. Daí a importância de investigar a interpretação que as pessoas têm do mundo, como forma de se aproximar da essência deste mundo e desta realidade.

Tal pensamento, a partir do momento em que influenciou a Geografia, nos permite conceber e abordar a paisagem sob o viés da experiência dos indivíduos. Holzer (2001, p.113), a partir da obra de Eric Dardel, observa que a paisagem coloca em questão “a totalidade do ser humano”, é “uma convergência, um momento vivido”. Para Relph (1979) a paisagem é uma presença inevitável, uma condição da qual não se pode fugir ao vivenciar o espaço, são os “cenários significantes da vida diária” e, ao mesmo tempo, elemento que condiciona o nosso modo de estar no mundo.

Esse mundo, que sob a ótica da Geografia Humanista é o mundo vivido, se dá a partir da experiência de cada indivíduo e se concretiza nas paisagens. Portanto, ao resgatar as lembranças de nossos entrevistados, resgatamos também um pouco da vida e do dia-a-dia destas pessoas e daquilo que, para eles, foi significativo.

Propõe-se, então, a descrição do modo de vida, do dia-a-dia e das mudanças ocorridas na paisagem ao longo dos anos, através das experiências relatadas pelos moradores entrevistados.

⁵² Bezzi (2004, p.206).

No início, nos ateremos aos depoimentos dos entrevistados mais idosos, como (E8), chefe de comitiva de 70 anos, aposentado há cinco:

Sou daqui mesmo. Nasci numa fazenda há dezoito quilômetros, Fazenda Iguaçu chamava, era nossa fazenda. E ai nós era doze irmãos, tudo nascido naquele lugar, se criamos ali e quando eu tinha a idade de dezesseis anos, dezessete anos, já começava [...] a domar, trazer o bicho e domar, e aí já fui viajar, saía sempre que podia, viajando, [...] e voltava e já ia de novo. Cheguei vinte, vinte e cinco anos e já comecei a fazer uma tropinha pra mim, já fiz uma tropa de burro, daí juntei com outro patrão [...] foi indo, foi indo e eu acostumei. E não parei mais, fui parar agora por causa do problema que deu [de saúde]. Senão tava viajando ainda.

Eu viajava com comitiva, puxava boi na estrada, era minha profissão. Viajei quarenta anos. [...] Daí chegava aqui [na cidade], unia e chegava a tropa. Às vezes descansava pouco. Chegava a tropa e dali poucos dias já tinha outra viagem. [...] Daí já calculava os dias [necessários para levar a boiada] e descansava só uns dez dias. [...]

Ai que teve problema aqui no osso do fêmur, gastou, e eu tive que fazer cirurgia, dos dois lados da perna. Eu achei que ia poder viajar de novo, só que o médico falou que burro e cavalo não pode. É muito perigoso. Andar pode, devagar, mas não pode levar um trupicão. Então eu desisti de uma vez.

Eu era o chefe da turma, eu era o condutor. Chegava comprador de boi aqui, naquele tempo tinha boi tudo quanto é fazendeiro, aqueles tempos 1970, 1975, 65, chegava um boiadeiro aqui pra comprar boi, no outro dia já tava com mil e duzentos bois comprados. E ai vinha, me contratava pra levar pra São Paulo, levava muito pra lá, pra São Paulo, Paraná, tudo isso eu andei no lombo dum burro. Saía daqui e ia até lá, [...] aqui atravessava o porto caiuá e ia embora. Viajei bastante, barbaridade! E gostava. Adorava viajar. Até agora eu sonho. É difícil a semana que eu não sonho que to viajando. E aí eu to sonhando parece que é verdade aquilo lá, e eu acordo e é sonho...

O entrevistado morou na fazenda até 1962, quando, então, se mudou para a cidade. Para ele, aqueles tempos, dos quais sente muita saudade, eram muito diferentes de hoje:

Nós mudamos pra cá em sessenta e dois. [...] Olha, vou te falar pra você, eu tava comentando com a minha esposa, tudo parece que era mais fácil do que hoje, não tinha aquela dificuldade, todo mundo plantava, colhia, tudo na ferramenta, no muque. E lá das fazendas onde eu nasci, a gente vinha fazer compra aqui em Bonito, a cavalo, eu tinha catorze anos e meu irmão tinha quinze e nós vinha a cavalo. Saía de madrugada, andava dezoito quilômetros e vinha fazer compra aqui. E aí voltava, levava os mantimentos na garupa. Às vezes vinha de carreta, de carreta demorava, saía quatro horas da madrugada de lá e quando era nove horas tava chegando aqui.

Eu me lembro a finada minha mãe tinha que ir a Aquidauana, saía de lá [da fazenda] a cavalo, ou de caminhão, depois tinha uma jardineira também. Era três dias pra ir em Aquidauana e voltar, por que ia um dia, parava um dia lá e no outro dia que voltava. Ia por Jardim, não tinha essa estrada aqui. Estrada tudo de chão [...].

E hoje é de carro, aquela correria, aquele aperto. E aqui aumentou muito a população, e naqueles tempo parece que não dava nem doença, aqui a cidade tinha só uma farmácia, e não dava nem doença, e viviam tão bem. Agora hoje, tudo fácil, tem carro, ligeiro. [...] Aqui todos se conhecia, a cidade era pequena, então quando chegava um de fora: aquele não é daqui, já sabia que era diferente. E hoje tem gente que mora aqui, que mora há dez anos aqui e que a gente não conhece.

Naqueles tempo eu achava as coisas mais fácil. Naquele tempo não tinha telefone, não tinha nada, rádio, televisão, hoje tem tudo. Hoje pra você se comunicar com um, você tá aqui e tá falando lá no Rio de Janeiro, São Paulo, Estados Unidos [...] Naqueles tempo, a gente tinha que ir a cavalo, levar uma carta. Se tinha que falar com uma pessoa lá em Miranda, Aquidauana, tinha que sair de cavalo, pra Murtinho. Naquele tempo falava 'estafeto', o 'estafeto' que vai levar a carta⁵³.

Sobre o lazer, o entrevistado se recorda que havia muitas festas e comemorações:

Festa a gente gostava muito de fazer, lá mesmo onde a gente morava [na fazenda], a gente corria muita carreira de cavalo. E a turma fazia festa, baile, ia tudo a cavalo. Tal fazenda vai ter uma festa, ia tudo a cavalo. Fazia aquelas brincadeiras nos dias de festa, aquela alegria, não saia bagunça e nada.

E aqui [na cidade] também era assim, tinha festa, tinha clube aqui, fazia baile no clube, tinha campo de futebol. Ai depois que criou o clube do laço. O clube do laço parece que ta fazendo uns vinte, vinte e três anos. E era assim.

A festa de São Pedro era o principal acontecimento do município. Os moradores da cidade e das fazendas guardavam dinheiro durante todo o ano para, assim, poder participar da festa e fazer alguma doação. Os proprietários rurais ofereciam vacas, galinhas ou porcos. Todos aguardavam ansiosamente pela época da festividade, com suas barraquinhas, danças e fogueiras.

⁵³ Segundo o dicionário Michaelis, estafeta: *sm (ital staffetta)* 1 Correio a cavalo, que levava despachos, cartas ou encomendas de uma estação para a seguinte, onde as entregava a outro correio. 2 Mensageiro. 3 Entregador de telegramas. Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues>. Consultado em 03 de agosto de 2008.

Caiu muito a Festa de São Pedro. Antigamente, um mês antes, quando entrava o mês de junho a turma já saía, ia nas fazenda arrecadar as coisas, galinha, carneiro, porco, tudo ganhado. Saíam com música, quando eles chegavam numa casa e tocavam umas moda e aquelas coisa, com a bandeira de São Pedro. E a turma saía de casa [e falava]: ‘eu vou dar tal coisa, eu vou dar tal coisa’. E aí depois ia [...] buscar de carreta. E a festa era bonita, barbaridade! Caiu muito, eu tava lembrando esses dias. Ai nós fazia a procissão a cavalo, um monte de cavaleiro. Hoje vai, mas não vai muito igual era. Ia aqui pela [rua] principal e subia ate lá [...] fazia fogueira, hoje não tem mais fogueira. Fazia aquela fogueira, mas alta mesmo. Era muito bonito. (E8)

Ainda sobre a festa de São Pedro, (E5), professora de 63 anos se recorda do baile a rigor que acontecia no último dia da festa. Ela também menciona, com pesar, as mudanças que ocorreram ao longo dos anos na festa, que hoje dura apenas dois dias e já não movimentava mais os moradores como antes:

Era muito interessante as festas de São Pedro, muito lindas [...] começava no dia vinte, terminava no dia trinta. E terminava assim, com um baile a rigor. Lindo aquele baile, as damas todas trajadas. Toda a comunidade participava, quem tinha dinheiro ia na festa no dia trinta, quem não tinha não ia. Mas participavam nos outros dias, nas barraquinhas, tinha baile, tinha tudo ali pra participar. A festa era sempre na Igreja, a festa era toda ali. Nessa época vinha um padre de Campo Grande, às vezes vinham até dois padres. Às vezes vinha o bispo também. A festa era enorme, os fazendeiros davam novilho, eu lembro que o meu pai dava, carneiro, galinha. Todo mundo ajudava a festa pra angariar dinheiro pra igreja, assim como faz até hoje. E a festa foi morrendo, aos poucos, morrendo, morrendo, ai ficou essa que temos hoje ai na Igreja, dois dias. Antes não, eram dez dias de festa, o povo guardava dinheiro pra vir na festa junina. Hoje o povo guarda dinheiro pra vir no Clube do Laço, o povo da área rural. Hoje é o Clube do Laço que chama. Mas antigamente era só festa junina. Guardava o ano todo pra vir na festa junina. E vinha mesmo, vinha fazendeiro, vinha peão, vinha patrão, todo mundo se juntava e gostava da festa junina. (E5)

Tive a oportunidade de conseguir uma fotografia que traz os músicos que participavam da campanha de arrecadação na Festa de São Pedro (Figura 13). Em busca de informações sobre essa foto, conheci Maria Aparecida Sanches Xavier, filha de um dos músicos retratados, Mário Xavier Ribeiro (ou Mário Però, como é conhecido por todos), violinista, às vésperas de completar 80 anos.

Maria Aparecida, então, me contou que a “campanha”, como era chamada, percorria com a caminhonete as casas da cidade e da zona rural; levavam a bandeira de São Pedro e, em cada lar aonde chegavam cantavam uma música, pedindo doações e agradecendo aos fiéis. Ela, em muitas ocasiões, ainda criança, acompanhou seu pai nestas campanhas.

Aparecem ainda na fotografia, Theodorinho Ribeiro de Almeida, conhecido como Seu Grande, violonista e Ramão Gomes do Prado, o festeiro (organizador da festa de São Pedro), ambos já falecidos.

Seu Grande e Mário Però por muitos anos foram os músicos oficiais da campanha de arrecadação da Festa de São Pedro, e também de muitas outras festas e bailes que ocorriam em Bonito.

O momento eternizado por esta fotografia se deu em junho de 1971. A caminhonete está estacionada à frente da Av. Cel. Pilad Rebuá e, ao fundo, vê-se o terreno aonde hoje está localizada a Praça da Liberdade.



Figura 13: Músicos que visitavam as casas, arrecadando prendas para a festa de São Pedro. A partir da esquerda, Mário Però, Seu Grande e Ramão Prado, o festeiro.

Acervo: Foto Wadin.

Para (E5), as lembranças também são muitas:

Nasci em Bonito, em 1944. Minha família, vieram do rio Grande do Sul em 1928. Estão aqui há muito tempo, os pioneiros. Quando eles chegaram aqui em 1927 teve a criação do município de Bonito. Meu pai não sabia ler nem escrever, mas minha mãe era uma pessoa assim, bem culta, e ela ensinou ele a ler e escrever e ele assinou a ata de criação do município, eles estavam presentes.

No período de sua infância a mocidade, entre o final da década de 1940 e as décadas de 1950 e 1960, ela se recorda que a cidade era muito pequena, com suas ruas de terra e quatro “casas comerciais”.

Era [a cidade] como se fosse a área rural. Bonito não tinha nada diferente. Automóvel só tinha dois, fordinho que falava. O prefeito tinha um. Os dois prefeitos. Um era sucessor do outro sempre, Seu Homero e Candinho [Cândido Luiz Braga, primeiro prefeito eleito pelo povo, em 1948⁵⁴]. Houve até um episódio engraçado. Chegou o governador, o aeroporto era ali perto do Clube do Laço, à direita, um aeroporto pequenininho. E eles queriam se adiantar para pegar o governador e trombaram o carro, bateram! Só tinha dois e trombaram! Foi muito engraçado!

A cidade só tinha uma rua, só a Pilad Rebuá, tudo de terra, não tinha nada, e você via cavaleiros na rua, vindo a cavalo das fazendas. Tinha casas comerciais. Tinha a Casa Monteiro, que era a casa que vendia mais, vendia de tudo, e [...] na terceira quadra tinha a casa do Seu João Alves da Nóbrega, que hoje tem até uma escola com esse nome. Isso na Pilad Rebuá. Aí mais pra saída, quando já ia pro mato mesmo, tinha o Seu Aurélio Moretin, que tinha também um comércio. E eram esses três comércios. Aí depois o irmão do Bijo, o Cireno de Góes Falcão, colocou também um comércio aqui onde hoje é a Filinto Muller com a Luiz da Costa Leite, até hoje a casa é aquela. [...] Era esses quatro comércio que tinha.

A vida era assim, nós brincávamos de roda, quando eu era mocinha, brincava de passa anel. Escurecia, ficava cada um na sua casa, não tinha aonde ficar. Era tudo escuro, não tinha luz, não tinha nada. Então cada um pra dentro da casa com lampião de [...] querosene. Depois de mocinha eu lembro de baile que os pais levavam, que antigamente você não podia ir só. E quem era o sanfoneiro era o Vadu, que falavam, não lembro o nome dele, o apelido era Vadu, da família Farias. Eu lembro que lá na esquina ele tinha um casarão grande de madeira e ele fazia baile pra gente. Baile era nas residências. Então sempre o Vadu fazia baile, [era ele] o que mais gostava de fazer baile pra moçada dançar [...] la todo mundo. E aí no carnaval, tinha um clube, só tinha um clube. [...] Era o Clube Recreativo Bonitense. (E5)

Não tinha luz na cidade, nem nas casas, em parte nenhuma. A luz elétrica veio no prefeito José da Costa Alves⁵⁵, era bem aqui, onde hoje é a

⁵⁴Segundo Falcão (199?, p.20).

⁵⁵ José da Costa Alves administrou o município de Bonito durante o mandato de 30 de junho de 1961 a 30 de junho de 1965 (FALCÃO, 199?)

biblioteca. Chamava Locomovi o motor que ficava aqui. Ficava até dez horas da noite só. Depois podia se recolher que não tinha luz. E ele acendia às seis da tarde, não tinha geladeira, nada dessas coisas, não podia ter, por que não adiantava. Era tudo a querosene.

Veio a luz com Roosevelt Sá Medeiros, que é o padre⁵⁶. Ele que trouxe a água e a luz pra Bonito. Foi quando eu comecei na prefeitura, em 1977, ele ficou até 1983. Ele trouxe, ele foi pra Brasília, trouxe verba; o padre trabalhou muito por Bonito. (E5)

(E6), proprietário de atrativo turístico, de 58 anos e que mora na zona rural de Bonito desde 1967, também se recorda da infra-estrutura precária da cidade e das dificuldades daí decorrentes:

Eu nasci em Guia Lopes, só que desde quando eu me entendi por gente, meu pai tinha fazenda em Bonito. E eu gostei mais de Bonito, e outra, que a fazenda era aqui, então ficava mais perto pra atender, pra cuidar. E eu sempre morei na fazenda, então tinha que morar mesmo em Bonito. Vim pra cá com 17 anos. Meu pai já tinha fazenda aqui, aí depois eu me casei aqui, e continuei morando aqui. [...] Bonito não tinha nada, era uma casa de comércio só. Não tinha nada. Inclusive passar por aqui, por essa rua [Av. Cel. Pilad Rebuá], era tão difícil essa rua pra subir que ali perto da escola⁵⁷ tinha desvio, por que atolava a caminhonete, era bem difícil. Pra você sair daqui, só de carro próprio, por que não tinha ônibus, não tinha nada. Tinha um caminhão de Aquidauana que fazia linha pra Bonito.

As Figuras 14 e 15 ilustram esses depoimentos iniciais:

⁵⁶ O padre Roosevelt de Sá Medeiros administrou o município de Bonito durante o mandato de 01 de fevereiro de 1977 a 01 de fevereiro de 1981 (FALCÃO, 1997?), mostrando uma discrepância entre essa data e a que foi mencionada pela entrevistada, 1983.

⁵⁷ Escola Estadual Luiz da Costa Falcão, na Avenida Coronel Pilad Rebuá, 1720, no bairro Vila Donária.



Figura 14: Avenida Cel. Pilad Rebuá. Próximo ao carro de boi, terreno cercado onde hoje é a Praça da Liberdade e, ao fundo a igreja da Sagrada Família.⁵⁸

Acervo: Foto Wadin e Antonio Carlos Silveira Soares.

⁵⁸ Não conseguimos obter informações referentes a esta fotografia, tais como o nome do fotógrafo e a data em que foi feita. Pode-se notar, entretanto, que não há postes e fios de eletricidade e, provavelmente, a imagem é anterior à década de 1960.

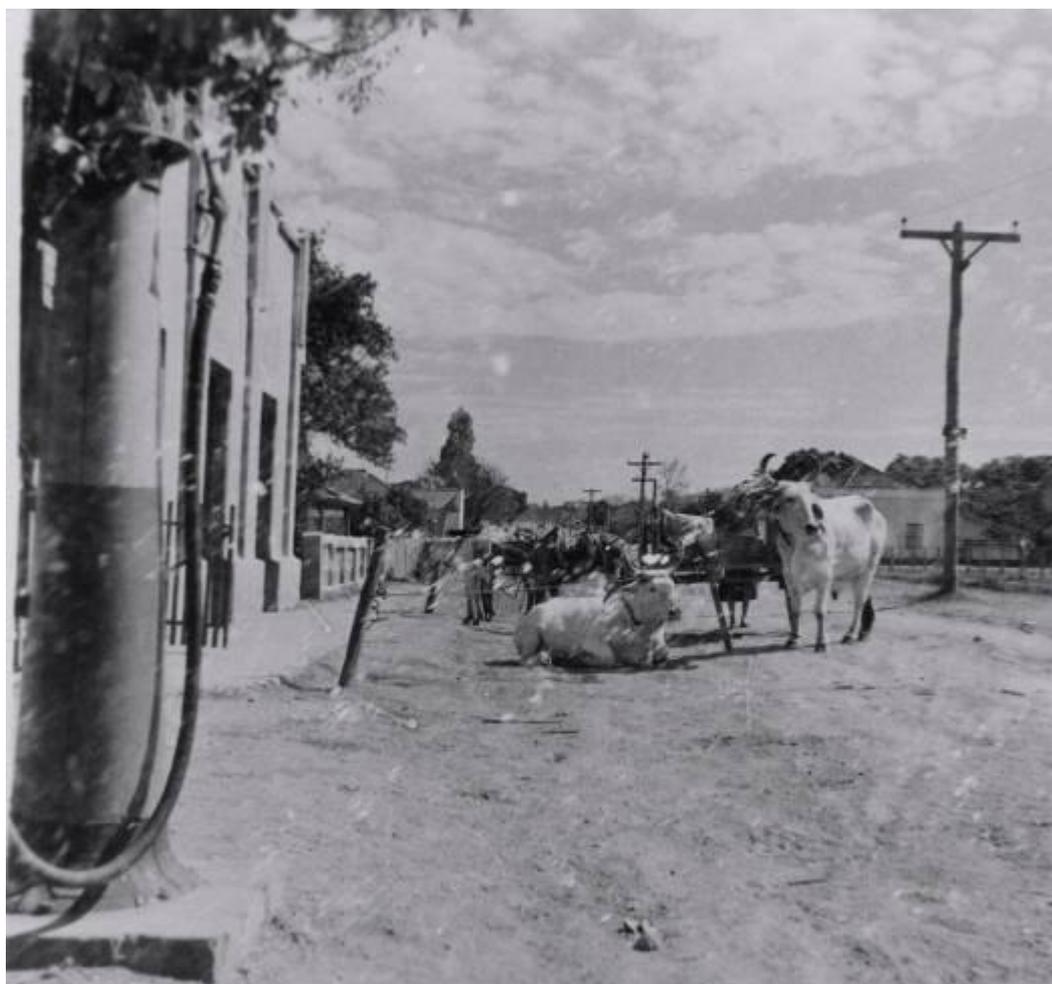


Figura 15: Avenida Pilad Rebuá, à direita vê-se parte do terreno onde hoje é a Praça da Liberdade.⁵⁹

Acervo: Foto Wadin e Antonio Carlos Silveira Soares.

⁵⁹ Não conseguimos obter informações referentes a esta fotografia, tais como o nome do fotógrafo e a data em que foi feita. Um dos entrevistados morou nesse local e afirma que a imagem é anterior a 1963. Nota-se que já estão presentes poste e fios da rede elétrica.

Em relação à vida religiosa, (E5) nos conta que por muito tempo não houve a presença constante de um padre em Bonito. Havia apenas a igreja, sendo que a própria comunidade se organizava em torno da realização dos grupos de orações, do terço, além de preparar as crianças que iriam receber a primeira comunhão. Os padres visitavam Bonito apenas durante a festa de São Pedro e no final do ano, quando batizavam todas as crianças:

A gente ia na igreja e fazia o terço. Eu lembro que tinha coroação, eu coroei a santa muitas vezes, depois fui filha de Maria. A gente fazia aquelas reuniões das famílias. Inclusive, Igreja era só aquela mesmo [Sagrada Família, em frente à Praça da Liberdade], depois que veio o centro espírita, aí essas outras religiões [evangélicas] depois que entraram, que tem muitas agora. Era o catolicismo que predominava.

Daqui a Jardim era só buraco, então era muito difícil pra virem [os padres], Jardim não tinha também, pra vir padre tinha que ser de Campo Grande, então era muito difícil eles mandarem. Por isso, não ficava padre aqui, a comunidade que se organizava. A gente preparava o pessoal pra primeira comunhão, aí eles faziam no final do ano a primeira comunhão, os batismos, quando eles vinham. Isso sempre foi assim. (E5)

Nesse sentido, devemos mencionar ainda, a história do Senhorzinho, figura muito popular em Bonito.

O Senhorzinho, homem considerado santo pela maioria dos moradores do município, ali chegou em 1944, permanecendo por três anos. Possuía longos cabelos, usava um manto (mantendo sempre um dos braços escondido sob ele) e andava com o auxílio de um cajado. Conta-se que muitas pessoas foram curadas através de ervas e água benta com cinzas, o que passou a despertar a atenção de homens influentes, especialmente o farmacêutico do município. Senhorzinho foi, então, perseguido e preso.

Theodorico de Góes Falcão, o “Seu Bijo”, poeta bonitense recentemente falecido, aos 88 anos, conviveu com o Senhorzinho. Foi por ele curado e tornou-se um devoto. Em seu livro, Bonito: terra prometida, ele conta suas lembranças sobre esse personagem tão importante da cultura de Bonito:

A passagem santa do Mestre Divino aqui em Bonito, MS, conhecido por “Senhorzinho”, mensageiro divino que aqui aparecendo, aqui nessa cidade de Bonito, pregando o evangelho de Cristo e fazendo curas e milagres, que a própria farmácia não vendia mais as suas drogas. Todos que se sentiam doentes iam ter com ele, e o remédio dele era cinza com água, e água fluida, benta, e todos que tinham fé, dali já saiam curados. Na capela dele tinha três santas cruzes, donde ele punha os carneiros a rezar e, passando pelas três cruzes, ali parava e fazia o sinal da cruz [...] ali ele permanecia sentado, recostado, onde o povo passava na frente dele para receber a benção [...]

O Mestre Divino apareceu aqui em agosto de 1944 [...] ia em todas as casas que aceitava a salvação, catequizando o povo, e fazendo curas. Só alimentava de frutas, como laranjas e bananas, mel silvestre que trazia pendurado a cintura, só molhava o dedo no mel e passava nos lábios. Comia peixe, mas só se fosse feito por suas mãos, só cozido com sal e mandioca e dava peixe e mandioca para o rebanho dele comer.

A imagem de Nossa Senhora Aparecida, que é a padroeira da capelinha [antiga casa do Senhorzinho], foi ofertada pelo comerciante Sr. Moacir Neto, que a mesma é a padroeira da capelinha do “Rio Mimoso” nas terras do finado Hilário Sanches [quem recebeu o Senhorzinho assim que chegou a Bonito, segundo (E5)].

Então chega a hora do “Senhorzinho” sofrer [...] pela cidade de Bonito, três dias antes da Guarda Territorial ir prendê-lo avisou todos os rebanhos dele, que dali a três dias ia a escolta da guarda para prendê-lo a mando dos intendentos e autoridades de Bonito [...]

(E5) guarda muitas lembranças em relação àquilo que sua mãe, devota do Senhorzinho, lhe contava:

Foi quando eu nasci que ele veio, em quarenta e quatro. Ouvi muito falar do Senhorzinho, sei muito sobre ele. Como ele entrou aqui e como ele saiu, eu sei, minha mãe contava a história. Foi muito forte, por que nós não tínhamos outra religião. Ele chegou aqui, ele entrou no município e passou aqui dentro da cidade, que já era cidade, virou município em 1948, agora vai fazer 60 anos. Então ele passou. Ele foi numa chácara aqui na beira do Mimoso, naquela época era uma fazendinha, depois que dividiu em chácaras. Aí ele foi, chegou nessa fazenda, do Seu Hilário Sanches, lá, eles, muito religiosos que eram. E ele chegou, só fazia senha⁶⁰, não entrava dentro de casa, e na senha falava que só tomava mel e comia fruta, não precisava convidar ele pra comer que ele não comia. E pediu para eles fazerem, que ele era de Deus, pediu pra eles fazerem uma capela. Mostrou uma árvore que era pra fazer uma cruz, aliás duas cruzes, pra por uma dentro da capela e a outra fora. Aí fizeram a capelinha de tábua. Lá na fazenda eles tinham serraria, serrava tábua e fizeram. Aí ele chegou e aí ele ficou. Aí o dono da fazenda, deu pra ele dois carneiros que ele pediu, aí ele começou a fazer cura na família, fazer cura pra eles e milagre daqui e dali. Já foi se expandindo aquela crença dele. As pessoas vinham de longe, da beira do rio Miranda, meus avós mesmo tinham fazenda lá perto de Miranda, pra ele fazer cura. E curava mesmo, de verdade. Bem, e aí aqueles carneiros dele, quando ia nascendo, aqueles eram dele, não podia tirar dele. Quando ele saiu, que ele mudou pra um outro lugar, ele levou os carneiros dele. Aí sempre ele passava e onde ele ia os carneiros iam tudo atrás. Ficou como um pastor, com um cajado que ele tinha. Aí, o que aconteceu, aqui em Bonito tinha uma farmácia, só uma. E tinha um farmacêutico, nem médico ele não era. Ele começou a não vender remédio mais. Todo mundo ia a procura do Senhorzinho. Ele ficou muito chateado e se juntaram os políticos pra tirar o Senhorzinho dali. ‘Não, vamos tirar, não ta certo, não ta certo, isso é mentira é enganação’ e foram perseguindo. Aí ele se entregou pra eles, foi lá e prendeu. Amarraram ele num cavalo, trouxeram amarrado, aí passou aqui por dentro da cidade, as pessoas viram ele passar aqui. Todo mundo viu, minha mãe, meu pai. Passaram e levaram. Bem, quando fez três dias, ele voltou a pé. Teve

⁶⁰ Conta-se que o Senhorzinho não falava, comunicava-se através de gestos apenas.

muita gente que viu ele a pé. Mas eles [aqueles que o prenderam] falaram que tinham mandado ele embora. Uns falam que eles tinham matado. Só sei que ele voltou, voltou e falou na presença de muitos, eu vi minha mãe contar que, por senha, ele falou que Bonito só ia pra frente no dia que entrasse um homem de saia, que era o padre⁶¹. (E5)

Da mesma forma, (E8), criança nessa época, se recorda do que sua mãe, que visitou o Senhorzinho, falava:

A minha finada mãe foi ver ele. Minha mãe foi na capela onde ele tava, muita gente aqui foi lá e conheceu ele. Minha mãe viu ele. [...] Muitos era a favor, outros era contra. Judiaram dele, e aí, ele desapareceu. Ele tinha uns carneiros que ele ganhava, mataram os carneiros dele, degolaram os carneiros. Daí viram os carneiros aparecer de novo com aquela sangria [marca de sangue no pescoço]. E todo mundo viu. [...] Mataram ele.

Sobre esse modo, muitas vezes violento, com o qual as questões eram resolvidas, (E9), guia de turismo de 50 anos, em Bonito desde 1977, se recorda que no período em que chegou ao município, muitas pessoas ainda andavam armadas na cidade e os desentendimentos muitas vezes eram assim resolvidos.

Até 1970 a lei aqui era na base do quarenta e quatro. Até quando eu cheguei aqui em setenta e sete, setenta e oito, todo mundo andava armado, com revólver na cintura. Só fomos mudando depois que virou comarca, em oitenta e dois. Veio a comarca pra Bonito. A comarca de Bonito primeiro foi Miranda e depois Aquidauana. As pessoas que respondiam processo ou iam registrar documento iam em Miranda ou Aquidauana e depois que passou a registrar aqui em Bonito. [...] Até uns sete anos atrás tinha gente, ainda tem, que tinha o hábito de, chega final de ano, pega o revólver e dá tiro pra cima.

Em relação às lembranças curiosas, dois entrevistados relatam práticas que envolviam o uso dos recursos hídricos. (E8) conta que costumava domar cavalos bravos (“muito cosquentos”) colocando-os dentro do rio Formoso e ali os segurando, até que se acalmassem. (E9) se recorda que, era comum, em certos córregos urbanos, que os moradores utilizassem a água para lavar seus automóveis (conduta que aparentemente não se mantém).

A partir dos relatos dos mais moços, nota-se que a paisagem urbana mudou muito lentamente ao longo dos anos. Ainda na década de 1980, embora já houvesse rede elétrica, as poucas ruas ainda eram de terra, o acesso entre cidade e fazendas ainda era muito ruim, havia poucos estabelecimentos comerciais e a vida continuava profundamente marcada pelo ritmo da pecuária:

⁶¹ Muitos bonitenses crêem que “o homem de saia” citado pelo Senhorzinho como a redenção de Bonito, seria o já citado padre Roosevelt de Sá Medeiros. A entrevistada conta que, quando o padre se candidatou à prefeitura, seus pais ficaram muito eufóricos, pois vislumbraram a profecia do Senhorzinho se concretizando.

A cidade na década de oitenta não tinha rua asfaltada, tinha um mercado, não era um mercado, era um armazém, que vendia as coisas a granel. Tinha outro lugar também que hoje ainda existe, que você pode conhecer lá o Seu Antônio da Máquina, que também vende até hoje as coisas a granel. As estradas eram muito ruins, então o acesso da fazenda pra cidade era muito complicado, era como se fosse uma viagem mesmo. E aqui na cidade, farmácia tinha uma, se não me engano, muito precária. Enfim, tudo era muito precário na década de oitenta. (E2)

Segundo (E9), no início da década de oitenta havia muitas serrarias em Bonito, atividade que, segundo ele, contribuiu para uma mudança profunda na paisagem: o desaparecimento das matas (devido ao corte das espécies de “madeira dura”, ou de lei):

Em Bonito a vida era pacata, uns mexiam com pecuária, outros com lavoura, e na cidade muita gente trabalhava na área de madeira. Tinha quatro serrarias aqui dentro de Bonito, tinha a Trivelato, que era uma serraria grande; tinha a do meu tio, que tirava madeira pra construir ponte; tinha a serraria do Ricardo, que era uma serraria também grande; e tinha a do Noé. [...] Tinha também umas serrarias pequenas, de “pica-pau”, que chamava aquela serra horizontal. Esse negócio [das serrarias] diminuiu por que acabou a madeira da região. Diminuiu bastante, na época que eu cheguei tinha muita mata, mas quatro serrarias grandes [...] e algumas com “pica-pau”, tirando dormente pra levar pra Aquidauana, tirava madeira dura pra construir ponte no Pantanal. A minha família fez quinze quilômetros de ponte no Pantanal, com madeira daqui. [...] Dava pra perceber que tava acabando [as árvores de grande porte], eu falei, isso aqui vai acabar, aí comecei a defender.

Em relação à postura dos proprietários rurais, ainda nesse período, (E2) destaca que o grande volume dos rios justificava práticas degradantes (mas que não eram vistas como tal, até aquele momento):

[...] há trinta anos atrás, vinte anos atrás você não tinha fossa séptica, você não tinha nada disso nas fazendas, o lixo era jogado no rio, então ninguém se preocupava muito por que o rio também tinha muito volume, então também não ia fazer a menor diferença se tivesse um esgoto de uma casa caindo no rio, ninguém tava muito preocupado com isso, se o chiqueiro dos porcos tava a jusante ou a montante do rio não fazia diferença pras pessoas. Os rios eram caudalosos e tudo o mais.

(E9) se recorda que a cidade teve suas noites iluminadas pelo gerador até 1981 e, também, que havia um cinema, o Cine Dalila:

Até 1981 era um gerador, que funcionava das seis horas até as onze horas da noite. Daí apitava um apito e o pessoal tinha quinze minutos pra arrumar o lampião a querosene. Tinha um cinema aqui em Bonito, ainda nessa época do gerador, que era o cine Dalila. Quem comandava o cinema era o Arcanjo, e o povo ia muito, por que no cinema passava muito filme nacional, filme de luta, essas coisas, alguns filmes que era clássicos. E geralmente o cinema era de quinta a domingo. De sábado e domingo às vezes tinha duas sessões, tinha matine também.

(E4), um rapaz que passou sua infância numa fazenda do Pantanal, tem uma percepção interessante da cidade de Bonito. Para ele, ainda criança, a pequena Bonito de 1985 era “um monstro”, com uma quantidade de pessoas muito grande:

Na época [em que se mudou definitivamente para Bonito] a cidade era absurdamente rural, não como é hoje. Mas mesmo assim, a diferença de ambiente e do número de pessoas que você tem em volta, vizinhos e essas coisas todas, foi um impacto muito grande. [...] A cidade era um monstro pra gente.

(E4) se recorda que, em sua infância, antes de se mudar definitivamente para Bonito, sua família visitava a cidade para fazer compras e resolver questões de saúde. Nessa época não havia o hábito de procurar pelos rios como fonte de lazer:

Nessa minha fase de infância não [usufruí dos rios de Bonito como forma de lazer]. Natureza, paisagens e rios, era muito normal, fazia parte do nosso dia-a-dia. No pantanal agente tem rios pra todo lado e bichos muito mais que aqui, então a nossa infância foi no meio disso tudo. Então pra gente ir a Bonito não tinha essa necessidade de sair procurando a natureza, ou curioso com esse tipo de coisas. Eu não me lembro de nenhuma vez ter ido no rio Formoso nessa fase [mesmo se hospedando em propriedade perto a esse rio].

Entretanto, a partir da adolescência, passou a conhecer os rios e morros da região através do intermédio de amigos. Um dos lugares preferidos, hoje está sendo loteado por um empreendimento denominado Solar do Lagos:

Durante o final de semana nós íamos pra algum lugar, alguma quadra jogar futebol e principalmente vôlei que era mais o foco da nossa galera na época, a gente gostava e jogava muito mesmo. [...] Ai nós descobrimos os rios e tínhamos essa liberdade de ir nesses rios sem o monitoramento de pai e mãe [os amigos do colégio e vizinhos que já conheciam, levam aos rios]. Tinha o Aquário Natural, e agente ia acampar lá quando tinha dezesseis, dezessete anos. A gente só falava pro dono que a gente ia, às vezes nem falava. E a gente ia de bicicleta pra todos os lugares de Bonito, rios, trilhas. Na adolescência ainda nossa diversão era ir por esses morros aqui em volta da cidade pra caçar. A gente vivia no mato, sabe? Coisas que a gente fazia na fazenda, moleque, a gente continuou fazendo aqui, com idade diferente, com outras pessoas que gostavam das mesmas coisas.

O pessoal freqüentava o Balneário e a Ilha do Padre na época [adolescência, início da década de 1990], mas eu nunca freqüentei, não me lembro de ir antes de se tornar público, mesmo por que não era uma coisa que me interessava. Tinha um lugar que a gente sempre ia pra nadar e tudo, que alguns amigos iam e a gente acabava indo junto de bicicleta e era mais perto da cidade também. Era onde é um condomínio agora, estão vendendo os terrenos pra se tornar um condomínio que é o Solar dos Lagos, que na época a gente chamava de calcário, por que ficava muito

exposto o calcário. E tinha um córrego que passava por lá que era um córrego bem bonito, que iam crianças, iam algumas famílias, a gente sempre ia de bicicleta pra brincar na água das cachoeiras e as meninas iam tomar sol, por que era bem gostoso pra tomar sol. Hoje fechou por que estão fazendo um condomínio, estão vendendo os terrenos [...] e é um lugar muito bonito, inclusive, só o córrego que diminuiu o volume de água, não é tão bonito quanto antes, isso se perdeu.

Ele se recorda, ainda, de sua primeira visita à Gruta do Lago Azul, com a escola:

Eu estudava no Falcão ainda [antigo ginásio] e a escola organizou uma visita a Gruta do Lago Azul. Só que nós fomos como se fosse uma ferra. Fomos num ônibus com a professora e um guia. Não podia nadar, mas podia tocar na água, tomei um gole da água, passei a água no rosto, mas nadar o guia já não deixou naquela oportunidade. A molecada tava louca pra nadar, daí o guia deixou entrar, molhar a canela, mas não podia mergulhar. Fui lá, achei o lugar legal, mas não dei a menor importância pra aquilo. Voltamos, achamos divertido, mas nada com muita elucubração do lugar.

(E4) usufruía dos rios da região como fonte de lazer durante sua adolescência, a partir da influência de amigos e vizinhos; tinha inicialmente o hábito de freqüentar o Aquário Natural e depois um córrego urbano, hoje pertencente a um loteamento.

Outros rios e córregos foram citados como áreas utilizadas pelos moradores como os córregos Manuela e Saladeiro, na região da Vila Marambaia; o córrego Bonito, no centro, além do próprio rio Formoso:

Na época, os rios que eles [os moradores] tomavam banho aqui na cidade, que eles lavavam os carros, era aquele “corquinho” pra quem vai aqui pra Vila Marambaia, [...] o Manuela e o córrego Saladeiro [que fica] perto da saída pra Aquidauana. (E9)

Todo mundo ia ao Balneário, que não era o Balneário [ainda]: pulava uma cerca, e entrava na fazenda da Dona Esa. Mas os outros lugares eram propriedade privada e continuam sendo propriedade privada.

[o morador] ia tomar banho de rio, no Formoso, no Balneário, o pessoal ia muito lá. E esses riosinhos, o Manuela, o rio Bonito mesmo, tudo eram águas limpas, não tinham esgoto. Hoje tem tratamento já, mas eles ficaram muito poluídos, jogavam todo o esgoto ali. Antigamente tinha tudo em volta, a gente ia daqui ali e já tomava banho, tomava banho no rio. Agora tem que andar bastante pra encontrar água limpa.

Para outra entrevistada (E3), que já morava na região e mudou-se para Bonito em meados da década de 1990, os problemas relacionados à infra-estrutura da cidade ainda eram notórios nesse período:

Quando você vem como moradora, você já começa a colocar algumas questões: ‘Poxa, falta um pouco de infra-estrutura’ E aí, você até entra num

dilema, por que a cidade é boa por que não tem essa estrutura, ou ela será boa quando tiver infra-estrutura? Ai você fica sempre se questionando. No meu caso que vim morar, comecei a perceber que essas deficiências, elas existem.

Era bem menos asfaltado, só tinha a Pilad e as duas laterais, tanto à esquerda, quanto à direita, de asfalto. O receptivo da rodoviária, por exemplo, que quando eu vim como turista era do lado do Banco do Brasil ainda, era assim, um hotelzinho, que tinha um alambrado, e ali que chegavam os ônibus. E aquilo, naquela época já me chamou a atenção.

Ela menciona, também, problemas referentes à educação municipal:

E logo eu comecei a trabalhar em educação aqui, no primeiro ano eu já me encaixei na educação municipal, fui trabalhar numa escola com educação infantil. Também sentia a grande dificuldade, as carências nesse sentido, de uma política pra educação. E isso me chamou bastante a atenção. Problemas de infra-estrutura, escolas muito carentes, especialmente aonde eu estava, trabalhando na Vila Machado. Trabalhei lá 3 anos, então a gente percebia a grande carência de acesso das crianças, estrutura da escola, oferta de merenda, a questão da saúde bucal também que era ofertado na época, professores também com uma formação que não seria o ideal, naquela época, a maioria não tinha formação, especialista nessa área de educação infantil. O espaço físico mesmo era inadequado pras crianças da educação infantil, isso era uma questão muito séria que eu percebi na época.

Quando questionados quanto às mudanças que porventura tenham ocorrido em Bonito, os entrevistados apresentam opiniões distintas. Para alguns as mudanças são consideradas poucas.

(E5), em sua fala, apresenta contradições. Inicialmente ela afirma que as mudanças foram muito poucas ao longo dos anos, entretanto nota que os aspectos naturais da paisagem, como rios e cachoeiras, apresentam mudanças decorrentes da intensificação da visitação. Por fim, afirma que não sente saudade do passado, já que a vida, durante sua infância e juventude, era muito difícil.

Olha, o município mudou muito pouco, minha filha. Deveria ter mudado muito mais. Que hoje com a verba que nós temos, só dos impostos aqui, eu mesma que ganho tão pouco, pago tanto imposto. Eu moro aqui já fazem trinta e dois anos e só agora que vai passar asfalto na frente da minha casa. Então isso dói bastante. Aqui do lado ainda um mato, que isso não deveria ter, o dono desse terreno deveria ser punido, e isso no centro da cidade. Então Bonito mudou muito pouco. Nós temos com sessenta anos de município, de emancipação política, e (...) deveria já ter mudado muita coisa. Eles fazem muito pouco, quem pega faz muito pouco por Bonito, muito pouco mesmo.

Antigamente era tudo muito preservado, por que ninguém entrava lá [rios, mata]. Antigamente nós íamos aí no balneário, tinha uma cachoeira, duns cinco metros, hoje não tem nem uma pedra lá no lugar. Antigamente era intocável.

Olha, eu vou te falar, eu sou muito da tecnologia, eu acho que hoje tá tudo mais fácil do que antigamente. Antigamente era muito sofrido, moça. Eu me lembro que agente vinha de carreta, e era bem pertinho a fazenda, mas gente sofria muito. Não gosto muito de lembrar do passado, uma que era muito sofrido, por não ter comunicação pra você sair por dentro. Pra você ir daqui a Jardim, Jardim naquela época nem existia, por que Jardim é bem mais novo que aqui. Mas pra ir em Aquidauana, era uma coisa bárbara. Eu me lembro que agente tinha que levantar de madrugada, nem dormir, pra chegar de noite em Aquidauana. Um dia inteiro de viagem de carro. Muito sofrido. Então, não dá pra dizer que tem saudade, por que a tecnologia vem vindo e as coisas vão melhorando. A vida é melhor hoje, a gente tem que acompanhar, não pode parar no tempo.

Para (E3), que vive em Bonito há 14 anos, a paisagem (que ela considera como sendo a parte da cidade que utiliza cotidianamente: sua casa, o trajeto para o trabalho, etc.)

A paisagem, ela não mudou muito, e eu acho isso bom. A gente fica naquela expectativa de que tudo tem que melhorar, tudo tem que melhorar, mas no fundo a gente espera que as coisas permaneçam como estão. Bonito, no meu ponto de vista pessoal, ainda é uma cidade boa de se viver, por que ela é uma cidade pacata, não tem aquela loucura da cidade grande e isso implica em uma infra-estrutura [...] tem coisas que são fundamentais que precisam melhorar. Saneamento, por exemplo, independente da cidade crescer muito ou não, eu imagino que o saneamento precisa ser pensado em Bonito, por que ainda temos muitas carências nesse aspecto. Mas a paisagem, o espaço que eu ocupo mais, não mudou muita coisa. Por que eu sou uma pessoa mais ligada à área urbana, quando eu estou na área rural, que eu estou nos passeios, é por que eu consegui um tempinho, que é muito raro. A área urbana, essa área entre a minha casa, o trabalho, eu acho que não mudou muito não. Nós temos uma paisagem bem parecida com a de doze anos atrás.

Entretanto, ela nota que ocorrem mudanças com as pessoas, em seu modo de ser e viver. Tais mudanças, ela considera que sejam mais sutis nos moradores da cidade e mais visíveis para aqueles que vivem nas fazendas:

Sobre as pessoas eu acho que a mudança é sutil, não é drástica. Eu só acho que Bonito ficou uma cidade bastante individualista em função dessas atividades turísticas, do novo ritmo que as pessoas têm que incorporar, que é essa coisa da profissionalização do turismo. E não tem mais jeito, o caminho de volta eu acredito que seja impossível. As pessoas percebem que a exigência é maior dia-a-dia, desse perfil desse profissional, então acaba acirrando mais essa disputa, e aí então eu percebo que as pessoas ficam mais individualistas.

Não é tanto o pessoal da cidade, mas o pessoal da área rural, por que aí os contrastes são maiores. Aquele caseiro, por exemplo, que agora tem que prestar serviço pro turismo, ele se transforma: de caseiro ele vai ser o atendente, pra ele é muito complicado [...] eu acho que nesse choque de culturas a gente acabou perdendo muita coisa, se descaracterizou muita coisa, na cidade eu não vejo tanto. E isso você vê na movimentação do dia-a-dia, a pessoa chega da fazenda, já chega de *walkman* e provavelmente ele tá ouvindo o que? Não é mais aquela música ligada à raiz [...] esse querer estar na cidade, esse desejo de estar aqui e usufruir desse bem, essa vontade de sair da área rural [...] por que pra ele a cidade

é um lugar bom, e a área rural é um lugar ruim. Lá você não tem recursos, aqui você tem todos os recursos, na cabeça das pessoas, e têm esse desejo de estar aqui.

Para (E6), desde que em Bonito chegou ao ano de 1967, o município mudou muito, sendo o turismo o principal responsável por isso:

A cidade mudou muito, Bonito mudou muito, o que mais fez mudar Bonito eu falo que é o turismo. Antes de vir o turismo, Bonito era uma cidade bem, assim, simplezinha, no modo de dizer que nem Guia Lopes, que nem Nioaque. Hoje Bonito mudou bastante.

E o que foi de bom pra Bonito, por que o turismo fez com que os proprietários começaram a preservar suas propriedades, por que o turismo veio mostrar pra nós como preservar, como cuidar. Se não tivesse o turismo, muita gente poderia ter estragado, não saber como preservar, e aí, talvez até pudesse ter virado uma cidade que nem Guia Lopes. Hoje Bonito é assim devido à preservação, o cuidado.

Falta muita coisa, mas Bonito mudou muito. Hoje [...] você vai numa cidade, vai em outra e você vê diferença na maneira das pessoas, pra conversar. É muito diferente, sem dúvida.

Para (E2), o município mudou bastante. Ela aponta as melhorias no saneamento básico da área rural e a diminuição no volume dos rios e córregos (acompanhada da percepção, por parte dos produtores rurais, de que suas antigas práticas são responsáveis por isso):

Acho que não em atenção à questão turística [a melhoria do saneamento na área rural], acho que é uma coisa natural, do desenvolvimento mesmo, do ser humano, tem muitas doenças que são ligadas à falta de esgotamento, à contaminação da água, e a informação começa a chegar e as pessoas começam a perceber. E nesse caso eu não acho que o turismo tenha influenciado. Talvez ali no baixo Mimoso, mas essa percepção que eu tenho de mudança de hábitos são nos outros córregos, nas outras regiões aqui do município. Ficou diferente mesmo, né? Outra coisa interessante é que a gente percebe que muitos rios secaram, muitos córregos ficaram filetes, muitos rios viraram córregos, ficaram muito pequenininhos, os moradores também perceberam isso, não fui só eu que percebi, e eles comentam sobre isso. Claro que eles nunca vão comentar isso numa mesa em que tenha algum ambientalista que vai dizer “olha aí, tá vendo o que você fez”, eles percebem que fizeram alguma coisa errada, que alguma coisa não deu certo. O produtor rural tinha uma prática de desmatar completamente a área pra jogar sementes de gramínea, hoje o sindicato rural já dá palestras sobre pastejo sombreado. E eu já vi um discurso de um proprietário: “Até boi gosta de sombra! Tem que deixar as árvores.”, eles começam a ver diferente mesmo. Eu acho que a gente não pode ficar pressionando, eles estão vendo, eles estão percebendo. É muito engraçado, eu acho que o produtor rural e as pessoas ligadas ao turismo têm muito mais consciência ecológica do que as pessoas do comércio.

(E3) finaliza sua fala de forma otimista. Para ela Bonito vem melhorando e o ritmo das mudanças não é suficientemente rápido para comprometer o que há de bom no município:

Eu acho que a cidade tá melhorando a cada dia, eu sou muito otimista. Eu acho que a cidade tá cada vez melhor. Eu só não fico satisfeita pelo aspecto do engajamento. Esse “melhor” é sob o meu olhar, o que eu espero da cidade. Mas o que as outras pessoas esperam da cidade? No meu olhar, tá melhorando, exatamente por que esse ritmo de crescimento não está sendo tão rápido. A gente consegue ver as melhorias, mas não há uma ruptura total, no meu caso eu acho que isso é muito bom.

Sobre a história do Senhorzinho, deve-se mencionar que, ainda hoje, o culto à sua memória se manifesta fortemente, principalmente entre os mais idosos.

Anualmente, no dia doze de outubro, a comunidade fiel faz uma procissão saindo da Igreja e caminhando até a capela onde ele viveu. Lá estão as grandes cruzes de madeira, cuja confecção é atribuída a ele (Figura 16) e a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Em outubro de 2007, a procissão saiu da igreja da Sagrada Família, no centro de Bonito, durante a madrugada. Ainda no período da manhã foi rezada uma missa em frente à antiga casa do Senhorzinho, com a presença de pelo menos trezentas pessoas (Figura 17).

Depois de assistir à missa, os fiéis, aos poucos, entravam na capelinha para orar a Nossa Senhora Aparecida, acender velas e, depois, tocar nas cruzes do Senhorzinho (Figura 18), num exemplo emocionante de sincretismo religioso.

A pequena casa ficava cheia de fiéis, o chão repleto de velas acesas. Algumas pessoas, muito devotas do Senhorzinho, vieram de outros municípios da região e mesmo do estado de São Paulo.

Ainda no período da manhã, na cidade, foi rezada uma missa campal, uma bênção aos cavaleiros (Figuras 19 e 20).

Considero que essa história, rica em detalhes e afeto, merece ser compilada e organizada, visto que muitas informações encontram-se ainda dispersas e muitos dos que conviveram com o Senhorzinho, estão vivos e lúcidos, plenos para compartilhar suas memórias.



Figura 16: As cruces de madeira que ficam dentro da capela do Senhorzinho (12/10/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.



Figura 17: Vista geral do público presente à missa, ao fundo a capelinha, casa onde viveu o Senhorzinho, hoje reformada (12/10/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.



Figura 18: Fiéis entram na capelinha, após o término da missa. Ao fundo, a imagem de Nossa Senhora Aparecida (12/10/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.



Figura 19: Vista da missa campal e benção aos cavaleiros (12/10/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.



Figura 20: Um dos cavaleiros mais conhecidos de Bonito, Marcondes de Assis, tradicionalmente trajado, assiste à missa campal (12/10/2007).

Foto: Cerdoura, 2007.

2.2. DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DO TURISMO EM BONITO: A VISÃO DOS MORADORES

No decorrer das entrevistas, quando chamados a descrever o lugar em que vivem, a resgatar as memórias e o modo de vida presentes em sua infância e juventude e a repensar as mudanças que ocorreram ao longo desse tempo, parte dos moradores traz espontaneamente em sua fala a questão do turismo. Essa atividade se mostra, portanto, como algo que inevitavelmente alterou a paisagem e suas vidas, e merece, portanto, um item a parte para sua discussão.

Os entrevistados relataram o início do turismo no município, a partir do contexto do movimento ambientalista da década de 1980 e das primeiras e esporádicas visitas. A comunidade se dividiu e, aqueles que viam no turismo uma resposta aos problemas econômicos do município iniciaram a implementação das primeiras infra-estruturas e a criação das primeiras empresas. A atividade cresceu e se consolidou como principal geradora de empregos e mudou definitivamente a vida da maior parte dos moradores.

Uma de nossas entrevistadas (E2), se recorda do caráter sectário que se observava na sociedade à época, claramente dividida entre membros da elite agropecuária e o restante da população; menciona, ainda, o crescimento do comércio a partir do final da década de 1980:

A gente começou a ter mais concorrência no mercado local a partir de oitenta e oito, oitenta e nove, mais ou menos. Até então era uma cidade tipicamente do agro negócio. Então, só pessoas ligadas à pecuária e algumas ligadas à agricultura, muito bem definido essas duas economias no município e quem era participante de cada uma, era muito sectário.

Na década de 1980, nessa sociedade fundamentada num modo de vida rural, iniciou-se a formação do movimento ambientalista do município. Os entrevistados destacam que esse movimento é anterior ao turismo: [...] Bonito antes de ser uma cidade turística, era já uma cidade ambiental. O turismo adensou essa questão ambiental. (E2)

Muitos bonitenses, durante o início e meados da década de 1980, preocupavam-se com a conservação dos recursos naturais (em atenção a um momento em que o mundo mostrava-se preocupado com as questões de cunho ambiental) e iniciaram embates com as forças produtivas locais (pecuária e agricultura). O próprio Conselho Municipal de Meio Ambiente (CONDEMA) foi criado em 1986, muito antes que a atividade turística se tornasse expressiva e ocasionasse mudanças na paisagem rural e urbana. (E9), guia de turismo, em Bonito desde 1977, se recorda do momento e da intenção para a criação do conselho municipal de meio ambiente, da qual participou ativamente:

Nessa época em que a gente tava mexendo com turismo, na época de oitenta, a gente falou com o doutor Miguel, então procurador do estado, pra criar o primeiro conselho municipal de meio ambiente do município, [...] pra regular os passeios, as atividades extrativistas da região. Eu estava lá participando, fazendo parte, ajudando a elaborar, dando o parecer de algumas coisas, pra acontecer o que a gente tinha interesse pra Bonito.

(E2), que efetuou uma pesquisa sobre o CONDEMA, possui informações relevantes:

O conselho foi criado em oitenta e seis. Quando ele foi criado ele já fazia semana do meio ambiente, já tinha ações com plantio de árvores em matas ciliares, córregos urbanos, isso em oitenta e seis.

Eram [os fomentadores do movimento ambientalista] bonitenses que tinham estudado e voltado, como o Airton Garcês, como o Tó do restaurante Tapera [...].

Eu tenho um histórico do Conselho de Meio Ambiente, em que eu fiz algumas entrevistas, inclusive com os fundadores do conselho, e eles comentam ações que eles tiveram em oitenta e sete que é inacreditável, que hoje não acontecem mais. E eles faziam, não por que a mídia viesse fazer uma reportagem, não por que fosse dar um ibope, por que era bacana, eles achavam que era importante e faziam, e as coisas davam certo. Eles visitavam escolas, davam palestras, isso é muito interessante. (E2)

A entrevistada se recorda do momento em que a questão ambientalista ganhou grande repercussão na cidade, gerando uma cisão entre produtores rurais e os líderes do movimento. Sua lembrança corrobora a ocorrência da mesa redonda em 1992, anteriormente citada, que teve como objetivo a proteção do rio Formoso, e salienta o mal estar gerado entre ambientalistas e produtores rurais:

No Início da década de 90 tinha muito lavoureiro na região, e eles começaram a gradear as terras nas margens ciliares do Formoso, do Mimoso, iniciando o processo de gradeação. Teve uma chuva muito forte, e os rios ficaram marrons, inclusive o Formoso, foi a primeira vez nessa terra, que alguém viu o formoso ficar sujo. [...] Ninguém nunca imaginou que ele pudesse ficar sujo. Os fazendeiros não acharam muita novidade por que era normal no processo produtivo que eles empregavam, até então [...]. Só que teve um movimento ambientalista na cidade, provocado pelo Airton Garcês, e mais alguns expoentes ambientalistas da década de 80. Fizeram palestras, falaram que tava errado, que não era assim que se produzia, e que se fizesse aquilo de novo o rio ia acabar. E nesse muro aqui, pertinho do escritório, do lado do posto Aroeira, escreveram: 'os agricultores estão matando Bonito!', aí pixaram isso aqui, pixaram em outros muros mais pra baixo. Virou uma guerra entre todo mundo da cidade. No final das contas, gerou promotoria, gerou um monte de coisas, e aí os agricultores tiveram que recuar, em função daquele movimento. (E2)

Foi muito forte na época [...] e criou uma birra muito grande do proprietário rural com o movimento ambientalista. As pixações foram como se fossem um tapa em todos eles. Todos se sentiram extremamente ofendidos, por

que 'nós produzimos o alimento, nós somos aqueles que trabalham, e fazer ecologia na terra dos outros é fácil, queria ver se você também tivesse uma terra, como é que você produziria' e toda essa discussão. (E2)

O rio Sucuri, no início da década de 1990, também foi alvo dessa discussão entre proprietário rural e ambientalistas. Nesse momento, a nascente do rio Sucuri, que se encontra em uma grande propriedade rural, estava bastante comprometida por causa da lavoura, muito próxima. Um de nossos entrevistados (E7), conta que denunciou essa prática e, até hoje, a única nascente (dentre os atrativos turísticos de Bonito) em que não se pode nadar é a do rio Sucuri.

Ainda sobre a questão ambiental, (E2) pondera:

E, assim, eu entendo que a preocupação ambiental veio antes, por conta de algumas pessoas que moraram na cidade e que moram até hoje, que tinham já uma preocupação. Fomentou essa discussão, a cidade era muito pequena, então todo mundo absorveu aquilo, mesmo não querendo, mesmo não concordando, meio ambiente entrou na pauta de discussão e nunca mais saiu. Depois, quando: 'Ah! Vamos usar turisticamente', foi o segundo choque, eu acho, pro produtor rural. Por que até então quando a discussão era uma coisa mais acadêmica, nas reuniões, eles se eximiam de dar palpite, e não falavam muito. E continuavam com as mesmas práticas. Quando se começa a ter sítios turísticos, em que a beleza cênica do rio da Prata depende do cuidado do proprietário anterior da margem do rio, isso começa a influenciar todo mundo em volta. Isso foi de novo um choque muito grande.

[...] essa questão ambiental começa a incomodar o fazendeiro quando ele percebe que ele tem que produzir de "x" maneira pra que o vizinho da frente possa vender o produto dele. Isso era muito complicado e ainda é muito complicado. Eles não gostam muito desse tipo de coisa.

Essa mentalidade conservacionista manteve-se fortalecida e permeou a implantação da atividade turística no município: "A consciência de fazer o turismo pensando na conservação da natureza já estava estabelecida quando começaram a chegar empresários de fora". (E7)

Alguns entrevistados acreditam que, hoje, o turismo impulsiona a preocupação ambiental e que o esforço dos órgãos fiscalizadores é fortalecido pela ocorrência da atividade no município. Para estes entrevistados, a pressão que se faz sobre o produtor rural de Bonito, para o cumprimento da legislação ambiental, é muito maior do que em outros municípios do estado. Para (E2), se Bonito tivesse permanecido como um município fundamentado na pecuária, a questão ambiental não teria "nenhum impacto. Não faria a menor diferença pro morador, a menor". Para outro entrevistado, representante do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o apelo ecológico que permeia a atividade turística desenvolvida em Bonito, influencia o maior rigor no cumprimento da lei ambiental:

Pois é, essa é outra questão interessante, por que eu acho que as pressões que são feitas hoje pra que se respeitem as leis ambientais, eu acho que elas decorrem muito do status que Bonito tem hoje, como principal destino eco-turístico do país, e você tem esse apelo pela utilização racional do recurso. (E1)

O atual secretário municipal de meio ambiente, entretanto, discorda, e não considera que haja uma relação direta entre o cumprimento da legislação ambiental e o turismo:

O turismo é apenas mais uma atividade econômica dentre as outras que são desenvolvidas neste Município. O rigor da legislação ambiental se dá por dispormos de escritório local do IBAMA, Ministério Público atuante e muitos empreendedores que ainda agem a revelia. É confortável usar o turismo ou outras atividades de baixo impacto como bode expiatório para o rigor da aplicação da Lei.

Ainda no início dos anos de 1980, surge uma pequena demanda de visitantes para Bonito. Segundo (E7), em 1983 (quando o restaurante Tapera foi inaugurado), grupos de escolas de Campo Grande e São Paulo começaram a visitar Bonito. Em 1986, uma professora da Universidade de São Paulo passou a trazer com frequência suas turmas para conhecer o Pantanal e a Bodoquena. A partir daí começaram a se formar as primeiras agências, a fim de organizar a demanda.

Nessa época eram visitadas a Gruta do Lago Azul, a Ilha do Padre e o Balneário. A área, onde hoje está localizado o balneário municipal, é utilizada pela população há muito tempo: “Há 50 anos o povo usa o balneário e a ponte do Hormínio” (E7).

Entre o final da década de 1980 e o início dos anos de 1990, como vimos, o município passa por uma severa crise em suas atividades econômicas mais tradicionais, tornando o momento propício para a adoção de um novo caminho. Em meio à discussão ambientalista e ao destaque dado na mídia nacional para a região, Bonito poderia decidir se assumiria o turismo como alternativa econômica.

[...] nós estávamos assim, no olho do furacão. As pessoas tinham uma expectativa muito grande, mas ao mesmo tempo tinham um medo muito grande. Tinha um grupo que se colocava totalmente contra esse movimento do turismo, essa coisa da cidade crescer, se modificar. Então a gente percebia que tinha muita gente que precisava e se apegava a uma esperança. A gente percebia que era um grupo que defendia, que falava: ‘Olha nós não temos outro caminho, nós temos que começar a trabalhar no turismo, o turismo vai ser a saída pra Bonito, por que a economia tá estagnada, tá parada, Bonito vai só melhorar com o turismo’, como poucos já sentiam isso. Para algumas pessoas que trabalhavam com agências, já se via essa melhora [...]. Os poucos empresários que estavam trabalhando com sítios turísticos também já estavam sentindo. (E3)

A comunidade, ao que parece, se via dividida quanto à questão do turismo: de um lado, entusiastas da atividade, que a consideravam como salvadora para a economia estagnada do município, iniciavam os primeiros empreendimentos. De outro, os mais idosos, ou aqueles profundamente ligados às atividades tradicionais, se colocavam contrários à idéia. Alguns proprietários rurais assumiram a postura de observar e aguardar os desdobramentos das iniciativas dos primeiros empreendedores. O restante da população ansiava por oportunidades em novos postos de trabalho. Assim descrevem os entrevistados:

[...] o que me fixou na memória, é que eram poucos, muito poucos [os primeiros empreendedores turísticos], mas eles tavam assim, muito animados, um pessoal, muito otimista.

Do outro lado estavam aquelas pessoas muito preocupadas: o que é que vai acontecer com Bonito? E as outras que não queriam de jeito nenhum, principalmente os mais antigos. Principalmente o povo mais humilde tinha muita expectativa em relação a isso, de um modo geral, todo mundo esperava que fosse uma forma de trazer uma outra perspectiva de trabalho, geração de renda [...]. Por exemplo, lá onde eu trabalhava, na escola, a gente ouvia falar que poderiam ter mais frentes de trabalho, e as pessoas tavam ansiosas pra que isso acontecesse. Uma expectativa bem grande. O fazendeiro, o proprietário de terra, ele já não tinha tanto interesse. Ele tava naquela coisa da retaguarda: “Vamos ver o que vai acontecer, se isso vai ser bom mesmo. Vamos esperar a coisa rolar, pra ver se vai ser bom”. Eu acredito que pela própria posição econômica deles, por ter essa opção de escolher investir nessa área ou não. E a população precisando de uma saída. (E3)

(E7) considera que o início da implantação da atividade turística em Bonito, contou com influências relevantes, como a do geólogo Paulo Boggiani, além do contato com os primeiros turistas, que traziam relatos de outros lugares que haviam visitado (trazendo noções de como os turistas deveriam ser recebidos, quais eram os procedimentos usuais, a estrutura necessária, etc.):

Foi Paulo Boggiani quem trouxe para Bonito o respeito pela organização do turismo e o respeito à natureza. Aprendemos muito com ele. Aprendemos, também, muito sobre estrutura turística com a experiência dos turistas.

(E6), proprietário de um atrativo turístico, também destaca a importância desse contato com os primeiros visitantes, no seu caso, o incentivo para adotar a atividade turística veio por parte do primeiro casal a visitar sua propriedade, em 1991:

Quando eu comecei, não tinha ainda [o turismo]. Eu tinha outra fazenda, daí comprei essa fazenda por causa do rio que tinha. Aí quando eu comprei, eu descobri que tinha cachoeira e tudo, daí eu fiz uma trilha, pra andar [...] e chamei meus parentes, meus irmãos, tudo pra passear na fazenda. Ai a gente visitou e a gente fez várias fotos [...] Ai eu estava com aquelas fotos na pasta, e cheguei no restaurante Tapera, e tinha um casal sentado, que veio ver a Gruta, e comentou como Tó [dono] do Tapera: ‘eu

vim de tão longe, e só tem a Gruta e o Balneário, não tem mais nada'? Aí o Tó que tinha acabado de ver as fotos falou: 'olha eu tenho um amigo que acabou de comprar uma fazenda que tem muitas cachoeiras', aí ela pediu as fotos pra ver, viu as fotos e pediu pra ir lá. Daí eu ensinei a estrada e eles foram lá. Ai eu mostrei pra eles, fizemos a trilha, uma trilha rústica aberta com facão. [...]

Depois que ela fez a trilha, ela me chamou lá na beira do rio e falou, 'o senhor não quer mexer com turismo'? E eu respondi: 'Que bicho é esse?' Nunca tinha ouvido falar.

A visitante, então, lhe explicou que em outros lugares que costumava visitar, os próprios donos da propriedade dividiam, a esposa cozinhando e o marido guiando os turistas. Como considerou a fazenda muito bonita, afirmou que as pessoas pagariam para visitá-la e o proprietário teria "uma renda a mais". O entrevistado passou, então, a investir no turismo:

Daí eu terminei de construir a casa e comecei. Não tinha luz, então eu comprei uma geladeira a gás, arrumei um casal, a mulher ajudava a minha esposa e o marido fazia horta pra eu ter verdura, fizemos uma horta do lado da casa e, quando a horta começou a produzir, eu avisei aqui [no restaurante Tapera]. Ai eu matei um boi, deixei no freezer aqui e ia levando aos poucos. Aí fiz uns bancos com a moto serra pros turistas sentar, debaixo de um pé de manga e começou os turistas a ir.

Como a minha mulher era formada, era professora, eu deixei pra ela conversar com os turistas. E eu, embelezando a sede, plantando manga, plantando flor, fazendo cerca. Aí quando chegava o casal, ela mandava me chamar. Aí eu comprei as bermudas, ia descalço, sem camisa, eu não sabia como era o guia! Só que eu nadava muito bem, mergulhava, [...] daí eu colocava a máscara e ia, saía ali com eles.

Assim, lentamente, o turismo passou a fazer parte da vida e do cotidiano dos moradores de Bonito. Como vimos, a atividade turística ganhou impulso no início da década de 1990, a partir do primeiro curso de formação de guias, da expedição franco-brasileira e do início da implantação da infra-estrutura necessária.

Sobre o curso, (E7) lembra que este se baseou na necessidade, que a comunidade percebia, de qualificar o bonitense para cuidar do seu patrimônio, ao invés de utilizar guias sem ligação com o lugar, além da preocupação com a conservação do ambiente. A partir desse curso, só poderiam ser guias moradores de Bonito. Segundo (E2):

E quem solicitou [um curso para guias] foi o conselho municipal de meio ambiente, por que já começava a existir uma pequena demanda de pessoas que vinham pra cá pra visitar a cidade e os rios. Como ninguém podia acompanhar, mas todo mundo já sabia que o turista não podia ir sozinho, eles não achavam que fosse correto o turista ir sozinho. O dono da fazenda não queria, as pessoas da cidade também não, eles achavam que devia ter um acompanhante, mas quem que ia largar os seus afazeres? Aí fizeram o primeiro curso, em noventa e dois.

A expedição espeleológica de 1992, também foi lembrada. Para (E4), foi a partir desse evento que se deu, para ele, a valorização da beleza cênica de Bonito, como algo que diferenciava o seu município dos demais:

A minha lembrança da atividade turística, não da atividade turística, mas de encarar Bonito como um lugar diferenciado e importante, digamos assim, embora eu não soubesse na época que importância era essa, foi quando houve aqui um grupo de mergulhadores, de um projeto, eu não vou me lembrar direito o nome, mas eu sei que eram mergulhadores franceses, italianos e brasileiros, que fizeram uma pesquisa na Gruta do Lago Azul, pesquisa espeleológica, mergulharam, encontraram a preguiça gigante, o tigre dente de sabre, a ossada que tinha. Eles fizeram essa pesquisa, a gente via essa movimentação toda [...] dos mergulhadores, carros diferentes, chamou a minha atenção, eu não sei se o turismo acontecia antes ou não. [...]

Então a escola nos liberou numa oportunidade dessas, para ir a uma apresentação do trabalho [dos pesquisadores], no salão paroquial de Bonito, na paróquia de São Pedro. O professor nos acompanhou, fomos para ver essa apresentação e qual era o trabalho, aí eles mostraram os vídeos, o computador [...] mostrou tudo o que eles descobriram, o rapaz explicou o projeto, tinha bastante gente, eu lembro, no salão paroquial, e falaram que ia ser divulgado. Eu não me lembro se foi Globo Repórter ou Fantástico, eu sei que [...] houve essa reportagem, até foi uma das reportagens responsáveis pelo *boom* do turismo de Bonito, de noventa e três pra cá. Mas naquele momento, foi o primeiro momento que eu me lembro de ter visto Bonito como um lugar diferente.

Mas essa reportagem eu lembro que marcou mesmo, também o entendimento já era diferente, já estava no segundo ano do segundo grau. Eu pensei assim: nosso lugar é diferente, tanto é que tinha pessoas que não eram daqui e estavam à frente, que nos foram apresentadas como pessoas estudadas, que estavam falando que o que a gente tinha era um negócio diferente, aquilo ali tinha um valor muito grande. Então naquela oportunidade tinha uma rede de televisão filmando, um programa de televisão importante falando isso, então naquele momento eu falei: legal, não sabia que Bonito tinha essas coisas.

Conforme discutimos anteriormente, a infra-estrutura urbana e turística se apresentava precária ainda na década de 1990, segundo (E6):

[...] tava construindo o Hotel Tapera, em 1991, então não tinha hotel pra receber turista. Então tavam construindo o Hotel Tapera por que tavam vendo algumas pessoas que vinham pra visitar a Gruta, o Balneário e o Aquário. O turista ia lá pra ver o peixe, mas não tinha estrutura nenhuma.

Nesse contexto, destaca-se também a pavimentação da rodovia MS-382.

Sobre esse assunto, (E2) não menciona a questão ambiental envolvida e anteriormente discutida, mas aponta a falta de verbas como motivo para a paralisação das

obras. Ela se recorda dos transtornos ao viajar e, também, ao transportar gado, atividade na qual seus pais estavam envolvidos:

Foram questões políticas mesmo, de dinheiro da obra que faltou, mudança de governo, governo estadual foi alterado, a gente ficou aí com um trecho faltando, se não me engano, quinze quilômetros, que ficou faltando, e atolava, um martírio pra passar aqueles quinze quilômetros. E eu me lembro que nessa época já havia uma certa circulação de turistas no município e esse trecho era um grande problema na comercialização, por que você chegava até ali e tinha um trecho muito difícil. Eu fui fazer faculdade em noventa e quatro, voltei em noventa e oito, foi mais ou menos o período. Atolei bastante, ouvia bastante reclamação dos meus pais. Meus pais sempre tiveram problema com a estrada por que embarcam bois, e nessa época os caminhões atolavam e tinha que ir pra lá com trator, pra tirar os caminhões, pra poder tirar a carga e o gado emagrecia.

Segundo (E6), ainda no início da década de 1990 foi aberta a primeira agência de turismo, fato importante para organizar a visitação: “não tem como trabalhar sem uma agência. No caso, quem organiza os passeios é a agência, tinha que ter uma agência. Como é que eu vou estar lá na fazenda, e o turista vai chegar lá”? Ele também salienta a importância dessa organização para bem receber os visitantes: “O que você não pode é que o turista aborreça, passe raiva, e fale: ‘olha fui lá no rio dele e não tinha ninguém’”. Para o entrevistado: “Daí uma coisa vai puxando a outra, e foi crescendo. Aí começou a vir os donos de hotel”.

Para (E2), a infra-estrutura turística de Bonito só fica realmente pronta no final da década de 1990, quando considera que a atividade tenha se tornado profissional:

[...] era muito incipiente só depois, em noventa e seis, começa a ficar diferente. Enfim, só fica profissional mesmo depois de noventa e nove, quando os passeios passam a usar roupa de neoprene, *snorkel*, máscara, botinha, a ter um padrão, uma padronização, um procedimento [...] até então o turista descia, um grupo de oito, um de dez ou um de quinze, não tinha muito cuidado. Só depois que isso começa a tomar um corpo”.

Como estrutura, investimento, você tem equipamentos hoteleiros, equipamentos da área gastronômica, e ela [a estrutura] só fica mesmo pronta no final da década de noventa. Até então é muito caseiro ainda, muito artesanal [a recepção dos visitantes].

Os entrevistados também relatam a importância da participação da população local, neste momento de mudanças e decisões. As instituições que se organizavam em torno de assuntos como turismo e meio ambiente, propunham o debate à população. Entretanto, empreender uma proposta de debate participativo não é tarefa simples, visto que os interesses das pessoas são os mais diversos:

[...] eu lembro que a secretaria de turismo e o Comtur, que depois surgiu, estavam sempre preocupados em trazer a população pra opinar, sempre tinha uma reunião ou outra aqui na câmara [...]. Eu sei que as reuniões eram freqüentes, chamavam pras pessoas irem lá dialogar, só que não havia esse hábito. Então, às vezes era um monólogo, as pessoas ficavam frustradas, chegavam lá e você via dois, três. Isso era muito complicado [...] (E3)

Tem pessoas que quiseram participar desse turismo, tem as que não quiseram, ou não estavam dispostas. É muito pessoal isso. (E2)

Nossa família sempre foi mais ligada na pecuária, lá do Pantanal mais precisamente. Então a nossa linha de relacionamento, amigos meus, amigos do meu irmão, amigos do meu pai, sempre foram pessoas ligadas a essas áreas. Amigos do meu pai eu só conheço os que trabalham em fazenda ou têm fazenda, as amigas da minha mãe são as mulheres deles e meus amigos são os filhos dessas pessoas [...]. Então nós nunca nos ligamos e nunca participamos desse principio de desenvolvimento da atividade turística de Bonito. Ficamos à margem disso, nosso foco era outro, nosso negócio era fazenda e boi. (E4)

(E3) acredita que a dificuldade em estabelecer um diálogo com toda a população, no momento em que a atividade turística se fortaleceu, se faz notar ainda hoje, e tem conseqüências negativas:

Era muito difícil esse diálogo, ouvir a população foi difícil, ainda hoje é muito difícil. Não existe um projeto ainda para o turismo em Bonito. Existem ações isoladas e isso vem lá de trás desde a época que eu vim morar pra cá [...] ainda não se pensa muito nesse impacto que o turismo teve e tem para a comunidade. Não se vê isso [discutir esse impacto] com bons olhos. Essa é uma discussão que não se leva muito adiante, não se dá muita importância. Por isso que eu digo que não se tem projeto pro turismo em Bonito, por que se não se leva isso em consideração não se tem um projeto. Você tem ações isoladas. (E3)

É certo que a atividade turística trouxe consigo mudanças, que afetaram o município e seus habitantes. Tais mudanças podem ser consideradas benéficas ou não:

Ele [o bonitense] mudou. Só que é muito complexa essa discussão. Por que a pessoa precisa querer mudar, se ela desejar mudar ela vai mudar. Se ela achar que vai ser benéfico pra ela, ela vai mudar. Se não, não. Acho que hoje [o bonitense] é uma pessoa que tem muito mais acesso a informação, a cultura, eu acho que o bonitense, de uma maneira geral é menos pré-conceituoso, é mais aberto com culturas novas, com diferenças de gênero, diferenças em relação à sexualidade também. Ele interiorizou umas coisas que em outras cidades a gente não percebe. O bonitense também ficou mais despojado, pelo contato com o turista. E isso eu percebo até nas pessoas que moram nas vilas, eles têm um quê diferente dos outros municípios, esse despojamento, essa diminuição de pré-conceitos. Eles são mais focados na diversão (...) de uma maneira geral eles se preocupam menos com a vida alheia. Bonito era muito provinciano,

ainda tem características provincianas, mas, principalmente essa de se preocupar, se atentar com a vida alheia, diminuiu. É uma percepção minha. E é engraçado por que até as pessoas das fazendas absorveram isso. Você vai no Clube do Laço vê o pessoal dançando carapé, e aí os turistas vão lá e dançam junto e conversam. Então coisas, por exemplo, com tatuagens, brincos e *piercings* em lugares esquisitos eles não acham que seja esquisito. (E2)

[...] só existe faculdade em Bonito em função do turismo. E as pessoas também precisam de um pouco de consciência disso. Se agente fosse uma cidade que se mantivesse com pecuária e a agricultura, quando agente teve o declínio da pecuária e da agricultura há uns quinze anos atrás, dez anos atrás, essa cidade teria voltado no tempo, ou, no mínimo estagnada. O fato de ter vindo o turismo pra cá deu um ânimo novo, deu um fôlego diferente pra cidade, que ta trazendo ela até hoje. [...] a cidade teve acesso a coisas que nunca teria, entre elas, o ensino superior. (E2)

Muda também o perfil do trabalhador rural, que agora começa a ter opções de, de repente, não ser mais um simples caseiro de uma fazenda de pecuária, mas trabalhar numa fazenda de turismo. Começam a surgir novas oportunidades de trabalho nessa linha. (E2)

Pra mim era uma coisa muito comum [a natureza] e eu acho que pra muito bonitense a questão natureza e rio e água, passou muito tempo despercebida, por conta disso de você ser criado nesse meio. É o nosso dia-a-dia, passa a ser trivial. [...] Eu acho que para uma boa parcela da população bonitense sim [deixou de ser trivial]. Eu acho que por conta de razões econômicas até, por que o bonitense viu que pra alguém isso tem uma importância muito grande e aqueles que são mais sensíveis, vamos dizer assim, passaram a perceber por essa visão do visitante. Saber que o visitante não tem isso nas grandes cidades e é por isso que ele vê com outros olhos. (E4)

E à medida que a gente também foi percebendo essa diferença. A gente sai daqui, vai até o rio Miranda, e percebe que tem muitas diferenças mesmo, as águas e a natureza de Bonito desses outros lugares. Eu acho que boa parte da população já é consciente de que Bonito é um diferencial, mas eu acho que isso é em razão do aumento da atividade turística, não por que o bonitense acordou e falou: nossa nós somos diferentes! Mas por que o movimento turístico foi provando isso aos poucos. (E4)

Muda muito, você fica uma pessoa diferente, é difícil de explicar. Você vive de uma maneira, todo dia, na fazenda, aquela coisa toda. De repente você tem praticamente um presente de Deus, você ter um lugar que nem aquele. E as pessoas que chega, cada dia elogiando o seu trabalho, é inexplicável. (E6)

[...] o turismo tava mudando o jeito de as pessoas serem, essa foi a percepção que eu tive. Eu trabalhava entre crianças e jovens e eu percebi isso mais entre os jovens. O jovem ficou em cima do muro e logo em seguida ele se posiciona também, por que as influências externas são grandes, não tem como negar, o turista vai influenciar na postura, no modo deles agirem. O jovem absorve muito rápido, ao contrário do morador antigo, essas pessoas que tiveram mais resistência, criticando isso de uma

forma clara. Ai eu comecei a pensar: até onde nós vamos absorver tudo isso? Vamos parar pra pensar? Não é ir pra rua reclamar, mas era a gente parar pra pensar: o que tem acontecido? Como é que essas mudanças estão se dando no comportamento e até na cultura local? Se você se distanciar, a médio prazo, você vai ver que houve uma mudança cultural mesmo. (E3)

Nesse momento nos reportamos ao trabalho de Mariani (2000) que, através de sua pesquisa, observou que o cotidiano do bonitense vem mudando, desde que a atividade turística se instalou no município. Novos hábitos, novas expectativas; sentimento de exclusão por parte de alguns, satisfação para outros, que se aprazem do crescimento da cidade, da renda gerada e da percepção de que tantas pessoas de fora valorizam estas paisagens.

Para (E4), que passava as férias escolares em uma fazenda no Pantanal, as mudanças na cidade eram nítidas:

Mudanças, a gente sempre notava, até por que a gente passava essas fases na fazenda, longe, a gente ficava um mês, dois na fazenda de férias, a gente voltava e sempre tinha uma coisa diferente na cidade, que não era consequência da nossa atividade mais comum, que era a pecuária e naquela época a agricultura era forte aqui em Bonito, eu me lembro disso também. Lojas com uma cara diferente. Na verdade a gente não participava muito disso, parecia que era um outro grupo de pessoas, não fazia muito parte do nosso mundo. [...] Mas aí, quando começou a crescer com uma velocidade maior, depois dessas aparições nesses programas de TV, aí ficou mais notório essas mudanças, novos hotéis, novos empreendimentos, loja, novos atrativos, e tendo acesso a isso em folderes, etc.

Para (E2), aparentemente o turismo não continua na linha ascendente que se via, segundo o *trade*, até o ano de 2003:

Hoje o turismo já não dá todo aquele fôlego que deu há cinco anos atrás, até por várias questões de comercialização da cidade, não tem o produto bem vendido, não tem uma estrutura muito bem adequada de toque mercadológico.

Entretanto, a entrevistada pondera que, talvez não seja o número de turistas que tenha diminuído, mas sim o número de empresas do setor tenha crescido:

É tudo uma questão de oferta e demanda. Se a gente for prestar atenção, Bonito, os melhores anos que ele teve, e que as pessoas dizem que são os anos de ouro, era quando você tinha poucos hotéis, poucas agências, então você tinha o número de clientes que se distribuía entre aqueles produtos e serviços oferecidos. Todo mundo estava satisfeito. Nos anos seguintes isso começa a mudar, por que vêm muitos empresários de fora investir aqui. Isso faz com que aumente a oferta de produtos, a demanda se mantém estabilizada e o bolo começa a ser dividido diferente. Então,

esse novo contexto do mercado exige que as empresas sejam mais competitivas, tenham foco no cliente, saibam gerenciar clientes melhor, tenham estratégias de venda mais definidas, estratégias financeiras mais definidas, maturidade, a empresa tem que ter maturidade, quem não tiver maduro [...] E aí, é claro, é nesse momento que começa esse declínio, você tem uma ascensão, você parte do zero pra algum lugar, sempre vai subir. Subiu, foi até 2000, subiu, 2003 tava no topo, depois começa a cair, daí a minha pergunta sempre é a mesma pra quem fala isso: ta diminuindo a clientela ou ta aumentando o número de produtos?

De fato, muitos empresários oriundos de outros estados se instalaram em Bonito, a partir de meados da década de 1990, principalmente. Hoje, pode-se considerar que cerca de 60% do empresariado de Bonito seja composto por pessoas de fora. Segundo o secretário de turismo, indústria e comércio:

Nós não temos um levantamento cadastral com relação a essa informação. Entretanto nós podemos afirmar com toda certeza, que mais de 60% dos empresários de Bonito não são bonitenses natos, são oriundos de outros estados, e também de outros países. Principalmente os empresários do *trade* turístico de Bonito.

O empresário de fora começou a vir aqui, num primeiro momento na área de pecuária, adquiriu fazendas, mas esse não mora aqui. Num segundo momento, uma população em transição que é a de agricultores. Quando mudou a matriz econômica do município e veio para o turismo, não [eles se fixaram]. Os empresários de fora, em função de ter um patrimônio maior, e um poder de investimento maior, eles viram em Bonito uma oportunidade de investir em turismo que é um produto único a nível de Brasil e de mundo, e fizeram seus investimentos aqui.

Para o secretário, diferentemente dos demais empresários, aqueles ligados ao turismo, em sua maioria, se fixaram em Bonito: “Essas pessoas que são de fora, e fizeram investimento em Bonito, a grande maioria fincou raízes aqui, hoje residem aqui, onde eu me incluo”.

Segundo (E4), os empresários de fora:

Isso foi acontecendo até por que o bonitense não tinha essa visão de exploração da nossa capacidade turística, então quem vem de fora tem essa visão, conhece mais, é mais viajado, tem mais oportunidade de investir. Então eu acho que foi um processo que aconteceu dessa forma, por o bonitense ter essa origem rural, então dá pra contar nos dedos os empresários que são mesmo de Bonito, e que têm esses empreendimentos funcionando hoje. O bonitense não tinha noção nenhuma disso, salvo algumas exceções, o bonitense pouco viajava, eu falo da geração do meu pai, por exemplo, que não tinha conhecimentos suficientes pra criar uma empresa.

A partir destas entrevistas, pudemos notar que a opinião dos entrevistados em relação à atividade turística é predominantemente positiva. Para (E4):

Hoje eu vejo o turismo de Bonito com muito respeito, eu respeito muito o turismo de Bonito, que é uma das melhores coisas que aconteceram com a cidade, por que eu não consigo imaginar o que seria hoje de Bonito se não fosse a atividade turística. Eu falo assim, eu tenho certeza que Bonito não teria o saneamento básico que tem hoje, eu tenho certeza que Bonito não ia ter o movimento comercial que tem hoje, o maior exemplo é a minha família, por que o meu irmão até hoje é guia de turismo, e recentemente ele fez faculdade de turismo também e se formou no ano passado.

Eu acho que o bonitense se beneficia muito do turismo. Muitos incentivos e investimentos públicos, por que tem turismo e os olhares do Brasil e os olhares do mundo, num determinado momento se voltaram pra Bonito. Investimento do nível de empresas como Petrobrás, se Bonito não tivesse turismo não ia acontecer com certeza. Então a atividade turística é muito importante, eu acho que é a atividade mais importante de Bonito, embora a pecuária seja fortíssima, sem dúvida nenhuma. Mas isso é uma questão cultural e é uma questão do estado, é uma vocação do estado como um todo.

Claro que a gente sabe que tem muitos problemas. Mas se comparado com outros destinos, quando a gente estuda, lê e conversa com pessoas de outros lugares, a gente vê que a gente conseguiu criar aqui uma política de turismo diferenciada, que funciona, não que ela funcione "redondo", mas ela funciona melhor do que na maior parte dos lugares do Brasil, dos outros destinos.

Para o secretário de turismo, os benefícios da atividade para o município são inúmeros e têm como origem a geração de ocupação e renda para os moradores:

[...] a atividade turística, embora não seja um bom remunerador, emprega as pessoas de Bonito. E é um dinheiro altamente socializado. Além disso, nós temos o menor índice de violência dos setenta e oito municípios do estado, exatamente por causa disso: as pessoas têm ocupação e renda [...] Então está bem claro que a atividade turística em Bonito é muito importante pro nosso município e se não existisse a cidade ia virar fantasma.

Os dois moradores mais idosos entrevistados, com 70 e 63 anos, entretanto, têm uma opinião diferente em relação à atividade turística. Eles não consideram que o turismo tenha um papel significativo em suas vidas e chegam a ver empecilhos gerados pela atividade:

Tá certo que falam que Bonito é uma cidade turística, mas funciona só em torno de 56% de pessoas de Bonito [que] tão empregadas no turismo. E o restante, o que eles fazem? [...] Tinha que ter outras atividades, tem um comércio muito fraco. [...] Eu acho que o turismo junto com o meio ambiente, ele atrapalha isso daí, o crescimento de outras áreas. (E5)

Pra mim não mudou, não. Mudou pra quem mexe com isso [o turismo], pra quem trabalha com isso. Pra muitos ficou bom e pra muitos ficou ruim. Por que agora você não pode mais cortar [árvores], né? (E8)

(E6), proprietário de um atrativo turístico, demonstra paixão por sua atividade e pela possibilidade de contato com pessoas diferentes a cada dia:

Eu fui gostando. Você vê bem, eu sempre morei na fazenda, é difícil você morar num lugar que não vai ninguém. Com esse negócio de visitar [o turismo], e eu nunca que ia morar na cidade, você pode conversar também. Na medida que eu não fui mais o guia, eu fiquei só pra atender ali na porta, então eu gosto de fazer agora meu trabalho que é esse aí, que aí eu brinco, conto história [...]

Eu gosto do que eu faço, adoro fazer o que eu faço. Pra quem gosta é bom. Agora, se você não gosta, como é que você vai receber as pessoas na fazenda? Por que na fazenda é um tipo de trabalho. Na agência é outro, hotel é outro. Eu não sei atender numa agência, não sei. Eu sei lá no meu, lá eu sei. Lá eu faço meu trabalho todo dia, não canso, não é cansativo, gosto de fazer. Mesmo se eu tiver com sono, meu sono termina, eu não sei, eu gosto. E as pessoas gosta, e me falam o seguinte: 'você é a figura do seu passeio'. Então é isso aí.

2.3. O LUGAR

O conceito de lugar, referência máxima da subjetividade e da afeição pelo espaço, foi revisto dentro da Geografia a partir de uma nova referência epistemológica, a fenomenologia. A valorização da experiência dos indivíduos mudou a maneira de compreender a relação entre as pessoas e o espaço.

Espaço e lugar, como afirma Tuan (1983), implicam em noções distintas: o lugar é conhecido e evoca segurança, já o espaço se refere a algo distante e amplo, às vezes assustador. Segundo o autor:

Espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e da estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa (p.6).

Portanto, nota-se a importância de elementos como segurança, estabilidade e conhecimento para a caracterização do lugar, que seria, então, a dimensão do espaço apropriada de forma subjetiva, através da vivência e da experiência, que conferem a este espaço definição, valor e significado. É uma pausa no movimento que empreendemos no espaço e que nos permite "olhar ao redor", reconhecer os elementos que consideramos familiares e seguros e, assim, estabelecer laços.

A partir das entrevistas gravadas, buscou-se o resgate de elementos que indicassem a afetividade dos moradores em relação a Bonito, o lugar em que vivem.

Inicialmente a tarefa parecia difícil: como abordar um assunto tão íntimo, que revela sentimentos os mais diversos?

Segundo Tuan (1983), muitas vezes sequer estamos cientes destes sentimentos e experiências, e quando, por alguma razão eles vêm à tona, trazem consigo muita emoção:

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por alguma razão, assomam por um instante na superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar. As experiências íntimas são difíceis de expressar (p.151-152).

Optou-se, então, por abordar esse assunto a partir da seguinte pergunta: “Você gosta de viver aqui?” Todas as respostas foram positivas.

Passava-se a outro questionamento: “Por quê? O que faz você gostar de viver aqui?” Nesse momento, muitos dos entrevistados se emocionaram. Pareciam resgatar, entre suas lembranças, as melhores, aquelas que, em detrimento de todos os problemas e dificuldades, fazem com que, enfim, valha a pena estar ali.

Expressões e termos que indicam um profundo afeto por aquela porção do espaço, foram observados, como: “aqui é meu destino”, “meu lugar”, “um lugar, assim, mágico” e “casa”.

Da mesma forma, pode-se destacar certos padrões nas respostas, apresentados como justificativas para gostar de Bonito. São eles: a importância da proximidade de amigos e/ou parentes; a importância de conhecer muitas pessoas e ser conhecido por elas; o caminho que já foi percorrido e a vida que já foi construída ali; a tranquilidade que ainda caracteriza o município; o rio Formoso, além da paixão inexplicável por todo o lugar.

Nota-se, portanto, que a permanência dos elementos que caracterizam o lugar de cada um, é fundamental para a afeição dos entrevistados por Bonito.

Tuan (1983) observa que existe a necessidade da permanência de objetos e pessoas, para que a idéia de lugar se mantenha. Isto significa que, na ausência da pessoa ou dos elementos certos (aqueles que de certo modo foram responsáveis por termos atribuído valor ao lugar, ou contribuíram para isso), os lugares rapidamente perdem seu significado.

Em meio à minha conversa com (E7), surgiu a necessidade de lhe perguntar: Pensa em ir embora de Bonito? E ele imediatamente respondeu: “Financeiramente sim, mas por

amor não. Aqui é o meu destino”, e justificou sua resposta dizendo que ali, em Bonito, estão seus amigos, as pessoas que ama e aqueles a quem ajudou ao longo da vida e viu crescer.

Para (E5), a presença dos amigos e da família também é imprescindível para gerar essa afetividade em relação ao lugar:

Eu gosto muito de morar aqui. Acho que é por causa das amizades que eu tenho, eu tenho amizade com todo mundo. Eu nunca tive nenhum inimigo em Bonito, e em parte nenhuma também. Então aqui tenho muita amizade, muita amizade, com todo mundo, gosto de todo mundo. Eu gosto de morar em Bonito, não mudaria. [...]. E pelos parentes também, que eu tenho tudo aqui e eu amo muito os meus parentes, assim como os meus amigos, então é difícil ficar longe deles.

Nosso entrevistado mais idoso, (E8), vê extrema importância na presença de pessoas conhecidas e no fato de ser conhecido também. Para ele, o local em que não houver amigos, nunca será igual ao “seu lugar”:

Eu gosto de morar aqui, barbaridade! Por que a gente tem conhecimento, né? Você sai na rua e encontra sempre gente conversando. Às vezes quando eu to muito apurado pra ir em algum lugar, eu vou por aquelas ruas mais retiradas, por que se eu vou pelo centro, todo mundo já pára pra conversar comigo. Daí no fim nem chego onde eu tinha que chegar! Eu vou em Campo Grande, na casa da minha filha que mora lá, mas chego lá e fico louco pra vir embora, fico doido. Quando eu operei, fiquei um ano lá, mas só queria ir embora, não acostumei. Aqui onde você vai, você é conhecido, e lá não, você sai e tem um conhecimento pouco dos vizinhos [...] não é igual ao lugar da gente.

Quanto a essa necessidade premente de sair deste espaço desconhecido e retornar para aquele que é o seu lugar, Tuan (1983) avalia que é a ausência dos elementos conhecidos, como amigos e parentes, que gera esse sentimento, “de maneira que sua permanência [neste espaço] é uma irritação mais do que um conforto” (Tuan, 1983, p.155).

(E1), apesar de morar há apenas cinco anos em Bonito, também destaca a importância das amizades, além da tranquilidade e da possibilidade de, às vezes, poder se afastar da cidade, apreciar a natureza e, assim, sentir-se verdadeiro:

Gosto de morar aqui. É uma cidade que me oferece algumas coisas interessantes. Tenho um relacionamento bom com várias pessoas [...] É um lugar tranquilo, um lugar que você tem pontos físicos, pontos...locais, que você pode chegar, fazer uma caminhada, você pega uma bicicleta, você sai numa estrada aí e consegue chegar e apreciar uma natureza não tão alterada, você não precisa ir muito longe pra se sentir bem, pra você se sentir próximo daquilo que você é de fato.

Da mesma forma, (E4) revela que a tranquilidade e segurança, que ainda persistem em Bonito, onde todos se conhecem, é a razão que o faz gostar de viver ali:

Gosto muito de viver aqui. Por que é tranqüilo. Eu sempre gostei de tranqüilidade, não suporto, tenho aversão a fazer fila para as coisas, perder tempo em trânsito é uma coisa que eu não suportaria. Eu não gosto de muita gente, muita gente mesmo, sabe, multidões. Acho que se eu morasse num lugar em que eu tivesse que conviver com isso diariamente, eu não conseguiria. E eu gosto de Bonito, tem seus defeitos e tudo, mas eu gosto de viver aqui. É uma cidade aonde você larga o seu carro aberto, pelo menos por enquanto. Você conhece todo mundo e todo mundo te conhece, embora em determinados momentos isso seja ruim... Mas é preferível. Então, essa tranqüilidade que Bonito proporciona pra você viver, eu acho que não tem preço e eu não gostaria de sair procurando outro lugar.

Para (E2), muitos sentimentos vem à tona, como a importância da presença da família, a proximidade do rio Formoso (elemento pelo qual tem muita afeição), a segurança e o conforto de ser conhecida e já ter uma história construída:

Gosto [de viver em Bonito]. Só me frustro um pouco com isso das pessoas não perceberem, não contextualizarem [a importância do turismo para o município].

Acho que a proximidade com o rio, o rio Formoso, que é um lugar, assim, mágico. Quando eu viajo, eu sinto falta dele, por mais que eu não vá todo dia tomar banho de rio, ou toda semana, só de saber que ele tá aqui a menos de dez quilômetros é ótimo, já reconforta. Acho que os meus amigos todos aqui, e também por conta da minha história profissional. Quando eu penso em ir embora, eu peso muito o quanto eu consegui construir no município, que eu já dei passos importantes e isso que foi construído tem que servir de repente pra abrir porta em outro lugar, mas nunca pra deixar de ser a minha referência, deixar de ser a minha casa.

Ah, o Formoso. Quando eu lembro de Bonito, eu lembro do rio. E é muito engraçado quando eu venho pra cá, quando eu já to chegando na cidade, você tá no asfalto ainda, na rodovia [Guia Lopes - Bonito], e você vê aqueles morros assim lá no horizonte aí eu falo: "Ah! Tô chegando em casa!" Aí quando você chega e atravessa o Formoso: "Ah! Cheguei em casa! Tô em casa". Eu acho que aquele ponto ali é meio mágico por que é tanta gente falando isso. Muita gente fala: "Ah, quando eu chego ali". E pra mim é, com certeza, sem sombra de dúvida. Remete à casa. A minha família mora aqui, tá minha mãe meu pai e meu irmão, mas eu quase não os vejo, por que eles ficam na fazenda direto, mas também o fato de saber que eles tão aqui, qualquer hora que quiser liga, ou vai na fazenda, essa proximidade, tá tudo perto.

É a segurança de você ser alguém. Por que quando a gente vai pra uma cidade nova, a gente se sente muito pequeno, por mais que você não seja pequeno, por mais que você tenha uma história legal, por mais que você já tenha feito um monte de coisas, você não é ninguém. Sair de uma zona de conforto.

(E6) manifesta paixão pelo 'seu lugar' que, nesse caso, fica na área rural de Bonito, em sua fazenda. O contato com o ambiente pouco modificado, as cachoeiras e os animais, facilmente avistados, ajudam a construir esse sentimento:

Gosto de morar na fazenda. Eu saio de Campo Grande, às vezes dez, onze horas da noite, e vou dormir lá. Olha, eu gosto de tudo lá. Eu desde o dia que eu vi, que eu comprei, eu me apaixonei pelo meu lugar. Até eu falo, que só vou sair daqui quando eu morrer mesmo. Não saio de lá. Gosto de tudo, adoro. E quando não tem ninguém eu vou lá nas cachoeiras e nado sozinho. Você não conhece ainda, né? Você vai ver a energia que você recebe, aquela água limpa. Eu gosto de bicho também, eu trato macaco, eu trato arara, tucano, e eu gosto de tudo, eu saio pra andar às vezes em volta da fazenda e eu vejo assim um veado, eu converso com ele, bato palma, [...] é fácil demais ver bicho. As capivara ficam andando, tem que parar o carro em frente do portão, pra mim tocar elas e poder entrar dentro de casa.

Para (E3), Bonito é um lugar especial, pois ali se deram momentos importantes, como o início de sua vida profissional. Pouco a pouco ela se apegou ao lugar, envolvendo-se em projetos que valorizam a cultura local e, hoje tem muitos sonhos para o município:

Eu amo este lugar, vejo Bonito como o lugar onde tudo acontece, uma cidade especial, que me acolheu assim que me formei em Pedagogia, e foi aqui que pude amadurecer meus conceitos em educação e ainda mais, ir além e ver que realmente um lugar só é bom se as pessoas tiverem a sensibilidade de ver sempre o lado bom, apesar dos aspectos ruins também estarem presentes.

Bonito tem uma coisa que outros lugares não têm: um projeto, mesmo que tímido e sem muita articulação, mas tem, e acredito que isso faça a diferença.

Mas como sou sonhadora, imagino Bonito ainda melhor, onde todos os moradores tem acesso aos patrimônios natural e cultural, e não só os turistas, que passam por aqui uma semana e se vão.

Sonho com uma cidade que acolhera muito bem ao bonitense, em primeiro lugar, cidade que será exemplo de excelência em educação e não só premiada no segmento do Turismo, que alias, não é nada sem a educação. Ai, sim, estarei realizada.

Assim como ela, que deseja que o município pertença a todos os moradores e seja um exemplo na área de educação, além do turismo, (E9) também revela que tem um sonho para Bonito: ele gostaria que o patrimônio natural fosse mais valorizado, não apenas em função do turismo, e que o município se tornasse um ponto de referência em relação à pesquisa:

Eu gostaria que Bonito fosse um centro de referência de pesquisa para as universidades. Que tivesse um apoio aqui dentro de Bonito pra universidade fazer dessa região um laboratório pra pesquisa. Então viria vários estudantes aqui pra Bonito, estudaria a região, deixaria um material importante pra nós e levaria também algumas coisas pra ser divulgado. Isso eu gostaria que Bonito tivesse, um centro de formação pra pessoas trabalhar com pesquisa, por que aqui é muito rico na ecologia, na paleontologia, na parte biológica. A valorização desse patrimônio que nós temos, rico.

Para o entrevistado, Bonito é um lugar harmonioso, e estar ali o faz sentir-se num “lugar privilegiado”. Quando questionado a respeito da imagem que melhor definiria Bonito, ele disse:

Essa definição de imagem de Bonito pra mim, é o conjunto de todo o ecossistema, você tem a coisa harmoniosa. A palavra Bonito pra mim é uma “harmonialidade”, é aquele espaço que tem pra ir aonde você quer, servir do que você quer, respirar o que você quer, e transformar aquilo num remédio pra tua saúde. [...] Um paraíso. Você está com o melhor do lugar e deve fazer bom usufruto dele.

Segundo (E4), a imagem que sintetiza seu ponto de vista sobre Bonito, inclui, além do ambiente natural, a tradição e os visitantes:

Você falou em imagem, eu procurei construir uma imagem, eu vi um pôr-do-sol, atrás de um morro, uma comitiva tocando uma boiada e um monte de carro parado no asfalto tirando fotos. Eu acho que a gente poderia colocar três coisas nessa imagem: eu acho que o pôr-do-sol representaria a paisagem natural de Bonito, a comitiva tocando a boiada representaria a força do agronegócio e a cultura de raiz do povo, da nossa região como um todo, e as pessoas paradas no asfalto tirando foto, é que tudo isso junto é um grande atrativo, as pessoas querem ver isso. Acho que é isso.

Como vemos, as pessoas criam laços com o lugar em que vivem. Essa ligação se dá à medida que experiências íntimas e significativas ocorrem: bons momentos no âmbito pessoal ou profissional; boas relações com as pessoas próximas; a sensação de pertencer àquela comunidade, de conhecer e ser reconhecido.

As experiências que engendram o sentido de lugar são muito mais sutis do que podemos supor: são aquelas em que, segundo Tuan (1983, p.156), “as pessoas estabelecem verdadeiro contato”, momentos de “verdadeira consciência e troca”, das pessoas entre si e também delas com o ambiente que as cerca, como uma boa conversa, um abraço acolhedor num momento inesperado, uma algazarra de passarinhos num fim de tarde.

Tais experiências ficam profundamente guardadas na memória e, quando são lembradas, trazem consigo profunda satisfação.

Foi isso que se pode perceber ao longo de nossas conversas. Quando levados a pensar nos motivos que os fazem gostar de Bonito, algumas destas lembranças tão bem guardadas foram resgatadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não sou o resultado ou o entrecruzamento das múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, não posso me pensar como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido, e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo, da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1971, p.6).

Cada pessoa, com sua história, suas opiniões e suas lembranças, constitui um universo muito maior que o alcance das teorizações e classificações da ciência pode alcançar. O que sei do mundo, sei a partir da minha experiência nesse mundo.

Assim, embora a abordagem escolhida para a realização desta pesquisa tenha nos levado a conhecer diferentes perspectivas sobre Bonito, ela, obviamente, não nos revelou todas elas. Há muito mais pessoas a se entrevistar, muitas outras histórias a se ouvir, tantas outras razões que levam ao amor pelo lugar e outros aspectos a revelar.

Conforme foi apresentado ao longo deste trabalho, para a consecução do objetivo proposto (conhecer o município de Bonito através do olhar de seus habitantes) manteve-se contato direto com os moradores em diferentes ocasiões, através de entrevistas e observações. A cada entrevista realizada, percebia-se que outras tantas poderiam ser feitas.

Temas importantes como a exclusão em relação ao acesso aos atrativos turísticos, a falta de espaços públicos de lazer nas vilas mais afastadas do centro da cidade e as

diferenças entre os festivais (valorização do local versus valorização da demanda turística) foram revelados a partir das entrevistas e observações realizadas durante os festivais de Inverno e da Guavira.

O sentimento de exclusão foi manifestado, e muitas são as razões que podem ter engendrado tal sentimento. Pode-se inferir apenas que, se os donos de atrativos garantem descontos aos moradores, como exposto em outras entrevistas, essa possibilidade talvez não esteja sendo divulgada a contento. Portanto, neste ponto, tanto o *trade* turístico como o poder público estão falhando.

Os moradores indicaram também que consideram os equipamentos públicos de lazer insuficientes e pedem por áreas para a prática de esportes e praças localizadas nas vilas, próximas de suas casas. Destacou-se, portanto, a necessidade de que o poder público volte suas ações para aqueles que vivem longe da área central da cidade, sem asfalto e sem a opção de usufruir a contento daquele espaço que, enfim, é deles.

De fato, a paisagem urbana é bastante peculiar em Bonito, se comparada a outros municípios sul-mato-grossenses de mesmo porte. A área central concentra infra-estruturas turísticas como: meios de hospedagem, agências de turismo, bares, restaurantes e lojas de *souvenires*; possui todas as vias asfaltadas e intensa circulação de pessoas em períodos específicos. Destaca-se, ainda, a Praça da Liberdade, com seu recém inaugurado Monumento às Piraputangas, uma grande fonte, ponto obrigatório para as fotografias dos visitantes e os passeios de muitos dos moradores. Caminhando em direção às vilas, nota-se, entretanto, um grande contraste: escassez de equipamentos públicos, como praças e demais áreas de lazer, e a visível diminuição do número de ruas asfaltadas, estabelecimentos comerciais e visitantes.

Em relação às diferenças que existem entre os festivais, e que são notadas pelos moradores, destaca-se a percepção do caráter turístico do Festival de Inverno (público maior, mais turistas e artistas de renome nacional); e do caráter regional do Festival da Guavira (maior participação da população local, destaque às atrações regionais, confraternização das famílias). Entretanto, não foi observada a existência de uma preferência clara em relação a um festival ou outro, por parte dos entrevistados.

Já as entrevistas abertas e demais observações, permitiram que fosse construída uma pequena descrição da paisagem e da vida em Bonito: o dia-a-dia dos bonitenses a partir de meados do século passado, as mudanças ao longo dos anos e o surgimento do turismo.

Fica claro que essa descrição é apenas um pequeno retrato desse passado, reduzido a poucas páginas, em decorrência das próprias limitações desta pesquisa.

Bonito caracterizava-se como uma pequena comunidade rural, que vivia a partir do ritmo ditado pela pecuária e pelas festas religiosas. Através da principal via da cidade

passavam cavaleiros, deslocando-se entre fazendas, e comitivas, após longas e cansativas jornadas. Três ou quatro estabelecimentos comerciais abasteciam a população que, para obter o restante dos mantimentos, precisava viajar; viagens muito sofridas até Miranda ou Aquidauana. Dias de viagem a cavalo ou em carretas, caminhões e jardineiras, por longas estradas de terra. A luz elétrica chegou na década de 1960, através de um gerador que funcionava poucas horas por dia. Havia festas nas fazendas, com carreiras de cavalos; havia bailes na cidade. Nada, entretanto, se comparava à tão aguardada festa de São Pedro, no final do mês de junho. Todos se conheciam e o suor do trabalho braçal garantia que nada faltasse a cada um que ali vivia. No final da década de 1970 finalmente chegam a Bonito a rede de luz elétrica e a rede de água.

Esse modo de vida permaneceu assim, intacto, por muito tempo, até meados da década de 1980, quando se dão as primeiras iniciativas em torno do movimento ambientalista (que questionou as atividades econômicas tradicionais) e, depois, do turismo.

No decorrer das entrevistas, quando chamados a descrever o lugar em que vivem, a resgatar as memórias e o modo de vida presentes em sua infância e juventude e a repensar as mudanças que ocorreram ao longo desse tempo, parte dos moradores trouxe espontaneamente em sua fala a questão do turismo. Essa atividade se mostra, portanto, como algo que inevitavelmente alterou a paisagem e suas vidas.

Foi relatado o início do turismo no município, a partir do contexto do movimento ambientalista da década de 1980 e das primeiras e esporádicas visitas. A comunidade se dividiu e, aqueles que viam no turismo uma resposta aos problemas econômicos do município iniciaram a implementação das primeiras infra-estruturas e a criação das primeiras empresas. A atividade cresceu e se consolidou como principal geradora de empregos e mudou definitivamente a vida da maior parte dos moradores.

As mudanças decorrentes da atividade turística são percebidas pelos entrevistados. São notadas, especialmente, as mudanças na população local que, pelo contato com os turistas, pelas novas possibilidades de emprego e acesso a diferentes informações, reagem.

Para alguns, isso se dá com menor intensidade. Estes observam “de longe”, não consideram as mudanças advindas do turismo como relevantes, ainda que existam e aí se incluem os entrevistados mais idosos (e sem relação direta com a atividade).

Outros vêem o turismo como algo que alterou decisivamente seu modo de pensar e enxergar a paisagem do próprio município, dando-lhes oportunidade de expandir conhecimentos e vislumbrar novos caminhos.

Entre estes extremos, ficam muitos que continuam a viver suas vidas, percebendo certas mudanças, participando de algumas delas e oscilando entre aquilo que consideram bom e o que consideram negativo em relação à atividade, pois consideram que esta, tem os dois lados.

Para o turista, Bonito é paisagem a ser descoberta.

Para os que vivem no município e tem ali sua família e amigos; aqueles que ali cresceram ou que ali chegaram em busca de tranquilidade ou trabalho, Bonito é seu lugar. Sua porção do espaço dotada de extremo valor e significado, repleta de elementos conhecidos e reconhecíveis, que o tornam seguro, um refúgio.

Através das entrevistas abertas pode-se observar essa ligação entre os moradores e o seu lugar, expressa através da valorização do viver próximo a amigos e/ou parentes; de conhecer muitas pessoas e ser conhecido por elas; do caminho que já foi percorrido e a vida que já foi ali construída; da tranquilidade e segurança que ainda caracterizam o município; da proximidade do rio Formoso, além da paixão inexplicável por todo o lugar.

Saltou aos olhos a importância da permanência dos elementos que caracterizam o lugar de cada um, como algo fundamental para a afeição de nossos entrevistados por Bonito. Pelo que se pode inferir, pelo menos para esses entrevistados, as mudanças proporcionadas pelo turismo não foram suficientes para descaracterizar o lugar, já que a afeição ainda se manifesta, de forma intensa, a despeito delas.

Conclui-se, então, que o resgate das lembranças, das opiniões e desejos da comunidade em relação ao município, são subsídios muito úteis ao entendimento dos reais anseios destas pessoas e da forma como compreendem este espaço e suas idiossincrasias.

A partir da oportunidade de realizar este trabalho de pesquisa, pude conhecer melhor o município de Bonito e suas pessoas e, assim, percebi que muito ainda pode ser feito por esse lugar. Destaco o importante papel da universidade, que tem muito a contribuir e a aprender com esta realidade tão complexa. Há uma necessidade premente de aproximação entre ambos os mundos.

A história de Bonito, tão rica em eventos pitorescos, mitos e episódios que falam um pouco de nosso país, é também muito próxima e acessível: pessoas que experimentaram muitos destes episódios e eventos ainda estão vivas e dispostas a compartilhar seus conhecimentos. Entretanto, essa riqueza encontra-se, em grande parte, dispersa pelos lares de Bonito. Há que se registrar com urgência a história dessas pessoas e desse lugar.

As mudanças que vêm ocorrendo, ao longo dos últimos quinze anos, na paisagem urbana também merecem atenção dos pesquisadores, bem como a aceitação e a opinião dos habitantes a respeito da reforma da Praça da Liberdade.

Vejo, ainda, a necessidade de realizar uma pesquisa que empreenda grande esforço amostral, chegue a todas as vilas de Bonito, e entreviste os moradores resgatando suas opiniões sobre o município, sobre o turismo, sobre o acesso aos atrativos, sobre o lazer,

entre outras questões. Acredito que, assim, pode-se construir um quadro mais abrangente desta realidade e das necessidades destas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, S. **Planejamento governamental: a SUDECO no espaço mato-grossense, contexto, propósitos e contradições.** 2001. 323f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2001.

ALMEIDA, M. A. **Política de desenvolvimento e estruturação do espaço regional da área da Bodoquena em Mato Grosso da Sul.** 2005. 393f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. 2005.

BAUAB, F. P. **Da Geografia Medieval às origens da Geografia Moderna: contrastes entre diferentes noções de Natureza, Espaço e Tempo.** 2005. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2005.

BEZZI, M. L. **Região: uma (re)visão historiográfica, da gênese aos novos paradigmas.** Santa Maria: Ed. UFSM. 2004.

BOGGIANI, P. C. Por que Bonito é bonito? In: SCREMIN-DIAS, E. et al. **Nos jardins submersos da Bodoquena: guia para identificação de plantas aquáticas de Bonito e região.** Campo Grande: UFMS. 1999. p.11-23.

BOGGIANI, P. C. Ciência, meio ambiente e turismo em Bonito: a combinação que deu certo? In: BANDUCCI Jr., A.; MORETTI, E. C. **Qual paraíso?** Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. Campo Grande: UFMS, 2001, p.151-165.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 83-131.

BRASIL. MMA/ANA/PNUMA/OEA. Gerência de Recursos Hídricos de Mato Grosso do Sul - SEMA/IMAP. **Bacia Hidrográfica do Rio Formoso: qualidade das águas**. Campo Grande. 2002.

CABRAL, L. C.; BUSS, M. D. **A paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso**. Revista Espaço e Cultura. n. 13, Rio de Janeiro, 2002. p. 47-62.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p.13-74.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; Corrêa, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

CORREIA, M. A. Ponderações reflexivas sobre a contribuição da fenomenologia à Geografia Cultural. **Revista RA'EGA**, n.11, Curitiba, 2006, p.67-75.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagens, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p.92-123.

FUNDAÇÃO CÂNDIDO RONDON. **Diagnóstico Ecosocioambiental do município de Bonito**. Relatório preliminar para apreciação pública. Mato Grosso do Sul. 2006.

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 91-132.

FERRARA, L. A. Cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: RIO, V. & OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. Editora da Universidade Federal de São Carlos: São Carlos. 1999. p.61-82.

FUNDAÇÃO NEOTRÓPICA DO BRASIL. **Plano de ecodesenvolvimento do entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena**. Campo Grande, 2002.

GARDIN, C. **Histórico e avaliação do papel da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai no desenvolvimento regional (1951-1972): São Paulo e Mato Grosso**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo. São Paulo. 2002.

GARDIN, C. **Contribuições da Geografia Cultural para o entendimento da cidade: reflexões teóricas e práticas para o ensino de Geografia**. (mimeo). 2007.

GARFIELD, S. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História**. v. 20, nº 39. São Paulo. 2000. p. 15-42.

GEIGER, P. P. Turismo e espacialidade. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.55-61.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2000.

GONÇALVES, C. W. P. **Da Geografia às Geografias: um mundo em busca de novas territorialidades**. (mimeo). 2002.

GUIMARÃES, F. M. S. Observações sobre o problema da divisão regional. **Revista Brasileira de Geografia**. ano XXV, n. 3. Jul-Set 1963, p. 289-311.

HAESBAERT, R. Nossos Clássicos: Vidal de la Blache. **Geographia**, ano 1, n. 1. Rio de Janeiro. 1999 b.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001. p.103-122.

IZUMI, E. **Políticas públicas para o turismo e suas implicações no ordenamento territorial de Bonito – MS**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana. 2005.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

KOHLHEPP, G. Descobertas científicas da Expedição de Alexander von Humboldt na América Espanhola (1799-1804) sob ponto de vista geográfico. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. vol. 6, n.2, Paraíba, 2006.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp. 1999.

LIMA, S. C. A.; ABREU, S. Reflexão sobre a temática regional e o ensino de Geografia. **Geografia**: Revista do Departamento de Geociências v. 14, n. 1, jan-jun, Londrina, 2005.

LOMBA, G. K. **Revelando o invisível**: o mundo do trabalho na atividade turística em Bonito, MS. 2004. 149f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2004.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

MAILLAT, D. **Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção**. Interações Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 3, N. 4, p. 9-16, Mar. 2002.

MACHADO, L. M. C. P. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. Editora da Universidade Federal de São Carlos: São Carlos. 1999.

MARANDOLA Jr., E.; GRATÃO, L. H. B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia humanista no Brasil. **Geografia**. vol. 12, n. 2. Londrina. Jul-Dez 2003.

MARIANI, M. A. P. **Geografia e turismo no paraíso da águas**: o caso de Bonito. 2000. 265f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

MARIANI, M. A. P. Percepção dos turistas e moradores do município de Bonito: o lugar, os sujeitos e o turismo. **Turismo**: visão e ação. Ano 4, n. 11. Itajaí. 2002. p.33-46.

MARIN, A. A. **Percepção Ambiental e imaginário dos moradores do município de Jardim/MS**. 2003. 317f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos. 1971.

MOREIRA, R. Nossos Clássicos: Elisée Reclus. **Geographia**. ano 1. n.2. Rio de Janeiro, 1999, p.107-108.

NICOLAS, D. H. Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo. In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor. 1991.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. 4(7): 1-25, Rio Claro, 1979.

RODRIGUES, A. B. Desafios para os estudiosos do Turismo. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

RODRIGUES, A. B. Turismo local: oportunidades para inserção. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 55-64.

SILVA, J. C. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição In: RIBEIRO, M. A. **Território e prostituição na metrópole carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense. 2002.

SISTEMA Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC: **lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002**. 3.ed. aum. Brasília: MMA/SBF, 2003.

SOUZA, M. J. L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B (org.). **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 17-22.

SOUZA, B. I; SUERTEGARAY, D. M. A. Considerações sobre a geografia e o ambiente. **Geografia em debate**, v.1, n.1, p. 05-15, João Pessoa, 2007.

TATHAM, G. A Geografia no século XIX. **Boletim Geográfico**. n. 150. Mai-Jun 1959. p. 198-226.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Diefel: São Paulo. 1980. 288p.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

VARGAS, I. A. **Ecoturismo e desenvolvimento sustentável em Bonito-MS: elementos de análise para uma educação ambiental**. 1998. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 1998.

VARGAS, I. A. A gênese do turismo em Bonito. In: BANDUCCI Jr., A.; MORETTI, E. C. **Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal**. Campo Grande: UFMS, 2001, p.127-150.

VARGAS, I. A. **Território, identidade, paisagem e governança no pantanal matogrossense**: um caleidoscópio da sustentabilidade complexa. 2006. 283f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2006.

APÊNDICE I

**ROTEIROS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE O FESTIVAL DE INVERNO DE
BONITO, EM AGOSTO DE 2007**

I - FESTIVAL DE INVERNO

ENTREVISTA Nº _____

1. Naturalidade Bonito Outros _____**1.1. Há quanto tempo mora em Bonito?** _____**2. Bairro** _____**3. Gênero** F M**4. Ocupação** _____**5. Faixa etária** 15 a 18 19 a 25 26 a 30 31 a 35 36 a 40
 41 a 45 46 a 50 51 a 55 55 a 60 mais de 60 anos**6. O festival de inverno muda a cidade de alguma forma?** _____**O que muda?****7. Você gosta destas mudanças?****8. O festival traz algum problema para a cidade? Qual?****9. Há outros momentos durante o ano em que você nota essas mesmas mudanças (positivas ou negativas)?****10. Como é a cidade nos momentos em que não há o festival?****11. Quais atividades oferecidas durante o festival você mais gostou?****12. Nas outras épocas do ano quais são suas atividades de lazer?****13. Ainda sobre o lazer, o que a cidade oferece ao morador? Falta algo?**

APÊNDICE II

**ROTEIROS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE O FESTIVAL DA GUAVIRA DE
BONITO, EM NOVEMBRO DE 2007**

II – FESTIVAL DA GUAVIRA

ENTREVISTA Nº _____

1. Naturalidade Bonito Outros _____**1.1. Tempo de residência em Bonito?** menos de 1 ano entre 1 e 5 anos entre 5 e 10 anos entre 15 e 20 anos entre 20 e 30 anos mais de 30 anos**2. Bairro** _____**3. Gênero** F M**4. Ocupação** _____**5. Faixa etária** 15 a 18 18 a 25 26 a 30 31 a 35 36 a 40 41 a 45 46 a 50 51 a 55 55 a 60 mais de 60 anos**6. Dias em que participou do Festival:** sexta-feira sábado domingo**7. Atividades/atrações preferidas?** exposição de artesanato shows musicais outras. **Quais?** _____**8. Notou mudanças na cidade durante o Festival da Guavira?** Não Sim.**Quais?** _____**9. Percebe diferenças entre o Festival de Inverno e o Festival da Guavira?****Quais?** _____**10. Normalmente, quais são suas atividades de lazer?** Balneário Municipal bares/restaurantes/lanchonetes outros. **Quais?** _____**11. Você considera suficientes as opções de lazer que o município oferece ao morador?** Sim Não. **O que falta?** _____**12. Sugestões à organização do Festival da Guavira:** _____

APÊNDICE III

**ROTEIROS DAS ENTREVISTAS COMPLEMENTARES ÀS INFORMAÇÕES SOBRE O FESTIVAL
DE INVERNO E O FESTIVAL DA GUAVIRA, REALIZADAS EM 2008**

QUESTÕES SOBRE O FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO

ENTREVISTADO: AFONSO R. RODRIGUES Jr.

- 1) Quando ocorreu o primeiro Festival de Inverno de Bonito? Quem idealizou e organizou esse primeiro evento?
- 2) Qual era a motivação para criar um festival para a cidade de Bonito?
- 3) Como foi a recepção desse primeiro evento por parte de moradores, turistas e *trade* turístico?
- 4) O que mudou no evento ao longo dos anos?
- 5) Atualmente quem patrocina e organiza o evento? São as mesmas pessoas desde o início?
- 6) Muito se discute sobre as diferenças entre o Festival de Inverno e o Festival da Guavira. Para você, existem diferenças entre eles? Quais são?

QUESTÕES SOBRE O FESTIVAL DA GUAVIRA DE BONITO

ENTREVISTADO: ANTONIO CARLOS SILVEIRA SOARES

- 1) Quando ocorreu o primeiro Festival da Guavira de Bonito? Quem idealizou e organizou esse primeiro evento?

- 2) Qual era a motivação para criar um novo festival para a cidade de Bonito?

- 3) Como foi a recepção desse primeiro evento por parte de moradores, turistas e *trade* turístico?

- 4) O que mudou no evento ao longo dos anos?

- 5) Atualmente quem patrocina e organiza o evento? São as mesmas pessoas desde o início?

- 6) Muito se discute sobre as diferenças entre o Festival de Inverno e o Festival da Guavira. Para você, existem diferenças entre eles? Quais são?

APÊNDICE IV

**ROTEIROS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS JUNTO A REPRESENTANTES DO PODER
PÚBLICO, EM 2008**

ENTREVISTA 1

SECRETARIO MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE

EDMUNDO DINELI COSTA JÚNIOR

1. Alguns entrevistados, em suas falas, mencionam uma visível diminuição na vazão de certos rios e córregos (urbanos inclusive), ao longo dos últimos quinze anos. Você também percebe esse fato? Quais seriam as razões para essa alteração na paisagem?

2. Você considera que, em Bonito, a pressão para o cumprimento da legislação ambiental é fortalecida pela atividade turística que se desenvolve no município?

3. De modo geral, qual é a postura do *trade* turístico de Bonito em relação ao cumprimento da legislação ambiental (em área rural e urbana)? E a dos proprietários rurais que trabalham exclusivamente com agropecuária?

4. Você considera que o turismo desenvolvido em Bonito é compatível com a denominação eco-turismo e com a conservação de recursos naturais e paisagísticos?

5. Qual é a atual situação dos seguintes serviços públicos:
 - gestão dos resíduos sólidos urbanos, incluindo coleta seletiva de recicláveis;
 - saneamento, incluindo abastecimento de água, rede coletora e tratamento de esgotos, bem como a situação dos córregos urbanos, quanto à qualidade da água e das matas ciliares.

ENTREVISTA 2

SECRETARIO MUNICIPAL DE TURISMO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

AUGUSTO BARBOSA MARIANO

1. É possível estimar, dentre os membros do *trade* turístico de Bonito, quantos dos empresários são bonitenses e quantos são de outros municípios ou estados? Em caso afirmativo, qual é a estimativa?

2. Alguns moradores entrevistados manifestaram sentimento de exclusão quanto ao acesso aos atrativos turísticos de Bonito, como nos trechos de entrevistas citados a seguir:

“Nunca fui aos atrativos. O preço deveria ser mais em conta para os moradores. Não conheço nem a Gruta, nem o Aquário”.

“Os passeios são muito caros para o morador, se não fossem, seriam opção de lazer. Os moradores não conhecem nada.”

Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

3. Como o senhor analisa a relação entre: demanda turística, bem-estar da população local e preservação do patrimônio cultural, à luz da atividade turística desenvolvida em Bonito?

4. Muito se discute sobre as diferenças entre o Festival de Inverno e o Festival da Guavira. Em sua opinião, quais são as principais diferenças entre eles?

APÊNDICE V

TEMAS ABORDADOS DURANTE AS ENTREVISTAS ABERTAS

E

IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

ENTREVISTA n°: _____

ENTREVISTADO: _____ **IDADE:** _____

OCUPAÇÃO: _____ **DATA:** _____

1. Nasceu em Bonito?

Há quanto tempo mora aqui? Por que veio para cá?

2. Como era Bonito na época de sua infância e/ou juventude, ou na época em que chegou aqui?

3. Com o passar do tempo, notou mudanças?

4. Gosta de viver aqui? Por quê?

5. Qual é a imagem que melhor define Bonito, para você?

IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

E 1 – homem, 30 anos, mora em Bonito há 5 anos; analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

E 2 – mulher, 31 anos, mora em Bonito há 28 anos; professora universitária e consultora na área de gestão empresarial.

E 3 – mulher, 33 anos, mora na região há 20 anos e em Bonito há 14 anos; educadora.

E 4 – homem, 30 anos, bonitense; turismólogo.

E 5 – mulher, 63 anos, bonitense; professora municipal e estadual, coordenadora de ensino.

E 6 – homem, 58 anos, mora em Bonito há 41 anos; produtor rural e dono de atrativo turístico.

E 7 – homem, 50 anos, bonitense; proprietário de restaurante.

E 8 – homem, 70 anos, bonitense, chefe de comitiva aposentado.

E 9 – homem, 50 anos, mora em Bonito há 30 anos, guia de turismo.

ANEXO I

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO 8º FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO, REALIZADO EM 2007



2 QUINTA

PRACA
18h
Cerimônia de Abertura
19h
Música | Geração Espinhoca (MS)
Exposição | Artesanato MS
Abertura da Feira do Artesanato

GALERIA DO FESTIVAL
19h
Abertura das Exposições | Artesas MS

GRANDE TENDA
21h
Música | Gerações (MS)

ESCOLA SAGRADA FAMILIA
Cursos e Oficinas
8h - 12h | 14h - 17h
Oficinas de Arte

GALERIA DO FESTIVAL
8h - 22h
Exposições Artes Plásticas

PRACA
10h - 22h
Feira do Artesanato
10h
Teatro Circo | Burandongo | Comédia | Grupo Libertarte (MS)
13h
Festival Escócia de Vídeo
Tema: Das Águas (MS | 50 min)
Cangaço e seus Ets (MS | 115 min)

PALCO FALA BONITO
17h
Dança Bonito
20h
Música | Banda do Velho Jack (MS)

GRANDE TENDA
23h
Música | Banda Reto | Live: MTV (SP)

4 SABADO

ESCOLA SAGRADA FAMILIA
Cursos e Oficinas
8h - 12h | 14h - 17h
Encerramento das Oficinas

GALERIA DO FESTIVAL
8h - 22h
Exposições Artes Plásticas

PRACA
18h - 22h
Feira do Artesanato
11h
Teatro híbrido ita-bonense | Guitac / Incon (MS)
13h
Teatro | Acústico e a Clara (estúdio rockstar) | Casa de Teatro Circo (MS)
20h
Festival Escócia de Vídeo
Caracá (MT)
23h
Teatro de bonecos | Auto das Pastorinhas | Grupo Giramundo (MG)

PALCO FALA BONITO
17h
Música de Bonito
20h
Música | Chaleira de Frito (MS)

GRANDE TENDA
23h
Música | Rita Lee (SP)

ESCOLA SAGRADA FAMILIA
Cursos e Oficinas
8h - 12h | 14h - 17h
Oficinas de Arte

GALERIA DO FESTIVAL
8h - 22h
Exposições Artes Plásticas

TEATRO ESCOLA
10h
Teatro Circo | Burandongo | Comédia Del Arte (pp) Libertarte (MS)
13h
Dança Contemporânea em Domicílio

5 DOMINGO

PRACA
10h - 22h
Feira do Artesanato
11h
Teatro MS na Praça
13h
Música de Vitóriaria
15h
Festival Escócia de Vídeo
O olhar e a água (MT)
As coisas que vem das coisas (SP)
19h
Teatro híbrido ita-bonense | Guitac / Incon (MS)

PALCO FALA BONITO
17h
Teatro de Boneco
20h
Música | Filhos das Livres (MS)

GRANDE TENDA
23h
Música | Simone (BA)

GALERIA DO FESTIVAL
8h - 17h
Exposições Artes Plásticas

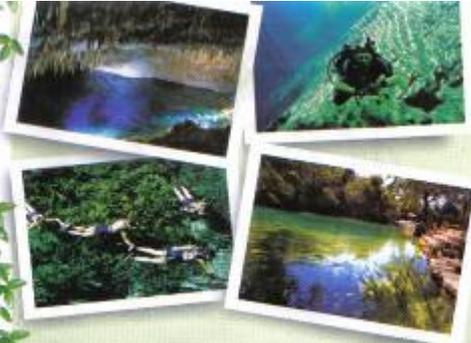
PRACA
10h - 16h
Encerramento Feira do Artesanato
13h
Teatro | O Pinhaco no reino da Rua Casa de Teatro Circo (MS)

PALCO FALA BONITO
10h
Música | Dagata e Os Alakinos (MS)

GRANDE TENDA
18h
Música | Guilherme Arantes (SP)

ANEXO II

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO VI FESTIVAL DA GUAVIRA DE BONITO, REALIZADO EM 2007



VI Festival da
Guavira
de Bonito 

23 a 25 de novembro de 2007

Praça da Liberdade - Bonito-MS

**O melhor
artesanato!**

**A melhor
gastronomia!**

**Ao som das
melhores bandas!**

VI Festival da
Guavira
de Bonito 

Programação

Local: Praça da Liberdade

Dia 23/11 - Sexta-feira
19:30h - Délinha e Banda

24/11 - Sábado
19:30h - Chalana de Prata

25/11 - Domingo
19:30h - Ricardo Maciel
e Hélinho do Bandoneon

ALÉM DAS MELHORES
ATRAÇÕES DA CIDADE DE BONITO!



ANEXO III

**CARTA ABERTA PELA CULTURA DE BONITO, PRODUZIDA DURANTE A 1ª CONFERÊNCIA
MUNICIPAL DE CULTURA DE BONITO, REALIZADA EM NOVEMBRO DE 2007**

Carta Aberta Pela Cultura de Bonito

Nós, artistas, gestores, representantes de entidades e de manifestações culturais reunidos durante a **1ª Conferência Municipal de Cultura de Bonito**, realizada nos dias 24 e 25 de novembro de 2007 nas dependências do Instituto de Ensino Superior da FUNLEC/IESF pela Prefeitura Municipal, através da Divisão de Cultura, com apoio da Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio, do Fórum Estadual de Cultura e do Fórum Municipal de Cultura, tornamos públicas através da presente Carta Aberta Pela Cultura de Bonito as sugestões e propostas decorrentes.

Cabe-nos, inicialmente, afirmar que temos a cultura como base indispensável para o desenvolvimento integral da cidadania e para a afirmação da identidade e da história dos povos, seja no âmbito local, regional ou nacional. Da mesma forma a entendemos como indispensável para o desenvolvimento da educação, para inclusão social nas camadas menos favorecidas, geração de renda, preservação ambiental e fortalecimento das atividades turísticas.

O encontro teve como foco central a necessidade da criação e do aperfeiçoamento dos mecanismos legais indispensáveis ao desenvolvimento da área cultural de Bonito – destacadamente o Conselho Municipal de Cultura – contribuindo também para fortalecer a integração entre as áreas da produção cultural local e de definir prioridades.

Com relação ao município, consideramos necessário:

- Ampliar e fortalecer as ações da DIVISÃO DE CULTURA DA FUNCEB (Fundação de Cultura e esportes de Bonito), capacitando-a para tornar-se efetivamente uma Fundação de Cultura;
- Constituir o Conselho Municipal de Cultura com funções deliberativas e representação paritária, da sociedade civil e da administração municipal, após necessárias alterações na Lei Municipal n. 995, de 17 de dezembro de 2003
- Constituir um Fundo Municipal de Cultura com o objetivo de prover as necessidades operacionais do setor, viabilizando suas ações;

- Consolidar o Fórum Municipal de Cultura de Bonito (FMCB) enquanto mecanismo de representação da sociedade civil na área cultural do município;
- Promover políticas municipais de cultura voltadas para o desenvolvimento simultâneo das oito áreas da produção cultural previstas na Lei Estadual n. 2726.
- Investir em capacitação local para melhorar a qualidade dos projetos, que devem ser voltados para o desenvolvimento de todas as áreas da produção cultural, nos termos da Lei Estadual n. 2726, ampliando as possibilidades de captação de recursos;
- Que a capacitação local na área de cultura, quando realizada fora do município, priorize a formação de “formadores”, ou seja, de monitores e instrutores que possam repassar seus conhecimentos aos demais;
- Espaços permanentes e infra-estrutura para produção e apresentação das nossas manifestações culturais, incluindo a Praça da Liberdade – com o necessário equipamento – e um centro cultural com auditório para abrigar, além de apresentações, reuniões, seminários e debates. A infra-estrutura deve possibilitar também o deslocamento das ações culturais aos bairros, balneário e demais localidades no âmbito do município;
- Com relação ao espaço cultural vale lembrar que não dispomos atualmente de espaço público dessa natureza, situação incompatível com as necessidades da área e com a notoriedade da qual o município desfruta, em âmbito nacional e internacional;
- Fortalecer a luta pela concretização do projeto que cria o Geo Parque da Serra da Bodoquena, entendendo-o como fator de suma importância para o fortalecimento da história, da cultura e do turismo da região e de Bonito.

Com relação às ações de âmbito estadual:

- Apoiar políticas públicas voltadas para a organização e maior participação dos municípios na cultura, com melhor e justa

distribuição de recursos, destacadamente da verba do FIC (Fundo de Investimentos Culturais);

- Apoiar a continuidade da realização do Festival de Inverno de Bonito, adequando-o de forma a atender às demandas da cultura local e contribuir efetivamente para seu desenvolvimento.

Nesse sentido, propomos:

1. Formação de uma comissão local constituída por representantes da administração municipal nas áreas de cultura (Divisão de Cultura e Conselho Municipal de Cultura), de turismo (Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio e COMTUR), Educação e Meio Ambiente para participar da organização do evento, desde a sua fase de planejamento, contribuindo para o seu sucesso e para que haja benefícios quantificáveis ao município;
2. Valorizar o desenvolvimento da cultura local e a ampla participação de seus artistas, de todas as áreas de produção e de todos os segmentos étnicos;
3. Destinar 50% da verba arrecadada pelas bilheterias dos shows realizados durante o Festival de Inverno para um fundo municipal de cultura, a fim de desenvolver o setor.

Este documento será encaminhado, em nome do interesse público da comunidade e da área cultural de Bonito, aos governos municipal, estadual e federal e entidades afins.

Atenciosamente.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)